

Marcela Miller

ANDANÇAS DE UM GATO PRETO PARA ALÉM DE UM CAMPO DE NEVE

Representações do Brasil e dos EUA na narrativa de viagem de Erico Verissimo

Dissertação apresentada à Coordenação de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal Fluminense como requisito parcial para a obtenção do Grau de Mestre. Área de concentração Estudos de Literatura. Linha de pesquisa: Perspectivas Teóricas dos Estudos Literários.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Susana Kampff Lages

**Niterói
2010**

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do Gragoatá

B238 Barbosa, Marcela Miller.

ANDANÇAS DE UM GATO PRETO PARA ALÉM DE UM CAMPO DE NEVE: representações do Brasil e dos EUA na narrativa de viagem de Érico Veríssimo / Marcela Miller Barbosa. – 2010.
180 f.

Orientador: Susana Kampff Lages.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, 2010.

Bibliografia: f. 176-180.

1. Estados Unidos; relato de viagem. 2. Veríssimo, Érico, 1905-1975. Gato preto em campo de neve. 3. Literatura brasileira; história e crítica. 4. Identidade cultural. I. Lages, Susana Kampff. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Letras. III. Título.

CDD B869.3009

Marcela Miller Barbosa

ANDANÇAS DE UM GATO PRETO PARA ALÉM DE UM CAMPO DE NEVE
Representações do Brasil e dos EUA na narrativa de viagem de Erico Verissimo

Dissertação apresentada à Coordenação de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal Fluminense como requisito parcial para a obtenção do Grau de Mestre. Área de concentração: Estudos de Literatura. Linha de pesquisa: Perspectivas teóricas dos estudos literários.

Aprovada em fevereiro de 2010.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Susana Kampff Lages – orientadora
UFF

Prof^a. Dr^a. Stefania Chiarelli
UFF

Prof^a. Dr^a. Carlinda Nuñez
UERJ

Niterói
2010

Agradecimentos

Difícil um trabalho feito sem ajuda. Ainda mais um trabalho que se estende por mais de dois anos, feito sem a ajuda de bolsa de pesquisa, no intervalo dos trabalhos remunerados que pagam as contas de cada mês. Justamente por ter sido feito assim, nos intervalos dedicados ao lazer e à convivência em família e entre amigos, começo agradecendo ao “povo da casa”:

Ao Glenn, pelo tempo roubado, pela paciência e pelo apoio; e também aos “bixentes” Bernis, Carô e Gaston, e Minka e Lothar, que, carentes de atenção, deitavam aos meus pés, no meio dos livros, no colo, silenciosos e respeitosos em seu carinho;

A meus pais, sem medo do lugar-comum, também pelo apoio – muitas vezes traduzido em ajuda financeira para a compra de livros, já que contamos com bibliotecas desatualizadas e lacunares –, pela paciência, pelo carinho e, principalmente, por terem me ensinado o prazer dos livros. Bobagem agradecer à minha irmã, acostumadas que somos, muito mais por afinidades do que pelo hábito, a compartilhar tudo;

Aos amigos, especialmente os mais próximos nessa hora, por contingências da vida: Luís Eduardo Lobianco, pelo ânimo capaz de me fazer acreditar que era possível; Nelson Cantarino, Fabricio Alexandrino, Maria Mostafa, Roberto Kaz e Paulo da Costa e Silva, pelas inflamadas discussões em torno das mais diversas manifestações de brasilidade; José Antonio Ribas e Leonardo Civalle, pelas afinidades intelectuais que compartilhamos desde o tempo de faculdade.

Na universidade, razão de ser desse trabalho, também são muitos a quem agradecer:

À Prof^a. Dr^a. Lucia Helena, por me acolher e guiar no início desse trajeto;

À minha orientadora, Prof^a. Dr^a. Susana Kampff Lages, por ter “pego o bonde andando”, com tanta generosidade e dedicação, e por me conduzir com paciência pelo caminho das pedras, desajeitada que fui;

Às professoras que gentilmente aceitaram integrar a banca examinadora – Stefania Chiarelli, Carlinda Nuñez, Matildes Demétrio dos Santos e Rosana Bines.

À Nelma, que na Secretaria da Pós, tantas vezes pacientemente me ajudou a percorrer os trâmites burocráticos nos quais me perdia;

À colega e doutoranda Lucia Helena Manna, tão generosa ao dividir comigo leituras e impressões sobre Erico Verissimo e, claro, aos colegas de mestrado, pelas angústias divididas, aqui representados todos por Tânia Nunes.

Um agradecimento especial ao Prof. Dr. Flávio Wolf de Aguiar e sua orientanda Anita de Moraes, que, dentro do melhor espírito de cooperação acadêmica, me possibilitaram acesso ao trabalho pioneiro de Anita sobre os relatos de viagem de Erico Verissimo.

A gente sempre esquece alguém importante. Ainda mais porque agradecer vem nas páginas da frente, mas geralmente está entre as últimas coisas a serem feitas, às pressas por conta do prazo que finda. Nesse caso, só posso esperar contar com a compreensão de que foram injustamente esquecidos.

No mais, cabe dizer que compartilho com todos aqui as conquistas e acertos. Quanto às falhas e erros, faço mea-culpa.

Não quero mal às ficções, amo-as, acredito nelas, acho-as preferíveis às realidades; nem por isso deixo de filosofar sobre o destino das coisas tangíveis em comparação com as imaginárias. Grande sabedoria é inventar um pássaro sem asas, descrevê-lo, fazê-lo ver a todos e acabar acreditando que não há pássaros sem asas.

Machado de Assis, “O punhal de Martinha”
in *A Semana*, 5 de agosto de 1894

RESUMO

Gato preto em campo de neve é a primeira narrativa de viagem do romancista gaúcho Erico Verissimo. Verissimo, a convite do governo norte-americano, parte, em 1941, para uma viagem de três meses, costa a costa dos EUA. Como resultado de sua primeira experiência no exterior, e por conta do contexto histórico no qual se insere, o relato permite abordar questões relacionadas às identidades nacionais, regionais e supranacionais que se manifestam no encontro de Verissimo com a cultura norte-americana, assim como as práticas de tradução cultural que esse encontro suscita.

palavras-chave: literatura de viagem; Erico Verissimo; encontros culturais; identidades culturais; tradução cultural.

ABSTRACT

Gato preto em campo de neve is the first travel book by Brazilian novelist Erico Verissimo. Responding to an invitation made by the American government in 1941, Verissimo departs on a three month journey from coast-to-coast across the United States. As result of his first experience abroad and due to its historical context, the account allows broaching issues related to national, regional and supranational identities that arise from the writer's encounter with the American culture, as well as the practices of cultural translation engendered by this encounter.

key-words: travel literature; Erico Verissimo; cultural encounters; cultural identities; cultural translation.

Sumário

INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO 1	
A viagem e sua literatura	14
1.1. Viajar e narrar.....	14
1.2. A literatura de viagem: entre o documento e a literatura	16
1.3. O Brasil e a literatura de viagem	20
1.4. A literatura de viagem: delimitação do gênero.....	24
CAPÍTULO 2	
Vistos de viagem: os contextos internacional e nacional	32
CAPÍTULO 3	
Identidades em jogo.....	47
3.1. Identidade na América.....	47
3.2. Identidade no Brasil.....	50
3.3. Olhares brasileiros sobre o Brasil e os EUA	54
3.3.1. Monteiro Lobato	55
3.3.2. Alceu de Amoroso Lima.....	57
3.3.3. Vianna Moog	60
3.3.4. Erico Verissimo	63
3.4. Identidades em jogo.....	76
3.5. Identidade e estereótipo	85
CAPÍTULO 4	
Em trânsito : deslocamentos, encontros interculturais e tradução cultural.....	88
4.1. Gato preto em campo de neve	89
4.2. Outros relatos americanos	149
4.2.1. A volta do gato preto	149
4.2.2. México.....	160
4.3. Coda interamericana	165
CONCLUSÃO	
Mementos: o que é trazido na bagagem	170
BIBLIOGRAFIA	175

Lista de abreviaturas usadas

EV = Erico Verissimo

EUA = Estados Unidos da América

obras:

GP = *Gato preto em campo de neve*, 1941

VGP = *A volta do gato preto*, 1946

MEX = *México*, 1957

SCI = *Solo de clarineta I*, 1973

SCII = *Solo de clarineta II*, 1976 (edição póstuma)

[...]
andando andando
por uma terra que não tem fronteiras,
contando da sua vida
dizendo da sua lida
e juntando o seu calor
vasto e profundo
a essa inquieta esperança
que arfa no peito do mundo.
[...]
Mário Quintana

INTRODUÇÃO

Esse fragmento de “Carta ao Erico”, poema escrito por Quintana em homenagem aos quarenta anos de vida literária de Erico Verissimo, fala das personagens do escritor. Mas é impossível não pensar também no próprio Verissimo viajante, que sai de Cruz Alta, pequena cidade do interior do Rio Grande do Sul, para ganhar o mundo. De início, com o sucesso de seus livros no Brasil, e logo com a tradução de suas obras para diversos idiomas estrangeiros¹. Tamanho sucesso levaria EV a ganhar o mundo também como viajante de fato, percorrendo inúmeros países, fosse para divulgar a literatura brasileira, atuar no serviço diplomático ou simplesmente fazer turismo.

¹ Várias obras de EV foram traduzidas, com as respectivas datas para as primeiras edições: espanhol em 1940; inglês em 1943; italiano em 1949; alemão em 1953, francês em 1955, húngaro em 1967; russo em 1969; romeno em 1975; tcheco em 1977; finlandês em 1980; polonês em 1982; indonésio em 1990; sueco em 1994; japonês em 1996; norueguês e holandês (s/d).

Qualquer que fosse o propósito da viagem, o prazer de viajar estava sempre presente. EV se dizia tomado pelo “demônio das viagens”, herdeiro das “longas corridas” do avô tropeiro, “com pousos aqui e ali”. Dizia viajar pelo mesmo motivo pelo qual lia romances, biografias, memórias, ou assistia a filmes ou peças de teatro: por curiosidade e, principalmente, para multiplicar sua vida por muitas outras. Viajar, assim, é uma forma de conhecer, apreender o mundo, ir além. Narrar, uma forma de compartilhar o vivido, multiplicar-se no outro, leitor ou ouvinte, fazer ir além. Ler, viajar, narrar, são todos atos de expansão do conhecimento, apropriação do mundo.

Quando da reedição de *Gato preto em campo de neve*, por conta das comemorações do centenário de nascimento de Erico Verissimo (1905-1975), o livro me caiu nas mãos por contingência profissional. À sua leitura, algumas questões que já despertavam meu interesse foram se firmando: como se configuram e se relacionam identidades culturais – no caso, nacionais, supranacionais e regionais? Que uso fazemos delas? Além disso, a obra era profundamente marcada por um momento tenso da história mundial e, ao mesmo tempo, extremamente rico dentro das fronteiras nacionais por conta das transformações que então ocorriam na sociedade brasileira – inclusive, a própria configuração da identidade nacional no Brasil, o que aumentava meu interesse.

Gato preto em campo de neve é um relato privilegiado pela sensação de deslocamento. Primeiro, porque trata da primeira viagem de EV para o exterior, seu primeiro contato direto com outra cultura. Além disso, trata de uma viagem relativamente longa, em termos temporais e espaciais, pois se estende por três meses e percorre os EUA costa a costa, de trem. A circunstância da viagem é o deslocamento. EV praticamente não pára, passando de uma cidade à outra e cumprindo uma série interminável de compromissos nas grandes cidades nas quais se detém por mais tempo. Por isso, esse relato favorece a observação dos diversos confrontos identitários que se

atualizam no decorrer da viagem, sofrendo pequenas variações, alterações, acréscimos, desvios e correções. Outro aspecto importante que pode ser observado são os procedimentos de tradução cultural que se operam nos dois sentidos: quando os americanos querem compreender o Brasil e quando EV procura entender ou explicar os EUA para o leitor. No caso de EV, ele tem sobre os americanos a vantagem de dominar o idioma e ser um tradutor literário.

Até então, eram escassos os trabalhos sobre a literatura de viagem de Erico Verissimo: Anita de Moraes, com sua excelente dissertação de mestrado sobre o narrador nos relatos de viagem de EV e a historiadora Kátia Baggio, que vinha se dedicando ao estudo dos relatos sob uma perspectiva histórica, mas com poucos textos acessíveis; além dos textos de Donaldo Schüler e Renata Wasserman. Em 2008, é publicado o texto de Regina Zilberman sobre *México*. Destes, é da pesquisa de Baggio de que mais me aproximo, por abordarmos os relatos por uma perspectiva histórica. Enquanto seu artigo sobre *México* investiga as imagens, representações e interpretações construídas no Brasil sobre a América hispânica, procurei pensar as representações e interpretações que o Brasil construía sobre os EUA, enquanto, concomitantemente, vinha se empenhando na construção de sua própria identidade e que aparecem em *Gato preto em campo de neve*.

O primeiro capítulo é dedicado ao fenômeno da viagem e sobre a literatura de viagem como gênero literário caracterizado pelo hibridismo próprio da sua situação de fronteira entre história e literatura. A partir dessa abordagem, irei rever a trajetória da literatura de viagem no Brasil e situar os livros de viagem de EV nessa série literária.

O capítulo 2 traça um rápido panorama dos contextos interno e externo nos quais EV produz seus relatos e procura identificar como o contexto brasileiro do Estado Novo

e o contexto internacional da política de boa vizinhança e da Segunda Guerra Mundial interferem na construção da narrativa de viagem de EV.

O capítulo 3 investiga a configuração da viagem como instância deflagradora de questionamentos identitários, e também como as relações construídas entre essas identidades se manifestam no decorrer da viagem. Esta leitura de *Gato preto em campo de neve* irá privilegiar a dinâmica dos encontros culturais e o jogo de identidades que se atualiza a cada nova situação com a qual o autor viajante se depara, assim como os procedimentos de tradução cultural que se fazem necessários, e de fato se realizam, com maior ou menor eficácia. O capítulo também irá investigar em que medida as diferentes identidades em jogo naquele relato se alinham ao projeto de nação em discussão no Brasil naquele momento, período fecundo de interpretações sobre nossa identidade e sua construção histórica.

O capítulo 4 procura identificar as situações de confronto intercultural e os procedimentos de tradução cultural necessários para aquela que parece ser a idéia central do projeto de EV: no momento da viagem, apresentar o Brasil aos EUA; no momento da narrativa, apresentar os EUA ao Brasil. A leitura de *Gato preto em campo de neve* aparece secundada por sua continuação, *A volta do gato preto*, e por *México*, por se tratarem de obras nas quais não só as questões identitárias também aparecem, mas principalmente pelo fato de se tratarem de obras também ligadas ao continente americano e nas quais EV parece avançar no uso de alguns dos recursos narrativos que caracterizam sua obra.

A conclusão procura apontar novos caminhos para o estudo das narrativas americanas de EV, especialmente no que diz respeito às imagens, representações e interpretações construídas acerca das identidades em confronto nessas obras.

Cruzar a fronteira entre a história e a literatura, ou melhor, estabelecer um espaço de interdisciplinaridade, não é tarefa fácil. Mas, a riqueza dos estudos interdisciplinares permite a construção de novos espaços de convivência e diálogo capazes de suscitar permutas e divergências enriquecedoras. Entrar no mundo da literatura, com suas exigências instrumentais próprias e novas para mim, teve o poder de reforçar minha convicção no vigor da incerteza, que acredito ser a melhor companheira do trabalho intelectual, pois significa aceitar a complexidade e, a partir daí, estabelecer esferas de convívio que sejam reciprocamente enriquecidos. É nesse sentido que espero ter sido capaz de obter algum êxito.

CAPÍTULO 1

A viagem e sua literatura

1.1. Viajar e narrar

Viajar é uma ação humana por excelência. Só os homens viajam — seja de fato ou metaforicamente. Os animais limitam-se a migrar — seja para procriar, como fazem os salmões e as tartarugas, ou para fugir do inverno, como as andorinhas. Assim, a condição de viajante está indissociavelmente ligada à condição humana, e “só os viajantes são inteiramente humanos”, quando, ao viajar, se distinguem não só daqueles que, como plantas, criam raízes na terra, como daqueles que, como certos animais, não são capazes de sobreviver fora de um *habitat* específico, presos a seu ecossistema (ROUANET, 1993:7). Somente os viajantes “exercem, em sua plenitude, a prerrogativa máxima da espécie, a de cortar, consciente e voluntariamente, por algum tempo ou para sempre, os vínculos com o país de origem” (ibidem:7). Viajar é, pois, um ato de liberdade que se constitui, invariavelmente, sempre dos mesmos momentos: partida, percurso, chegada e, sobretudo, do mais humano de todos os momentos, aquele que desencadeia todo o processo: o momento do desejo, em que a viagem é ainda somente “a fantasia do novo, a esperança de chegar, o encontro com o país sonhado” (ibidem:8). Assim, ao viajarmos, temos a nos guiar a fantasia que nos motivou, e é ela que será responsável pelo prazer ou pela melancolia porventura resultantes da viagem realizada.

Viajar é deixar para trás o comezinho e voluntariamente partir em busca do desconhecido, e por isso revela um desejo de conhecimento. Viajar é conhecer, é abrir-se a novas experiências. É romper fronteiras, tanto geográficas como pessoais. Quem viaja depara-se com o outro e experimenta a alteridade, a “condição de ser distinto”

(HOUAISS, 2001). Para o antropólogo americano James Clifford, a modernidade é profundamente marcada pelas viagens, que apresentam a diferença entre as sociedades explicitada pelo deslocamento, por experiências culturais emaranhadas que evidenciam estruturas e possibilidades de conexão num mundo não-homogêneo (CLIFFORD, 1997:2). A viagem possibilita uma gama complexa e variada de experiências decorrentes de práticas de interação que problematizam questões culturais que, até o encontro com outra cultura, podiam ser naturalizadas, internalizadas sem objeção ou controvérsia. Durante a viagem, a “condição de ser distinto” não só se apresenta, como pode ser questionada, interrogada, ou submetida à rasura.

Quem viaja para o estrangeiro precisa reaprender a ler o mundo, que se apresenta sob nova forma, até então ignorada. Uma outra cultura é como um texto a ser lido, decifrado, e para tanto é preciso estabelecer relações de comparação e contraste, distinção e diferença, que podem ser sutis ou extremadas, levar ao deslumbramento ou ao choque, ao abarcamento ou à repulsa. Assim, viajar exige do viajante, antes de mais nada, observar e cotejar, procurar entender – e como entender o novo, o estranho, o desconhecido, sem realizar comparações com aquilo que se conhece e entende?

Da vontade e do esforço para entender o outro, o viajante pode facilmente ir de um pólo a outro – da desconfiança frente à diferença do outro à desconfiança da compreensão que tem de si mesmo –, pois o contato com o novo abre espaço para novas e surpreendentes reflexões – talvez antes insuspeitadas – sobre o mundo que o cerca, sua cultura, sua forma de ver e viver a vida.

Experimentar o novo traz em si a vontade de compartilhar, daí narrar a viagem, num esforço no sentido de melhor se apropriar e compreender aquilo que foi vivido. É no esforço de transpor a experiência para a linguagem que, muitas vezes, a compreensão

se realiza. O instante de ver, que é a viagem, se estende pelo tempo para compreender da construção da narrativa. Narrar a viagem demanda transportar entre fronteiras, de uma cultura a outra, a novidade experimentada: novos lugares, novas comidas, novos utensílios, novos usos e costumes, novas formas de ver e viver a vida, para as quais muitas vezes o viajante não tem palavras em sua língua de origem. É preciso traduzir, que em sua origem latina significa conduzir ou fazer passar de um lado a outro, atravessar. Traduzir, então é a tarefa de criar pontes entre dois mundos, duas linguagens.

Portanto, narrar a viagem é sempre uma experiência de tradução e a literatura de viagem nasce sob essa marca, que se torna sua distinção irrefutável. Mesmo nas narrativas de viagens realizadas dentro do próprio país de origem de seu autor, encontra-se a tarefa do tradutor: transpor de um contexto cultural a outro a nova realidade vivenciada, ainda que estes contextos ocorram no seio de uma mesma língua.

1.2. A literatura de viagem: entre o documento e a literatura

Por conta de sua vocação referencial (LE HUENEN, 1987:47) por muito tempo o relato de viagem foi visto como um testemunho com compromisso imediato com o real, o que lhe dava um *status* de documento, e, portanto, fazia dele um texto mais do âmbito da história que da literatura.² O fato é que, oscilando sempre entre o discurso literário e científico, o relato de viagem carrega discursos variados (ibidem: 46) que se articulam no seu interior, cada qual com seu próprio léxico e propósito. Ao longo da história da América, vemos esses discursos se manifestarem em todas as suas formas: o

² “One’s ready assumption would probably be that travel writing is a factual, first-person account of a journey undertaken by the author.” (HOOPER & YOUNGS, 2004:2)

discurso do geógrafo³, do naturalista⁴, do colonizador⁵, do mercenário⁶, do militar⁷, do administrador⁸, do diplomata⁹, do etnólogo¹⁰, do artista¹¹, do comerciante¹², do missionário¹³ e mesmo uma abordagem histórica¹⁴. Não falta nem mesmo o discurso feminino¹⁵, que historicamente teve maior dificuldade em se difundir. Essa inegável variedade dos discursos que constituem o relato de viagem, com suas práticas e formas específicas, torna extremamente difícil, senão impossível, considerar e descrever o relato de viagem como um gênero autônomo, submetido a regras e restrições próprias, dotado de características que lhe sejam específicas. Trata-se, portanto, de um gênero híbrido, formado na confluência de vários discursos e situado na fronteira entre o científico e o artístico, entre a história e a literatura, entre o fato e a ficção, ao mesmo

³ Alexander von Humboldt (*Le voyage aux régions équinoxiales du Nouveau Continent, fait en 1799-1804, par Alexandre de Humboldt et Aimé Bonpland*, 1807).

⁴ Maximilian Wied-Neuwied (*Reise nach Brasilien*, 1820-21); Spix e Martius (*Reise in Brasilien*, 1823-31); Auguste de Saint-Hilaire (várias obras descrevendo viagens pelo Brasil entre 1816-1822) entre outros.

⁵ Pero de Magalhães Gândavo (*História da Província de Santa Cruz*), foi muitas vezes descrito como um propagandista da imigração – cf. Capistrano de Abreu e Alfredo Bosi.

⁶ Hans Staden (*Warhaftige Historia und Beschreibung eyner Landtschafft der wilden, nacketen, grimmigen Menschfresser Leuthen in der Newenwelt America gelegen*, 1557, conhecido como *Duas viagens ao Brasil*)

⁷ Joannus Henrikus Willen Le Clerc, militar holandês que esteve no Brasil em 1844 (*Nachtverloijt in Brasilië*)

⁸ Francisco Xavier Ribeiro Sampaio, administrador português (*Diário da viagem que em visita e correição das povoações da capitania de São José do Rio Negro fez o ouvidor e intendente-geral da mesma... no ano de 1774 e 1775*)

⁹ Ferdinand Denis, lotado no consulado francês em Salvador (*Brésil*, 1837) e William Gore Ouseley, diplomata inglês filho do orientalista de mesmo nome (*Views in South America*, 1852).

¹⁰ Johann Jakob von Tschudi (*Reisen durch Südamerika*, 1866).

¹¹ Johann Moritz Rugendas (*Viagem pitoresca através do Brasil*, 1835), Jean-Baptiste Debret (*Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil*, 1834-1839), François-Auguste Biard (*Deux années au Brésil*, 1862).

¹² John Luccock (*Notes on Rio de Janeiro and the Southern Parts of Brazil*, 1820)

¹³ Os jesuítas Fernão Cardim (*Tratados da terra e da gente do Brasil*, data incerta), Manoel da Nóbrega (*Informação da Terra do Brasil*, 1549 e *Diálogo sobre a conversão do gentio*, 1557) e José de Anchieta (*Os feitos de Mem de Sá*, 1563 e *Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil*, 1595) entre os católicos, ao lado do francês André Thevet (*Les singularitez de la France Antarctique*, 1557); os franceses Jean de Léry (*Histoire d'un voyage en la terre du Brésil*, 1578), Claude d'Abeville (*Histoire de la mission des pères capucins en l'isle de Maragnan*, 1614) e os americanos Kidder e Fletcher (*Brazil and the Brazilians*, 1857) entre os protestantes

¹⁴ Frei Vicente do Salvador (*História do Brasil*, 1627) e André João Antonil (*Cultura e opulência do Brasil*, 1711), que esboçam uma reflexão sobre os acontecimentos. A obra de Frei Vicente do Salvador estaria, ao lado da de Ambrósio Fernandes Brandão (*Diálogos das grandezas do Brasil*, 1618) entre as primeiras a finalmente apresentar a terra como um lugar onde criar raízes (MERQUIOR, 1996:21).

¹⁵ Representado nos relatos de viagem para o Brasil pelas figuras da inglesa Maria Graham (*Journal of a voyage to Brazil*, 1824), da francesa Adèle Toussaint-Samson (*Une parisienne au Brésil*, 1883), por exemplo.

tempo documento e representação. E essa ambigüidade permanente parece ser a riqueza própria dos relatos de viagem.

Mas então como definir o relato de viagem? Em primeiro lugar, consideramos relato de viagem todo e qualquer relato que carregue em si a visão de um novo mundo (MINDLIN, 1991:35). Não só do Novo Mundo propriamente dito, como nos casos clássicos dos viajantes que se deslocaram para a América – ou mesmo para o Oriente, esse eterno desconhecido de que nos fala Edward Said – como também para mundos pouco ou nada conhecidos que foram descritos por aqueles que inverteram a experiência clássica do viajante que se desloca do centro para a periferia. São aqueles que viveram a rara experiência de ir ao “centro” e por isso têm novidades a narrar – como é o caso das narrativas do gato preto de EV. Qualquer que seja a direção, seja o caso de desvendar a periferia ou reconhecer o centro, trata-se sempre do relato de uma experiência própria. Há um viajante que narra suas peripécias e descreve paisagem, fauna e flora, hábitos e costumes que lhe são estranhos. Se procuramos uma característica que seja específica do relato de viagem, está no fato de serem sempre fruto de uma experiência. “Quem viaja tem o que contar”¹⁶ e por isso o viajante é uma figura paradigmática do narrador tradicional (BENJAMIN, 1936:198), representado no pensamento de Benjamin pelas figuras do marinheiro e do camponês. Enquanto o primeiro é quem vem de longe e narra o desconhecido, o segundo é aquele que conhece as histórias e tradições de seu local de origem e as perpetua pela narrativa. O autor do relato de viagem, portanto, se aproxima da figura do narrador tradicional cuja experiência – local, no caso do camponês, ou distante, no caso do marinheiro – procura passar adiante por meio da narrativa. Para Benjamin, o relato de viagem se aproxima do lugar de origem da narrativa,

¹⁶ O vínculo entre o narrador e a experiência, a partir do texto seminal de W. Benjamin, também foi apontado na abordagem dos relatos de viagem de EV por Anita de Moraes em sua dissertação de mestrado – cf. Bibliografia.

configurando-se como uma de suas formas mais arcaicas. Benjamin de fato coloca como hipótese a premissa de que a origem da literatura possa estar na narrativa de viagem. O viajante que narra o desconhecido para aproximá-lo, torná-lo sabido, replica a figura do marinheiro que busca compartilhar uma experiência nova – ainda que, na modernidade, seu relato esteja distanciado da dimensão utilitária da narrativa tradicional de que nos fala Benjamin. O tempo da narrativa, seja ela oral ou escrita, permanece um momento privilegiado da viagem, sua etapa final, estação da memória que se desdobra para o ouvinte ou leitor como sua oportunidade de partir em viagem.

Dessa forma, se os relatos de viagem são escritos que relatam uma experiência, carregam em si as observações e impressões de seus autores sobre lugares diferentes daquele de sua origem. Temos, então, um conceito de literatura de viagem que se define como “expressão do encontro entre duas culturas distintas: a do escritor e a do observado” (RIBEIRO, 2007a:155).

A chamada literatura de viagem evolui – desde seu florescimento no século XVI, com o advento das grandes navegações – da mera crônica de informação ao relato científico das expedições do século XIX, chegando ao século XX como um “relato reportagem com ares de literatura” (ibidem:156), incorporando impressões subjetivas de seu autor. Trata-se de uma narrativa que, ao retratar um local, não só documenta sua época, mas também a visão de mundo de seu autor. Já desde o século XIX, “a descrição de uma experiência se torna a primeira condição da narrativa de viagem” e não mais “apenas uma possível consequência desta” (MORAES:3). Avançando ao longo do século XX, o viajante “se torna testemunha de um mundo caleidoscópico em constante transformação” e seu olhar se modifica, “volta-se para si mesmo, tornando-se mais

subjetivo e introspectivo”, capaz de delinear “primordialmente, o sujeito que narra” (idem:4).

O leitor da literatura de viagem do século XX procura a narrativa de uma experiência única, na qual a subjetividade do autor é capaz de ampliar a sua própria experiência, seja também como um viajante que se destina àquele mesmo local ou simplesmente como o leitor que viaja metaforicamente por meio do relato de outro. Se é a fantasia que motiva o viajante, é também ela que motiva o leitor, que, no caso da literatura de viagem, é dispensado da necessidade de deslocamento físico para conhecer uma nova realidade cultural. Se viajar é uma forma de conhecer o mundo, “precisamos partir, sim, precisamos do trânsito e da chegada – (...) não temos necessariamente que sair do lugar” (ROUANET, 1993:9), exceto metaforicamente, pois se conhecer é viajar, nunca retornamos ao nosso ponto de origem, deslocados que somos pela experiência do conhecimento.

1.3. O Brasil e a literatura de viagem

Desde seus primórdios, a literatura brasileira está indissociavelmente ligada aos relatos de viajantes. Os primeiros documentos sobre a vida em terras brasileiras são de viajantes portugueses, ou mesmo brasileiros, que procuravam informar à metrópole as riquezas e possibilidades da nova colônia. São os chamados de “textos de informação” (BOSI, 2002:13), ainda não literários, mas sim crônica histórica que retratava a visão de mundo e a linguagem dos primeiros “homens de letras” que por aqui passavam. Entre estes textos de origem portuguesa, destacamos a *Carta de Pero Vaz de Caminha ao rei D. Manuel* (1501); o *Diário de Navegação* de Pero Lopes e Sousa, escrivão do primeiro

grupo colonizador liderado por Martim Afonso de Souza (1530); as obras de Pero Magalhães Gândavo (1576) – *Tratado da Terra do Brasil e História da Província de Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil*; as obras do jesuíta Fernão Cardim – *Narrativa epistolar* (1583) e *Tratados da terra e da gente do Brasil*. A carta de Caminha, estruturada entre o resumo de uma retrospectiva e os moldes de um diário (GUMBRECHT, 2003, p. 35), é frequentemente admitida pela historiografia da literatura brasileira como “nosso primeiro documento literário”, ponto de partida da “prosa informativo-descritiva” (CASTELLO, 1999: 51) que narra o primeiro encontro entre portugueses e indígenas no continente sul-americano. Relato de um encontro primordial, está, no entanto, inexoravelmente marcada pela “ausência da mediação por um código verbal de comunicação” (GIUCCI, 2003: 50), já que os idiomas em contato eram desconhecidos fora de seu grupo de origem. Encontro cultural, sem dúvida, mas sem tradução possível.

Um outro grupo de textos, situado entre a aventura, a observação sobre a paisagem e o autóctone, e o registro histórico, abrange viajantes estrangeiros que descreveram o Brasil, deslumbrados com a natureza dos trópicos e surpresos com a vida nativa, como nos relatos de Hans Staden, Jean de Léry e André Thevet¹⁷, e Anthony Knivet¹⁸, entre inúmeros outros.

Mais tarde, já no século XIX, com a liberação de viajantes de outras nacionalidades que não a portuguesa a partir da abertura dos portos às “nações amigas” em 1808, com a chegada da Família Real ao Brasil, vemos uma nova leva de relatos ainda ligados ao deslumbramento dos trópicos, mas que incorpora um interesse científico pela fauna e flora, geografia, clima, povos autóctones e tudo o mais que

¹⁷ Cf. p.17, notas 6 (Hans Staden) e 13 (Jean de Léry e André Thevet).

¹⁸ *Admirable adventures and strange fortunes of Master Anthonie Knivet, which went with Master Thomas Cavendish in his second voyage to the South Sea in 1591* (1625).

merecesse ser perscrutado pelo olhar minucioso dos cientistas. O Brasil conhece então as expedições científicas que trazem ao país naturalistas das mais distintas origens, como o francês Saint-Hilaire; os germânicos Spix, Martius e Wied-Neuwied¹⁹; o norte-americano Thomas Ewbank²⁰ e o inglês Alfred Wallace²¹, entre muitos outros. Há também nesse período o caso de alguns escritores brasileiros ligados ao romantismo nacionalista em voga, que empreendem viagens pelas diferentes regiões do país, como Raimundo José da Cunha Mattos²², José Vieira Couto de Magalhães²³, Antônio Muniz de Souza²⁴ e o próprio imperador, Dom Pedro II²⁵. Nesse caso, trata-se de tentativas de conhecer – e dar a conhecer por meio dos relatos – áreas recônditas do Brasil.

Assim, no caso brasileiro, registro histórico e literatura estão intimamente imbricados, ambos se originando dos relatos de viagem. Mas essa profunda associação entre os relatos de viagem e o esforço para se fazer conhecer o país ultrapassa o mero registro por meio de um testemunho. Vários pensadores, ao refletirem sobre a condição do Brasil – país colonizado, que conheceu a escravatura e a monarquia –, lançaram mão desses relatos para construir suas reflexões. São clássicos os casos de Gilberto Freyre e de Sérgio Buarque de Holanda, que na década de 1930 lançaram novas bases para se pensar a sociedade brasileira valendo-se ambos de inúmeros desses relatos.

No início do século XX, o movimento modernista revolucionará a literatura brasileira e sua influência se faria sentir também sobre os chamados livros de viagem. Surge uma literatura de viagem interna, seguidora da tradição dos românticos

¹⁹ Cf. p.17, nota 4.

²⁰ *Life in Brazil or a journal of a visit to the land of the cocoa and the palm* (1857).

²¹ *Travels on the Amazon and the Rio Negro* (1889).

²² *Itinerário do Rio de Janeiro ao Pará e Maranhão pelas províncias de Minas Gerais e Goiás* (1836).

²³ *Viagens ao Araguaia* (1854).

²⁴ *Viagens e observações de um Brasileiro, que, desejando ser útil à sua Pátria, se dedicou a estudar os usos e costumes de seus Patrícios, e os três reinos da Natureza, em vários lugares e sertões do Brasil, oferecidas à nação brasileira*, 1834

²⁵ *Diário da viagem ao Norte do Brasil*, segundo o bibliófilo José Mindlin, inédito à sua época e publicado somente em 1959 (MINDLIN, 1991:40)

nacionalistas, que abandona o mero caráter informativo e a pretensão científica e busca compreender realmente a cultura brasileira em sua complexidade, originada do confronto de diferentes tradições, como *O turista aprendiz*, de Mário de Andrade, que narra sua excursão etnográfica pela Amazônia e pelo Nordeste ao final da década de 1920. Outra é a experiência de Oswald de Andrade, que usa sua experiência de viajante pelo Velho Mundo na construção dos romances *Memórias sentimentais de João Miramar* e *Serafim Ponte Grande*, assim como em *Um homem sem profissão*, seu livro de memórias. Apesar de não se tratar de um relato de viagem, *Memórias sentimentais* tem a forma de um diário de viagem no qual fragmentos se sucedem consecutivamente para narrar a viagem do protagonista, que aqui também se configura como busca de conhecimento, lugar-comum nas narrativas de viajantes. Mas se antes essa era uma busca objetiva por descobrir o desconhecido do Novo Mundo, na literatura de viagem do século XX vemos essa busca transformar-se numa busca subjetiva que leva à transformação do viajante ao fim de seu deslocamento, cujo objetivo parece ser alargar sua visão de mundo e alterar sua percepção estética. Não obstante virem à tona um século após a Independência (1822), escritores, poetas e etnógrafos do modernismo²⁶ viam essa redescoberta do Brasil como uma responsabilidade primordial, mas como algo que podia ser mais bem alcançado por meio da refutação dos antigos relatos de viagem dos estrangeiros, que lhes apareciam como versões a serem desafiadas por suas próprias viagens pelo interior do país, de onde traziam contos populares, músicas, registro de danças etc. (WHITE apud HOOPER & YOUNGS, 2004).

²⁶ Dentre os escritores modernistas que se dedicaram a “devorar todo o material cultural anterior, inaugurando uma nova visão do Brasil” (VELOSO & MADEIRA:91), cabe destacar Oswald de Andrade, Manuel Bandeira, Alcântara Machado, Menotti del Picchia, Raul Bopp, Ronald de Carvalho e Guilherme de Almeida, assim como o trabalho etnográfico de Mário de Andrade e Câmara Cascudo.

1.4. A literatura de viagem: delimitação do gênero

A literatura de viagem – junto da crônica jornalística, diários e memórias – situa-se, como já vimos, como um gênero de fronteira, por conjugar testemunho e criação literária. A abundância de termos usados para designar o que na língua inglesa é genericamente chamado de *travel writing*²⁷ já denuncia a imprecisão do objeto: *travel book*, *travel narrative*, *journeywork*, *travel memoir*, *travel story*, *travelogue*, *traveller's tale*, *travel journal*, ou simplesmente *travels* (BORM, 2004). Alguns equivalentes em português seriam: livro de viagem, memória de viagem, relato de viagem, narrativa de viagem, literatura de viagem, diário de viagem, relatos de viajantes. A prodigalidade de termos em língua inglesa parece apontar para sua vasta experiência como nação colonizadora, capaz de conquistar um império onde o sol jamais se punha²⁸. Sem dúvida, a experiência britânica gerou as mais variadas formas de narrativa inspiradas pelo colonialismo, fossem voltadas para o relato de uma experiência real, ou livremente inspiradas pela vivência no estrangeiro, chegando até formas inteiramente ficcionais.

Na tentativa de delimitar seu objeto de estudo, inúmeros estudiosos deparam-se com as dificuldades impostas pelo hibridismo característico das variadas formas de *travel writing*. Em *Perspectives on travel writing*, Jan Borm, em seu artigo “Defining travel: on the travel book, travel writing and terminology”, explora a falta de limites claros para determinar o que pode ser considerado – ou desconsiderado – como literatura de viagem. Frente à dificuldade em estabelecer os limites desse fenômeno enquanto um gênero autônomo, e seguindo a diversidade de termos utilizados para

²⁷ A tradução literal seria “escrita” ou “escritura de viagem”, que parece mais generalizante que nossa “literatura de viagem”, já que a acepção usual de “literatura” remete ao “uso estético da linguagem escrita; arte literária” (HOUAISS, 2001)

²⁸ “The sun never sets over the British Empire” é uma velha máxima que ainda vale se consideramos a *Commonwealth* a legítima sucessora do império britânico, organizada voluntariamente por países independentes e soberanos, mas em sua maioria ex-colônias britânicas da América, da África, Ásia e Oceania.

designar essa série de livros dedicados viagens, Borm conclui que *travel writing* abarca uma variedade de textos, não-ficcionais e ficcionais, cujo tema principal seja a viagem. Basta uma rápida visita a uma livraria para percebermos que tanto o rótulo inglês *travel writing* quanto o português “literatura de viagem” abarcam obras tão distintas como o medieval *Livro das maravilhas*, de Marco Pólo, ou as obras de Peter Mayle sobre a Provence, nos anos 1990. O artigo de Borm aborda as tentativas de definição da literatura de viagem ensaiada por diversos estudiosos do tema. Cabe destacar algumas reflexões desses autores, na medida em que podem oferecer subsídios para a análise das narrativas de viagem de EV.

Mary Baine Campbell²⁹, como Le Huenen, destaca como característica dos livros de viagem o fato de serem compostos pela imbricação de diferentes gêneros, ou seja, para ela, trata-se de um gênero que apesar de não parecer pertencer a um gênero particular, isso não o impede de efetivamente constituir-se como um gênero específico. A observação de Campbell aparece secundada pela de Gérard Genette³⁰, para quem a mistura de gêneros já se constitui num gênero em si. No caso de *Gato preto em campo de neve*, a mistura de gêneros fica bastante clara. O crítico brasileiro Donaldo Schüler não só constata que “o livro se divide em segmentos que têm condições de existência autônoma” (SCHÜLER, 1986:140) como, a título de exemplo, ensaia uma classificação por gênero de alguns dos segmentos que integram o livro: 1. conto – “O fim do mundo” (GP:193), no qual a reação de uma jovem a uma representação do fim do mundo no Heyden Planetarium serve de mote para um conto breve que termina com um final inesperado e rápido, um verdadeiro nocaute no leitor, bem de acordo com a

²⁹ *The witness and the other world: exotic European travel writing – 400-1600*. Ithaca: Cornell Univ. Press, 1988. *apud* BORM, Jan. “Defining travel: on the travel book, travel writing and terminology” in HOOPER & YOUNGS (ed.) *Perspectives on travel writing*, Aldershot: Ashgate Publishing, 2004. p.13-26

³⁰ *Théorie des genres*. Paris: Seuil, 1986. *Ibidem*, p.13-26.

caracterização de Cortázar³¹; 2. reportagem – “Máscaras”, sobre a situação dramaturgia norte-americana (GP:198); 3. ensaios – “Papel impresso” (GP:206), no qual um encontro com funcionários graduados da Macmillan, uma grande casa editorial dos EUA, visitas a livrarias nova-iorquinas e à biblioteca pública da cidade o levam a tecer considerações sobre o mercado editorial; 4. narrativa fantástica – o diálogo entre “Malasarte e o dinossáurio” no Museu de História Natural de Nova York (GP:195) (SCHÜLER 1986: 140-141).

Outros críticos preferem incluir a literatura de viagem como categoria de um gênero maior. Paul Fussel considera os livros de viagem uma subcategoria dos livros de memórias, nos quais a narrativa autobiográfica nasce do encontro do narrador com uma realidade desconhecida e distante de sua experiência e reivindica validade por sua constante referência ao real³². O escritor americano Paul Theroux, famoso por seus relatos de viagem, é mais um a achar que a predominância do pacto referencial entre o texto e o leitor é o que define a literatura de viagem³³, como se fosse uma condição de verossimilhança. Parece claro que todo relato de viagem é referencial e, ao mesmo tempo, inegavelmente ligado à memória e à autobiografia, mas essa visão da narrativa de viagem como subgênero da escrita autobiográfica parece levar a um empobrecimento de sua leitura. As narrativas do gato preto de EV indubitavelmente contestam essa visão reducionista que prioriza o pacto referencial na caracterização do gênero, especialmente ao lançarem mão de estratégias claramente ficcionais, como a invenção de personagens ou a ‘deturpação’ de situações a fim de garantir maior dramaticidade, como parece ser o caso do segmento-conto “O fim do mundo” (GP: 193). O medo de uma jovem frente à

³¹ CORTÁZAR, Julio. “Alguns aspectos do conto”, in Idem, *Valise de cronópio*. 2ª edição, São Paulo: Editora Perspectiva, 1993. p.152

³² *Abroad: British literary traveling between the Wars*. New York: Oxford Univ. Press, 1980. *apud* BORM, Jan. “Defining travel: on the travel book, travel writing and terminology” in HOOPER & YOUNGS (ed.) *Perspectives on travel writing*, Aldershot: Ashgate Publishing, 2004. p.13-26.

³³ *The Great Railway Bazaar: by train through Asia*. London: Penguin, 1979. Ibidem.

representação da destruição da Terra por um cometa, assistida no planetário de Nova York, leva a um insólito diálogo entre a jovem e o autor/narrador, mas é a intromissão de um terceiro personagem que parece confirmar ao leitor a desconfiança quanto à intromissão do autor como criador, no sentido de ficcionalizar o episódio, interrompendo assim a mera retrospectiva de fatos acontecidos, ou o pacto referencial assim como definido por Theroux:

Termina o espetáculo. Olho para minha vizinha, que está muito pálida.

— O mundo se acabou – comunico-lhe. — Estamos mortos. Isto deve ser outra vida, o céu. Somos anjos, Miss, anjos.

Ela me contempla, muda. Mas um homem de cara amarga que todo o tempo esteve a fungar à minha esquerda, diz:

— O senhor se engana. O pior é que estamos vivos. E isto é o inferno.

Volta-me as costas e se vai. (GP:195)

Como Schüller bem nota, “a última observação [do homem de cara amarga] converte a banalidade cotidiana numa grave reflexão sobre o sentido da vida” (SCHÜLER:140-41) e a repetição de passagens como essa ao longo das narrativas parece reforçar a idéia de que EV de fato ficcionaliza episódios a fim de proporcionar ao leitor algo mais do que uma simples lembrança de fatos de viagem. Algo como “contar um conto aumentando um ponto” para ampliar o interesse pela história ou o prazer com sua fruição.

A definição de Jonathan Raban do que é literatura de viagem permite acomodar melhor as narrativas do gato preto, ao ir além da noção de fronteiras definidas entre ficção e não-ficção. Para esse autor, a literatura de viagem abarca “the private diary, the essay, the short story, the prose poem, the rough note and polished table talk”³⁴. Tal

³⁴ “o diário íntimo, o ensaio, o conto, o poema em prosa, rascunhos e conversação social”, tradução minha. (*Table talk* é mais do que simplesmente uma conversação. Segundo a *Encyclopedia Britannica*, trata-se de “an informal conversation at or as if at a dining table; especially, the social talk of a celebrity

definição tão complacente acaba por permitir juntar textos tão diferentes quanto as narrativas do gato preto e o jornalístico *Pela América do Norte*, de Alceu de Amoroso Lima; ou *América*, de Lobato, com a presença de Mr. Slang, personagem fictícia sua que aparece pela primeira vez em *Mr. Slang e o Brasil* (1927), e o ensaio interpretativo *Bandeirantes e pioneiros*, de Vianna Moog.

Entre a crítica brasileira recente, o pesquisador Roberto Carlos Ribeiro é mais um a apontar que a literatura de viagem pode ser considerada um subgênero da autobiografia, pois enquanto esta trata do relato de uma vida em sua totalidade – também um percurso com início, meio e fim –, a literatura de viagem seria uma parte desta trajetória, um recorte que se constituiria como parte de um todo, como “metonímia de uma vida” (RIBEIRO, 2007b:2). No entanto, essa concepção parece empobrecer a literatura de viagem ao ignorar o que ela tem de realmente específico, que parece ser o fato de tratar do encontro de duas culturas, do confronto com a diferença e dos questionamentos que podem daí advir, seja para o autor, seja para seus leitores.

A literatura de viagem nos fala sempre de um deslocamento espacial efetuado pelo autor, e que se duplica tanto no deslocamento temporal da obra – também duplo: primeiro, por ser elaborada *a posteriori* da viagem propriamente dita, e também por ter uma possibilidade de recepção que se estende por décadas (ou mesmo séculos) – quanto no afastamento do autor de sua cultura de origem e seu decorrente confronto com a alteridade da cultura do local visitado. Por isso, certamente, a grande riqueza da literatura de viagem está em apresentar uma oportunidade valiosa para a compreensão

recorded for publication. Collections of such conversations exist from as early as the 3rd century AD, and the term has been in use in English since about the 16th century. The practice of recording conversations and sayings of the famous became especially popular in the 17th century”. in Dictionary.com website: http://dictionary.reference.com/browse/table_talk, acesso em 27/11/2009) - *For Love & Money: writing – reading – traveling 1968-1987*. London: Picador, 1988. *apud* BORM, Jan. “Defining travel: on the travel book, travel writing and terminology” in HOOPER & YOUNGS (ed.) *Perspectives on travel writing*, Aldershot: Ashgate Publishing, 2004. p.13-26.

de diferentes culturas – seja a observada ou aquela do observador –, assim como da dinâmica dos encontros culturais³⁵. A literatura de viagem aparece, então, como uma “literatura de contato”³⁶ ao retratar o encontro entre contextos culturais distintos. É importante também ressaltar que o contraste entre as diferentes culturas em causa muitas vezes facilita a identificação de relações ideológicas, de poder e de domínio presentes naquele tempo e local historicamente determinados a partir da análise de suas manifestações no texto, no plano da linguagem. Assim, a narrativa de viagem é envolvida pelo caráter de testemunho da história cultural do país visitado, assim como do panorama intelectual do autor e seu país de origem à época da viagem.

EV tinha total consciência de que esse momento de encontro entre diferentes culturas era privilegiado para a compreensão de ambas as culturas em confronto. E ia além, ao entender que o momento de compreensão de uma cultura pode ser também o momento de entendimento dos conflitos do ser humano. Não à toa, definiria um livro de viagens³⁷ como uma oportunidade de falar de pessoas e lugares que encontrara, momentos inesquecíveis vividos, “pretexto para falar de pintura, música, paisagens, literatura, problemas humanos, política etc.” (EV apud BORDINI, 1999:31).

Mas as narrativas de viagem de EV contam mais do que simplesmente a história do país visitado, seus hábitos e costumes. À viagem exterior levada a cabo pelo autor corresponde uma viagem interior: “Creio que viajo pelo mesmo motivo pelo qual leio

³⁵ Essa possibilidade de investigação da dinâmica e das conseqüências dos encontros entre diferentes culturas coloca a literatura de viagem numa nova posição altamente valorizada a partir do desenvolvimento dos chamados Estudos Culturais e Pós-coloniais, para os quais a noção de identidade cultural adquiriu uma posição central.

³⁶ Nessa concepção, amplio o conceito original de Ron Carter, que define como “literatura de contato” aquelas escritas fora da Europa em línguas européias (PRATT, 1999:32). “Literatura de contato”, nessa visão ampliada, passaria a ser toda literatura que lida com o contato entre culturas distintas, englobando a literatura de viagem, a literatura de imigrantes, a literatura que narra a experiência colonial etc.

³⁷ Provavelmente EV referia-se ao segundo volume de suas memórias, que em sua concepção original – infelizmente modificada pela morte do autor, que deixou o projeto inacabado – falaria exclusivamente de suas viagens pelo mundo.

romances, biografias, memórias e vejo filmes de cinema e peças de teatro, isto é para multiplicar a minha vida por muitas outras.” (idem:145). Para EV, eram dois os tipos de viajantes, aqueles que fogem e aqueles que buscam, mas “os fugitivos cedo ou tarde descobrem que seus problemas não são de natureza geográfica”. EV se considerava um viajante do segundo tipo, em busca de multiplicar a própria vida em diferentes experiências, da mesma forma que fazia como leitor, e que acreditava proporcionar a seus próprios leitores.

Assim, se a viagem exterior é motivo do livro de viagem, a viagem interior, metafórica, acaba por se tornar seu tema, “ao evocar um mundo de idéias e conceitos desincorporados” (SCHOLES & KELLOGG, 1977:18, apud RIBEIRO, s/d :5), como a descoberta de si e do outro. Ao elevar a viagem de motivo a tema, a moderna literatura de viagem problematiza a relação entre o eu e o outro, ou melhor, do viajante com o outro, e do viajante consigo mesmo, numa nova situação que o coloca na condição de outro para alguém. Enquanto a literatura dos viajantes do século XIX tinha a viagem como motivo – isto é, o relato existe porque uma viagem foi realizada, ele foi causado pela viagem –, a literatura de viagem moderna tem a viagem como tema, ou seja, a viagem em si é o assunto do relato, seu principal argumento. Não se trata mais da mera descrição de paisagens, lugares e acontecimentos, mas sim de revelar a impressão que estes causam no autor/narrador. É a viagem subjetiva que interessa, daí a relação de alteridade ganhar importância. Sob essa perspectiva, os relatos de viagem se abrem a releituras capazes de desvendar as diferentes forças em jogo não só no embate entre duas culturas, mas também nos embates internos de cada uma. Assim, as narrativas interamericanas de EV talvez permitam perceber, a partir do confronto entre diferentes construções de identidade nacional, que as nações não passam de ‘comunidades imaginadas’, e o quanto elas são “objetos de desejos e projeções” (SCHWARCZ, in:

ANDERSON, 2008:10), especialmente por se darem num contexto de transição, no qual diferentes identidades culturais entravam em contato e estabeleciam entre si novas relações de troca e poder.

CAPÍTULO 2

Vistos de viagem: os contextos internacional e nacional

No início dos anos 1940, a América Latina vivia o deslocamento do eixo de dominação cultural da Europa para os EUA. Com a Europa mergulhando no sangrento conflito da Segunda Guerra Mundial, os EUA podiam levar adiante seu projeto de tomar as rédeas do continente. O governo do presidente americano Franklin Roosevelt (1933-1945) instaurara a chamada política de boa vizinhança, “exportando sorrisos e simpatia em troca de devoção política” (BERABA, 2008:09), um projeto que desembocava na idéia de união pan-americana, que defendia uma “aproximação fraterna entre as repúblicas irmãs do continente” (ibidem:12), minimizando as diferenças entre as Américas espanhola, portuguesa e saxônica. A política de boa vizinhança trazia para o Brasil da década de 1940 uma radicalização do processo de americanização, isto é de adesão aos valores culturais norte-americanos, já iniciado nas décadas anteriores e que no pós-guerra se intensificaria e ampliaria sua influência por todo o mundo. EV nos dá seu testemunho desse processo em suas memórias:

Olhando para trás, desta distância no tempo, e examinando a minha “educação cinematográfica”, concluo que foi lá por 1915 que começou o nosso – pelo menos o meu – processo de americanização naquela escola que era o Biógrafo Ideal [o cinema de Cruz Alta, sua cidade natal].

[...] os roteiristas da época e também os seguintes, foram aos poucos, com suas fábulas e personagens, desenhando, pintando, esculpindo no espírito de milhões de espectadores através do mundo o arquétipo do “homem americano” – o cidadão exemplar, limpo de corpo e espírito bravo, forte, justo, generoso, ledor da Bíblia, temente a Deus, em suma, um repositório dos ideais supremos do WASP [White anglo-saxon protestant], isto é, o americano Branco, Anglo-Saxão e Protestante. (SCI: 110-11)

Este trecho comprova que, apesar da influência norte-americana no Brasil ter se configurado de forma inequívoca no início dos anos 1940, quando suas condições e propósitos já se encontravam claramente definidos, o fato é que certas manifestações

culturais, como o cinema de Hollywood, já atuavam no sentido de inculcar valores e ampliar mercados no Brasil a partir da difusão de novos padrões de comportamento identificados em seu conjunto como o *American way of life*.

Como já foi dito, da década de 1930 até a década de 50, vários intelectuais brasileiros visitaram os Estados Unidos, produzindo relatos sobre suas experiências. Dentre eles, destacamos os relatos de Monteiro Lobato (*América*, 1932), Erico Verissimo (*Gato preto em campo de neve*, 1941 e *A volta do gato preto*, 1946), Alceu de Amoroso Lima (*Pela América do Norte*, 1951 e *A realidade americana*, 1956) e Vianna Moog (*Bandeirantes e pioneiros*, 1954), todos editados à época e todos sucessos editoriais quando de seu lançamento.

O caso de EV é paradigmático desse momento. Em 1941, ele é convidado pelo Departamento de Estado americano (equivalente ao Ministério de Relações Exteriores brasileiro) para visitar os Estados Unidos. Como parte da estratégia de dominação norte-americana, o programa convidava escritores e artistas latino-americanos para conhecerem os EUA. Erico parte sozinho para essa viagem costa a costa, que durou três meses, passando por mais de dez estados americanos.

É preciso lembrar que, para além do fato de o convite ter sido dirigido a um escritor popular – Erico foi o primeiro escritor brasileiro a conseguir viver exclusivamente de literatura –, tratava-se de um escritor da região sul do país, notadamente influenciada pelos países do Eixo, já que recebera imigrantes provenientes principalmente da Alemanha e da Itália (WASSERMAN, 2005:216). Os EUA ainda não haviam entrado na guerra no bloco dos Aliados, mas já estavam atentos à ascendência do Eixo sobre países como Brasil e Argentina. Parece óbvio que o convite não pretendia apenas levar alguém para explicar o Brasil para os norte-americanos, mas, também, – e

talvez principalmente –, conseguir alguém apto para explicar os Estados Unidos para o Brasil. Afinal, em se tratando de um escritor, e de um escritor de tanto sucesso, podemos arriscar dizer que era quase certo poder contar com os relatos de viagem que se seguiram, e que foram traduzidos para o espanhol ainda na década de 40, portanto logo estendendo seu alcance ao restante da América Latina. A edição argentina (Buenos Aires: Santiago Rueda) de *Gato preto em campo de neve* (*El gato preto en la nieve*) é de 1947, e a de *A volta do gato preto* (*Los argonautas*) é de 1949.

Outros artistas e intelectuais brasileiros viajaram aos EUA dentro do contexto da política de boa vizinhança, além de EV. Dentre eles estavam Carmem Miranda e o Bando da Lua, Ary Barroso e Dorival Caymmi entre os músicos que levaram ao Tio Sam o som da nossa batucada; em 1940 Portinari expõe no MoMA, o Museu de Arte Moderna de Nova York; Sergio Buarque de Holanda, Pedro Calmon e Luís Jardim são outros representantes das letras brasileiras a visitarem os EUA (GP:474).

Intelectuais e artistas dos demais países latino-americanos também visitaram os EUA a convite oficial, assim como seus países de origem também receberam intelectuais e artistas norte-americanos, exatamente como aconteceu com o Brasil. Além disso, a agenda dos latino-americanos visitantes nos EUA incluía o encontro com intelectuais e artistas norte-americanos dentro de suas fronteiras. Várias vezes EV narra esses encontros, e várias vezes ficamos sabendo que seus interlocutores já visitaram ou estavam em vias de visitar outros países sul-americanos que não o Brasil.

As contribuições artísticas latino-americanas que chegavam aos EUA eram invariavelmente revestidas de exotismo. A América do Sul era o novo Oriente para os EUA. Ocidente e Oriente são construções, comunidades também imaginadas a partir de configurações históricas, interesses econômicos, sua contrapartida política, mitos e

fantasias. A visão eurocentrista que norteou as construções de Ocidente e Oriente incorpora à noção de Ocidente a própria Europa e seus “prolongamentos ‘bem-sucedidos’, ou seja as potências que administram e expandem muito bem o seu legado.” (XAVIER, in SHOHAT & STAM, 2006:11). Assim, a idéia de Ocidente, tal como foi construída, pode – e de fato muitas vezes o faz – excluir a América Latina, a despeito de a maioria dos países latino-americanos estarem localizados no hemisfério ocidental, terem um idioma europeu como primeira língua e viverem em sociedades nas quais hábitos e valores europeus permanecem hegemônicos (SHOHAT & STAM, 2006:38). A razão para tanto seria a heterogeneidade e o caráter claramente híbrido da América Latina, simultaneamente européia, indígena e africana. Mas o exotismo que revestia as manifestações latino-americanas tendia a suprimir as diferenças culturais locais, unificando indistintamente toda a América Latina. Assim, os norte-americanos acabavam por pensar que todos os latino-americanos usavam *sombrero*, assim como eram incapazes de entender que “o samba não é rumba”.

Enquanto EV e inúmeros outros partiam rumo aos EUA, o Brasil era invadido por missões de boa vontade norte-americanas, compostas por jornalistas, professores universitários, publicitários, artistas, militares, cientistas, diplomatas e empresários empenhados em estreitar os laços de cooperação com os brasileiros, para além das iniciativas oficiais. Dentre os astros de Hollywood, Tyrone Power, Bing Crosby e Cesar Romero visitaram o Rio de Janeiro. Os cineastas Orson Welles e John Ford também visitaram o Brasil, em missão especial para filmarem o país. Inúmeros programas de rádio foram criados no decorrer da década de 40 com o objetivo de divulgar os EUA no Brasil e aproximar as duas nações. O mais curioso, *Família Borges*, surgiu em 1943 e contava as peripécias de uma família brasileira nos EUA, observando o estilo de vida americano (MOURA, 1984:46), como fizera EV em *Gato preto em campo de neve* e

faria entre 1943 e 45 em *A volta do gato preto*, nesse caso, inclusive, também trazendo a experiência de sua própria família nos EUA.

Em relação ao primeiro relato de EV, cabe destacar a posição do autor como um viajante entre dois mundos, o arcaico e o moderno, num momento da história do Brasil no qual a tensão entre esses dois mundos se radicaliza. Nos três³⁸ relatos que escreveu dedicados a suas viagens americanas, o mundo arcaico aparece representado pelo Brasil – ou pelo México, no relato da década seguinte – e a modernidade aparece encarnada pelos Estados Unidos, que então começa a se efetivar como o “novo centro” das relações internacionais. EV testemunhava, nos anos 40, uma verdadeira metamorfose da sociedade americana, presenciando a afirmação da hegemonia dos EUA na ordem mundial, assumindo o posto que até a Primeira Guerra fora dos ingleses.³⁹

Os relatos do gato preto abordam um momento crucial desse deslocamento do eixo de dominação cultural da Europa para os EUA na América Latina. O fato de ser um autor *best seller* provavelmente pesara na escolha do convidado por parte do Departamento de Estado daquele país. A *política de boa vizinhança* do presidente norte-americano Franklin Roosevelt abandonava a política anterior de intervenção, reconhecia a igualdade jurídica de todas as nações do continente e, *last but not least*, concordava em cooperar pelo bem-estar dos povos da América por todos os meios. Os métodos mudavam, mas os objetivos permaneciam: minimizar a influência européia na América Latina, reforçar a liderança norte-americana no continente e encorajar a estabilidade políticas das nações vizinhas. Paralelamente, Erico se defrontava, no Brasil, com a

³⁸ incluímos aqui *México* (1957), apesar deste não ser objeto central de nosso estudo.

³⁹ Para o historiador inglês Eric Hobsbawm a separação entre as duas grandes guerras é mera decorrência da proximidade temporal entre os historiadores e seu objeto, e daqui a alguns anos não mais falaremos em Primeira e Segunda Guerras Mundiais, mas num grande período de guerras que se estendeu de 1914 a 1945, já que a guerra de 1939-1945 ocorreu para preencher o vácuo de poder deixado pela Inglaterra, com a decadência do império britânico (HOBSBAWM, 2007:58-60)

ditadura do Estado Novo, que parece ter surgido, vivido e morrido sob o respaldo das transformações mundiais em curso, encorajado pelo florescimento de regimes autoritários na Europa.

O relato da primeira viagem, *Gato preto em campo de neve*, traz as dúvidas quanto à participação dos EUA na Segunda Guerra Mundial e nem se cogitava ainda um engajamento do Brasil. Sua marca é o fascínio por uma civilização urbana de moderna, em claro contraste com o arcaísmo agrário brasileiro:

*Os arranha-céus não me dão nenhuma sensação de esmagamento ou vertigem. Como não há casas baixas para servir de ponto de referência e comparação, não existem também os contrastes chocantes. Talvez a razão seja outra, mas a verdade é que eu me sinto **em casa**, olhos para os paredões desta enorme garganta que é a Fifth Avenue com uma certa ternura de velho conhecido. (grifo do autor) (GP:50)*

EV reconhece que o relato dessa primeira excursão é um “livro animado por uma alegria descompromissada e ligeira de turista, coisa que o torna anedótico, informativo, fácil de ler mas superficial e, em alguns trechos, até um tanto ingênuo” (SCI :277).

Sem dúvida, há um “tom de leveza turística que perpassa todo o livro” (SCHÜLER, 1986:143), como nesse trecho:

O sol me espera em Nova York. As vidraças de Manhattan fulguram sob um céu límpido. Chego às cinco da tarde e vou me hospedar na International House – centro de estudantes de todas as partes do mundo. No grande hall da entrada, japoneses, negros, filipinos e americanos confraternizam. Uma chinesinha afaga os louros cabelos dum rapaz de tipo nórdico. A moça do information-desk, que não conheço, me recebe com um sorriso e um alô de velha camarada. (GP:138)

Essa passagem não só comprova o tom de leveza turística identificado por Schüler, como nos mostra a atenção de EV às múltiplas identidades culturais a sua volta numa cidade cosmopolita como Nova York.

Mas o humanismo de EV o mantém atento ao sofrimento humano em todos os lugares, e mesmo ciente de que essa “leveza” é mesmo esperada na literatura de viagem do século XX, eminentemente voltada para o turismo, admite que “nem sempre [...] a gente pode ajudar a realidade...” (GP:185).

Assim, temos um autor que muitas vezes evita o olhar deslumbrado do turista e que “ao pisar em solo americano, sente-se descobridor da América real”, e que, em contraponto à “imagem dos EUA criada no exterior através do cinema, da imprensa, das companhias americanas, dos turistas e da imaginação”, “empenha-se em recompor a imagem aquém das deformações” (SCHÜLER, 1986:142). Por isso, por exemplo, é capaz de descobrir “a negação mesma da América” atento aos “contrastes da vida americana” (GP:183). Ao passear pelo “bairro da boêmia”, o famoso Greenwich Village, descreve “vidraças tristes”, “mulheres velhas”, um bêbado caído no chão com “os cabelos dum louro quase branco, mas grossos e manchados de fuligem”, e reconhece não ter encontrado “a cor e o romance que imaginava” (GP:185).

O segundo relato é quase um diário dos anos de permanência da família Verissimo – o escritor, sua mulher Mafalda e os filhos Clarissa e Luís Fernando – na Califórnia – mais especificamente em São Francisco e Los Angeles –, onde o escritor gaúcho foi lecionar literatura brasileira na Universidade da Califórnia (Berkeley) e no Mills College – em Oakland, também na Califórnia, e primeira instituição dedicada à educação de moças a oeste das Rochosas –, assim como proferir uma série de conferências sobre o Brasil, entre 1943 e 1945, em diversas instituições. Como cenário, os anos mais intensos do conflito mundial, até o seu fim, ilustrados por instantes da história norte-americana (a campanha e as eleições presidenciais de 1944, por exemplo) e pelo glamour de Hollywood, que se configurara como talvez a melhor ferramenta da

política de boa vizinhança de Roosevelt. Mas esse relato está marcado pelo contraste entre a falta de liberdade do Estado Novo e os ideais democráticos representados pela nação norte-americana. Em *Solo de clarineta*, falando ainda do ano de 1941, EV admite que “andava irritado com a situação política e social do Brasil”, onde “a apatia e a conformidade eram quase gerais” e “os poucos que se opunham ativamente ao Estado Novo estavam exilados, presos ou reduzidos ao silêncio e à imobilidade por uma Polícia ativa e, em muitos casos, brutal”. EV diz que “exasperado, decepcionado e triste ante a situação brasileira”, decide “aproveitar a oportunidade” para se afastar do país por algum tempo e “respirar ares mais livres e descansar de toda aquela choldra estadonovista” (SCI:280).

Já em *México*, narrativa decorrente de umas férias que tira com a mulher durante sua terceira temporada nos EUA – quando assume a direção do Departamento de Assuntos Culturais da União Pan-Americana, órgão precursor da Organização dos Estados Americanos (OEA) –, a condição de sul-americano aparecerá com todas as suas vicissitudes e contradições. Fica patente o desejo do escritor de aprofundar o conhecimento da realidade latino-americana, assim como o registro de sua condição de fora-de-lugar. Não à toa, nesse relato EV rememora sua origem gaúcha e os contatos culturais com a América hispânica. Cruz Alta, sua cidade natal, é uma cidade interiorana do Rio Grande do Sul, por excelência o estado de fronteira com a porção hispânica do continente. O autor recorda que aprendeu espanhol assistindo a “companhias circenses e grupos de teatro mambembe que circulavam pela região”. EV “buscou no México (...) referências de identidade, como brasileiro e latino-americano”. (BAGGIO, 2006:81). E muitas vezes as semelhanças, especialmente em relação à pobreza do México e do Brasil frente à pujança dos EUA o levam a aproximar as duas realidades. Ao entrar em território mexicano, “sob a luz que cai dum céu desbotado, de

tonalidade metálica”, “a parte de Juarez próxima da estação da estrada de ferro lembra uma cidade do nordeste brasileiro, com suas casas baixas, algumas pintadas de amarelo, azul ou rosa, o chão arenoso e o ar seco”, desencadeando um verdadeiro *déjà-vu*, uma ilusão de memória que dá a EV a sensação de já ter estado antes naquele local, de já ter vivido aquela situação (MEX:16).

A viagem ao México parece ter nascido do esgotamento de viver nos EUA. EV diz estar cansado do mundo lógico, ansioso por voltar, nem que seja por poucos dias, a um mundo mágico. E diz: “Sinto saudade da desordem latino-americana, das imagens, sons e cheiros de nosso mundinho em que o relógio é apenas um elemento decorativo e o tempo, assunto de poesia. Dêem-me o México, o mágico México, o absurdo México!”(MEX:13). O México se apresenta a EV como uma alternativa de Brasil, um lugar onde é possível reconhecer seu “mundinho” e assim sentir-se mais à vontade, sentir-se quase em casa. O encontro com a diferença encanta e exaure, e o desconforto do deslocamento repercute na saudade de casa, nostalgia de retorno. Se, do ponto de vista antropológico, a narrativa de viagem é como um rito de passagem do escritor em direção à própria comunidade que ele tinha deixado ao partir, é porque garante ao escritor sua reincorporação a essa comunidade quando ambos já foram modificados pela experiência de deslocamento do escritor. A narrativa de viagem configura-se, então, como momento de reinterpretação de si e da própria cultura, já que a viagem e seu relato transformam não só o sujeito, mas principalmente sua visão do espaço cultural do qual é originário. Assim, muitas vezes, aparece nos relatos de viagem uma crítica à sociedade do viajante, e isso não é diferente nos relatos de EV, mais notadamente a partir da segunda viagem, relatada em *A volta do gato preto*. E também, em sentido inverso, como a passagem acima de *México* deixa claro, o deslocamento permite relativizar as deficiências, encontrar qualidades onde antes só se via a desvantagem. O

afastamento torna possível para EV sentir saudade da desordem e reposicionar positivamente essa característica das sociedades latinas.

Muitas das características brasileiras vivenciadas pelo autor como negativas estão ligadas à sua inadequação ao ideal de sociedade moderna almejado para o Brasil. O intenso processo de modernização do Brasil na década de 1930 obrigava o país a repensar-se. Repensar as estruturas sociais e políticas até então vigentes, as práticas culturais, hábitos e costumes. O Brasil moderno que emergia com a Revolução de 30 se caracterizava por uma crescente urbanização; pela formação de um proletariado a partir da imigração internacional; pela formação daí decorrente de um mercado consumidor interno, inclusive de leitores, já que contava também com uma crescente industrialização que criava uma indústria editorial. Sem falar da criação de universidades e inúmeras outras mudanças significativas. Esse conjunto de transformações, aliado à situação do entreguerras, contribuiu para fortalecer a necessidade de construção de uma consciência nacional.

É curioso notar que o Brasil tentava se definir enquanto nação, e portanto marcar diferenças em relação a outras culturas, exatamente no momento em que o ideal pan-americano trabalhava em sentido inverso: no esbate das diferenças e na valorização do que nos aproximava enquanto nações americanas irmãs. O país buscava descobrir o que faz do Brasil, Brasil, enquanto laços eram recuperados, origens comuns exaltadas, velhas disputas eclipsadas, preconceitos deveriam ser dissipados, tudo no sentido de assegurar um futuro comum às nações americanas (BERABA, 2008:12).

Ter ido aos EUA a convite do governo daquele país, dentro do contexto da política de boa vizinhança, não impede EV de enxergar o ridículo de um pan-americanismo “da hora” por parte de seus anfitriões: “Essa febre de pan-americanismo

tem o seu aspecto ridículo. Os Estados Unidos nos ignoraram durante centenas de anos” (GP:474). Para o Brasil, o ideal pan-americano poderia representar a chance do país se afirmar como potência no continente, ainda que no posto de segundo colocado, aceitando a liderança dos EUA (BERABA, 2008:p.36). Mas EV reconhece que os Estados Unidos são seus vizinhos eleitos e diz que faz a escolha sem hesitar porque o “americano do norte” “é um tipo que não se mete na vida alheia e que não costuma trespassar a propriedade do próximo” (GP:466). Antes, já tinha dito que “os americanos são agradáveis, talvez os melhores companheiros do mundo. Sinceros, incapazes duma traição e duma violência, não gostam de se meter na vida alheia” (GP:446). Mais tarde o autor reveria essa posição um tanto ingênua – especialmente quando a “vida alheia” se refere a outros países.

Ocorre que EV, na esteira de Lobato na década anterior, como já vimos, ia em busca de uma nova referência cultural. As duas Grandes Guerras haviam provocado certo desencantamento em relação à Europa, especialmente no espírito de um humanista como EV. Era preciso compreender as deficiências do projeto modernizador europeu que as duas guerras traziam à tona. Paralelamente, os anos 40 marcavam uma mudança na orientação dos modelos estrangeiros. O Brasil continuava a procurar no exterior parâmetros para a vida nacional, e nessa década “os padrões europeus vão ceder lugar aos valores americanos, transmitidos pela publicidade, cinema e pelos livros de língua inglesa que começavam a superar em número as publicações de origem francesa” (ORTIZ, 1994:71). Cabe lembrar que a mudança do mercado editorial deveu-se, em grande parte, à atuação pioneira da Editora Globo nesse sentido. EV foi diretamente responsável pela publicação de vários títulos de origem inglesa e norte-americana, sendo inclusive ele próprio o tradutor de vários autores como Aldous Huxley, John Steinbeck, Somerset Maugham e Katherine Mansfield, entre outros.

Mas talvez a questão central para EV fosse o fato dos EUA compartilharem com o Brasil uma herança colonial e escravocrata comum. Uma herança a qual o Brasil se esforçava para deixar para trás, na esteira de seu processo de modernização. Enquanto as transformações ocorriam com vigor e em abundância nos Estados Unidos, o Brasil ainda era um país de feições arcaicas, onde “o movimento de expansão do capitalismo se realiza somente em determinados setores, não se estendendo para a totalidade da sociedade.” (ORTIZ, 1994:45). A modernidade norte-americana encantava nosso autor justamente naquilo que se configurava como falta em seu próprio país: a organização, da produção e da sociedade; a economia pujante; a tecnologia, expressa em automóveis, arranha-céus, indústrias, na propaganda e no consumo em escala ainda desconhecidas para nós (“Diálogo sobre os Estados Unidos”, GP:440-77). Frente a tamanho contraste, o autor passa – especialmente no que tange ao segundo relato – do registro dos acontecimentos e do encantamento com tudo o que os EUA representavam de moderno, inclusive os ideais de democracia que se perdiam na ditadura do Estado Novo, para “uma espécie de longa meditação sobre a definição do que são o Brasil e o brasileiro” (WASSERMAN, 2005: 219). E mais, acentua-se nessa obra o caráter comparativo entre as duas nações, colocando a inquietante questão: “por que eles e não nós?”. O problema se configura, como bem assinala Wasserman, ao se associar as diferenças de caráter nacional descobertas nesse jogo comparativo às diferenças de desenvolvimento dos dois países, pois então até que ponto o caráter nacional brasileiro sendo divulgado nessa viagem pode ser afirmado de forma positiva? (ibidem:219). Ou seja, se ambos os países partiram de uma matriz na qual a condição colonial e escravocrata é comum, como explicar o atraso brasileiro frente ao progresso americano e ainda assim defender e valorizar o caráter nacional brasileiro que se afirmava?

Não se pode perder de vista que ambos os relatos do gato preto são fruto de um convite formal do governo dos EUA a EV, pois isso coloca algumas questões relevantes. Em primeiro lugar, por mera questão de etiqueta, um hóspede não destrata seu anfitrião. Em segundo lugar, e muito mais importante, um convite formal, especialmente dentro daquele contexto internacional, acaba por envolver questões delicadas de relações internacionais. No caso do relato da viagem ao México, não se pode esquecer que essa viagem, apesar de ser uma viagem de férias, ocorre quando EV desempenhava uma função diplomática. O convite para dirigir o Departamento de Assuntos Culturais da União Pan-Americana partira do Ministro de Relações Exteriores brasileiro. A União Pan-Americana, como EV infere a partir da leitura da monografia que explica a competência e área de atuação do órgão e da OEA, “faz as vezes de sua Secretaria permanente” (SCI: 312), o que significa que sua atuação é voltada para o cumprimento do programa cultural traçado pela OEA através de seu Conselho Cultural Interamericano. Assim, faz-se importante ressaltar que, inicialmente, “a experiência internacional de EV tinha, pois, a América do Norte como horizonte e a língua inglesa como meio de comunicação” (ZILBERMAN, 2008:19), mas como bem demonstra sua atuação no cargo e a narrativa de viagem *México*, isso não impede que EV tenha uma aguda percepção das relações entre centro e periferia e dedique seus esforços – e sua pena – para, apesar de atuando numa entidade alinhada e patrocinada pelos EUA, militar em prol de causas populares em benefício de uma América Latina periférica (ibidem:32).

Nessa condição, fica fácil perceber que os “espaços de viagem são espaços de agenciamento político” (BRISSON, 2009:1). Mas a verdade é que tal não acontece somente em casos patentes como esse. A literatura de viagem está coalhada de exemplos nos quais “a viagem desempenha um papel direto no avanço ou na garantia do

sistema político de uma nação ao contribuir para sua riqueza” (ibidem:2). Inúmeros viajantes terão enorme impacto na vida econômica de suas nações de origem ao participarem de explorações financiadas com o intuito de fomentar expansão geopolítica, garantir acesso a matérias-primas, estabelecer colônias, aumentar sua influência política interna ou externamente ou expandir as fronteiras do conhecimento, sempre em nome da ciência. Mais do que isso, é importante notar que é frequentemente por meio dos relatos de viagem que tais atos se revestem de justificativa e são incorporados como ferramentas de garantia de hegemonia econômica, política ou cultural (ibidem:2). Assim, é preciso considerar as relações entre a viagem, o viajante e seus possíveis patrocinadores como um fio invisível a ligar a literatura de viagem a questões políticas que podem desavisadamente serem negligenciadas num primeiro momento.

No caso de um autor como EV, não são somente as condições que cercam a realização da viagem que determinam sua atuação como diplomata ou escritor. EV parece explorar bem os processos dialéticos que envolvem as interações entre o viajante e a cultura que visita. Mais, ao contextualizar a viagem, o país visitado, a situação internacional profundamente marcada pela guerra e seu próprio país de origem, EV parece conseguir promover noções liberais de progresso e tolerância e equilibrar contrastes como modernidade e tradição, universal e particular, de forma a cumprir a agenda pan-americana de promover a confraternização entre os povos americanos, sem, contudo, mascarar divergências e conflitos de interesse. Fosse como diplomata ou escritor, EV jamais deixa de se pautar pelo humanismo que o define.

EV se revela um viajante sem preconceitos, de olhos abertos. Abre sua primeira narrativa – a narrativa de fato começa quando a viagem termina, apesar da estratégia de

querer fazer parecer ao leitor que viajou consigo – revelando-se sem a pretensão de conhecer os EUA após três meses de viagem, ou – por extensão – de fazer o leitor vir a conhecer aquele país por meio de seu relato. Da primeira à segunda viagem, parece realinhar suas idéias e dar à sua arraigada esperança um olhar mais crítico que pode ser percebido nos relatos correspondentes. Mas viajar permanece sempre um encontro imprevisto, uma busca do outro sem itinerário previamente definido, esperança de chegar ao entendimento entre os homens.

CAPÍTULO 3

Identidades em jogo

3.1. Identidade na América

Viajar é ir ao encontro do outro. E a América é fruto da fantasia da viagem, desejo do novo, esperança de chegar, “nascida” das grandes navegações e suas descobertas, que deram o reconhecimento de sua existência geográfica. O novo continente sai dos mapas para a rota do expansionismo europeu de fins do século XV sob a denominação comparativa de Índias Ocidentais (em oposição às Índias Orientais) devido a múltiplos fatores que contribuíram para sua conquista. Dentre eles, Guillermo Giucci (GIUCCI, 1992:11) destaca o crescimento mercantil e econômico, progressos técnico-navais, demanda por metais preciosos e especiarias, fortalecimento político das Coroas ibéricas e sucesso da Reconquista contra os mouros na península, princípio de posse por achado, presunção de superioridade moral e religiosa, sem deixar de fora os relatos dos viajantes medievais. Para Giucci, fator de especial importância foi a esperança de enriquecimento rápido. A conquista do Novo Mundo foi indelevelmente marcada por anseios de enriquecimento, glória e poder (ibidem:12). Se nos relatos medievais a Ásia aparecia como reino do maravilhoso, terra de paraísos fabulosos e monstros fantásticos, na América, o maravilhoso coincidiu com as imagens de riquezas infindáveis e, assim, “o fundo do maravilhoso americano foi, quase exclusivamente, econômico” (ibidem:13). Esse fascínio pela riqueza, pelo potencial econômico, reaparece como um eco distante em várias passagens de *Gato preto em campo de neve*. Nevada (GP:339), por exemplo, é caracterizado como “o estado dos minerais e das montanhas. A paisagem não difere muito da de Utah. Assim como o petróleo fez o

progresso de Oklahoma, a prata, o ouro, o cobre, o tungstênio e outros minerais estão promovendo a riqueza dessa região”. Também o Colorado é descrito em termos de suas riquezas minerais: nos arredores da capital, Denver, “há minas de ouro, prata, zinco, cobre e chumbo” (GP:328). Mas em EV, esse “fundo do maravilhoso” econômico americano também, e principalmente, aparece não só associado a riquezas naturais, mas ao potencial industrial dos EUA, como neste trecho sobre a Filadélfia: “Com um sessenta avos da população dos Estados unidos, esta cidade produz um vinte e cinco avos de todos os artigos manufaturados do país” (GP:129).

Mas se as riquezas naturais estimularam a conquista do Novo Mundo, não explicam a formação das nações americanas. Três séculos depois da conquista, inicia-se o processo de formação das nações do novo continente, também como decorrência de viagens transatlânticas, mas dessa vez de uma outra espécie: a viagem das idéias iluministas, trazidas na bagagem de novos viajantes e colocadas em prática em solo americano, convertendo os habitantes do Novo Mundo em sujeitos históricos e contribuindo para a consolidação de sua identidade política (ROUANET, 1993:15). A América, portanto, é filha das viagens em termos geográficos e históricos que, por sua feição colonial, acabaram por nos definir como periferia em relação a um centro radiador, a Europa. Definição expressa cartograficamente na projeção de Mercator⁴⁰, claramente eurocêntrica ao colocar a Europa no centro e “por cima”, além de representá-la maior do que de fato é em relação às porções de terra ao sul do Equador.

⁴⁰ Trata-se de uma projeção conforme, de tipo cilíndrico, na qual os ângulos do planisfério são mantidos idênticos aos da esfera terrestre, preservando assim as formas das superfícies, em detrimento de suas áreas, desenvolvida pelo cartógrafo flamengo Gerhard Kremer Mercator (1512-1594). Quanto maior a distância do Equador, maior será a distorção das áreas representadas. No mapa-múndi de Mercator, a Europa está numa região central, superior e, por se situar em altas latitudes, proporcionalmente maior do que era na verdade. OLIVEIRA, Cêurio de. *Dicionário cartográfico*. 4ª edição, Rio de Janeiro: IBGE, 1993 e SEEMANN, Jörn. “Mercator e os geógrafos: em busca de uma ‘projeção’ do mundo” in: *Mercator – Revista de Geografia da UFC*, ano 02, n° 3, 2003. Disponível em <http://www.mercator.ufc.br/index/php/mercator/article/view/159/127>, acesso em 05/02/2010.

Foi a partir desse encontro conflituoso entre Europa e América, marcado pelos signos da conquista e da exploração, que se definiram as identidades americanas. Aliás, a própria identidade europeia se define também a partir desse encontro. Pois foi “do tumulto americano [que] brotaram essas realidades imaginadas: estados nacionais, instituições republicanas, cidadania universal, (...) e o fim dos seus opostos conceituais: impérios dinásticos, instituições monárquicas, absolutismos, vassalagens, nobrezas hereditárias (...)” (ANDERSON, 2008:124-25).

Se o processo de definição das identidades do Velho e do Novo continente se deu a partir do choque entre ambos é porque “toda identidade se define em relação a algo que lhe é exterior” (ORTIZ, 1994a:7), isto é, traz a marca de uma diferença. No Brasil, a busca da identidade é quase “uma imposição estrutural”, que se coloca inicialmente a partir da posição de colônia e, posteriormente, a partir da posição subordinada em que a América Latina se encontra no sistema internacional (ibidem:7). Mesmo após abolir o controle colonial, toda a América Latina continua tutelada pelo neocolonialismo, presa em uma conjuntura que substituiu o controle outrora político e militar por formas de controle abstratas e indiretas. Essa dimensão externa da construção da identidade faz com que os latino-americanos se reconheçam como Terceiro Mundo, em clara oposição ao Primeiro – de quem somos fruto, por nosso alinhamento econômico, político e cultural. O Terceiro Mundo se configura como uma coalizão política unida pelas consequências do colonialismo e uma divisão internacional do trabalho injusta (SHOHAT & STAM: 55). Mas dizer que somos diferentes econômica, política e culturalmente não basta, e do reconhecimento dessa diferença frente ao Primeiro Mundo surge a necessidade de mostrar com que aspectos específicos nos identificamos, isto é, aquilo que compartilhamos e nos faz especificamente

brasileiros ou, de forma mais ampla, latino-americanos. Esse movimento de identificação latino-americana aparece especialmente em *México*:

*Fosse como fosse, eu me sentia de maneira misteriosa identificado com aquela terra e seu povo. Bom, identificado talvez não fosse a palavra exata. (...) A gente e as coisas mexicanas fascinavam em mim o romancista, o pintor irrealizado e **possivelmente o remoto índio que dormita agachado em algum abscondito recanto do meu ser.** (SCII:7; grifo em redondo do autor; em negrito, meu)*

3.1. Identidade no Brasil

Internamente, dentro do continente, existe entre os brasileiros um consenso que nos diferencia não só da América anglo-saxônica, como também dos demais países latino-americanos – mais próximos geograficamente porque no cone sul; mais próximos culturalmente porque também ibéricos; e mais próximos econômica e politicamente porque também ainda “nações em desenvolvimento”; e ao mesmo tempo distantes porque colonizados por espanhóis, e não portugueses, e portanto falantes de idiomas distintos. Mas somente essa diferenciação ainda não basta para identificar os brasileiros de maneira incontestável, pois os EUA mesmo têm essas mesmas diferenças (são americanos não colonizados inteiramente por espanhóis e também falantes de outra língua), e assim o consenso continua longe de ser alcançado quando tentamos definir o que faz de nós, exclusivamente, Brasil, isto é, o que de fato constitui a identidade brasileira. A pergunta “O que faz do Brasil, Brasil?”⁴¹ pretende marcar uma diferença entre o país e a nação e investiga o que faz de uma configuração geográfica e política, determinada por fronteiras e pela presença de um Estado, uma comunidade imaginada

⁴¹ Cabe ressaltar a semelhança da pergunta com o título do livro de Roberto DaMatta, *O que faz o Brasil, Brasil?*, e, mais importante, os pontos de contato com a investigação antropológica que ele efetua acerca da identidade brasileira. Para DaMatta, é a “capacidade relacional do antigo com o moderno” que fornece a chave para a compreensão da sociedade brasileira.

que, a despeito de sua formação heterogênea, compartilha um conjunto de valores que a unifica – como bem definido por Benedict Anderson em sua obra seminal (ANDERSON, 2008:30-34). Tal pergunta suscita diferentes respostas possíveis, mas nem toda essa multiplicidade de respostas – formuladas a partir dos mais variados pontos de vista – esgota a questão ou impede que a pergunta se renove continuamente, incorporando sempre novos aspectos a serem levados em conta: novas orientações ideológicas, novos cenários políticos, novas criações literárias. Ao longo de nossa produção intelectual, encontramos vários “intérpretes do Brasil” – intelectuais que dedicaram sua obra a um esforço interpretativo do país –, dentre os quais figuram Paulo Prado com seu retrato do Brasil; Gilberto Freyre com seu olhar sobre a casa-grande e a senzala, os sobrados e mocambos, a idéia brasileira de ordem e progresso; e Sérgio Buarque de Holanda, com sua investigação sobre as raízes ibéricas do Brasil. Dentro do âmbito mais restrito da produção literária nacional, mais especificamente dentro do âmbito da ficção, desde que os brasileiros decidiram marcar sua diferença frente a Portugal e se declararam independentes, rompendo o estatuto colonial, as indagações acerca da identidade brasileira se fizeram presentes em nossa literatura: da literatura romântica ao projeto de literatura nacional de José de Alencar; dos modernistas da primeira hora ao “realismo bruto” (BOSI, 1994. p.385) de Jorge Amado, José Lins do Rego, do próprio EV e de Graciliano Ramos e Guimarães Rosa, com sua busca pela linguagem oral e pelos regionalismos, no âmbito do léxico ou da sintaxe.

Mas, ao buscar mostrar essa identidade, a literatura não faz simplesmente um retrato do real, e muito menos reflete a realidade como um mero espelho – como se o espelho não colocasse uma deformação ao inverter a imagem que reflete. A literatura tem a capacidade de ir além e reconfigurar ou mesmo negar a realidade que exprime. Apesar de emergir no contexto de uma dada realidade histórica, a literatura está longe

de ser seu registro fiel. Pois ela emerge também da subjetividade do autor e, com isso, torna-se capaz de se insurgir contra a realidade, de forma mais ou menos consciente e contundente, apresentando uma imagem que, muitas vezes, a própria sociedade se recusa a reconhecer.

Ao narrar o encontro com o outro e assim reconhecer a alteridade, o relato de viagem permite também o encontro com o mesmo, muitas vezes já modificado por esse encontro. Por isso os relatos de viagem tanto se prestam a questionamentos acerca das questões ligadas à identidade e à alteridade. O relato de viagem é uma literatura de contato na qual diferentes tradições se comparam sob uma perspectiva que “põe em relevo a questão de como os sujeitos são construídos nas e pelas suas relações uns com os outros (...) não em termos de separação e segregação, mas em termos da presença comum” (PRATT, 1999:32), suscitando reflexões renovadas acerca daquilo que esses sujeitos são ou pretendem ser. Cabe ressaltar que a interação decorrente do contato ou “presença comum”, se faz a partir de entendimentos e práticas que muitas vezes se interligam dentro de relações assimétricas de poder (ibidem:32).

A literatura de viagem expressa a travessia das fronteiras tanto geográficas quanto culturais, representando olhares diferentes e distanciados que alimentam a memória e o imaginário cultural, assim como também exprime “uma dialética da alteridade que se manifesta nos encontros entre diferentes culturas e revela o paradoxo da busca de identidades no espelhamento do próprio no outro, abarcando todas as dimensões – espaço, tempo, gêneros, etnias, línguas, grupos sociais etc.” (AUGUSTIN, 2003:s/n). Como literatura, os textos de viajantes fornecem não apenas informações históricas, sociais e culturais, mas constituem os discursos de seus autores – isto é, na descrição dos fenômenos os textos articulam subtextos, interpretações, subjetividades e

discursos, expressando desta forma pontos de vista individuais. A idéia de discurso remete não só à idéia de construção, como à de mediação, e assim a identidade se define sempre por meio de interpretações (ORTIZ, 1994a:139).

Uma leitura crítica da literatura de viagem tem procurado identificar diferentes manifestações de etnocentrismo, tanto óbvias quanto insuspeitadas: é preciso saber como o discurso europeu se apodera das representações da periferia e como ele permeia os contradiscursos na sua tensão com o centro⁴². Nessa leitura, teoria literária e etnografia se aproximam e focalizam a literatura de viagem como gênero híbrido localizado e estabelecido no campo da literatura comparada, no encontro entre literatura e cultura, tanto aquela na qual uma literatura se insere quanto aquela com a qual dialoga. A cultura é lida como texto e o texto como discurso, isto é uma instância produtora de sentidos, e assim faz-se uma leitura crítica da literatura de viagem, que procura distinguir como se efetiva a produção de sentidos. No caso dos relatos de viagem de brasileiros para o exterior na primeira metade do século XX é importante notar que carregam projetos de identidade para a nação brasileira que, naquele momento, se redefiniam em termos modernos. Os setores letrados da sociedade estavam, portanto, em consonância com a preocupação do Estado em definir uma identidade nacional e assim consolidar uma “comunidade imaginada” que igualasse as diferenças étnicas, regionais e de classe.

É preciso não perder de vista que a construção da nacionalidade brasileira é ainda um projeto em curso nos anos 1930 a 1950. Daí a questão nacional se impor com tamanha força nesse período. A Revolução de 30, ainda que não tenha significado uma ruptura radical da ordem social, desencadeou um processo de centralização – a partir da

⁴² Talvez o melhor exemplo seja PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. Bauru: EDUSC, 1999.

consolidação do Estado nacional, que se fortalecerá com o Estado Novo (1937-1945) – numa sociedade ainda profundamente marcada pelo localismo. Começava a se “edificar uma realidade que ainda não havia se concretizado entre nós. O Estado seria o espaço no interior do qual se realizaria a integração das partes da nação.” (ORTIZ, 1994b, p.50-51). Para realizar essa integração, torna-se fundamental a construção de uma identidade nacional que unifique as diferenças regionais e é o que fará a noção de *brasilidade*⁴³, ao unir o regional e o nacional. Nesse processo, caberá aos intelectuais – dentre eles, EV – a ação de mediadores simbólicos, responsáveis por ligar o particular e o universal, o singular e o global, por meio da seleção e apropriação de práticas populares que passam a ser apresentadas como expressão da cultura nacional.

3.3. Olhares brasileiros sobre o Brasil e os EUA

Em meio a esse processo, há um grupo de intelectuais brasileiros que viajaram para o exterior e que tiveram a oportunidade de confrontar suas idéias acerca da nacionalidade com outras realidades, influenciados pela experiência do deslocamento. Cabe destacar aqueles que, nesse período, narram viagens cujo destino comum foi a América do Norte, como Monteiro Lobato, Alceu de Amoroso Lima e Vianna Moog.

Junto de *América* (1932), de Lobato, *Pela América do Norte* (1951-53) e *A realidade americana* (1955), de Alceu de Amoroso Lima; e *Bandeirantes e pioneiros* (1954), de Vianna Moog, os relatos do gato preto de EV denotam o interesse pelos EUA, que crescia no Brasil não só por causa do enorme desenvolvimento daquele país, mas também por este se configurar como um novo paradigma para a sociedade

⁴³ O conceito de brasilidade remete ao conjunto de características peculiares, individualizadoras do que é ser brasileiro, abrangendo a diversidade cultural do país. É usado por inúmeros estudiosos que se dedicam à investigação das construções identitárias, como Mariza Veloso, Angélica Madeira e Renato Ortiz – cf. Bibliografia.

brasileira, já que ambas as sociedades compartilhavam a condição colonial e a escravatura. A diferença, marcada nesses quatro autores, estava no mérito dos norte-americanos terem conseguido deixar para trás o atraso decorrente dessa condição que ainda marcava a realidade brasileira.

3.3.1. Monteiro Lobato

A viagem de Monteiro Lobato aos EUA é bastante anterior à de EV, ocorrendo ainda na década de 1920. Contudo, os dois autores se aproximam ao compartilharem, cada um a seu tempo, o entusiasmo pela “civilização” norte-americana. Lobato parte para os EUA em 1927, e lá permanece até 1930, como adido comercial junto ao consulado brasileiro em Nova York. Essa experiência aparece narrada em *América* (1932), crônica de viagens na qual um narrador brasileiro não identificado e Mr. Slang, seu fictício interlocutor inglês, discutem as sociedades norte-americana e brasileira. O livro se estrutura em torno dos diálogos entre ambos, geralmente suscitados por visitas a diferentes cidades, mas algumas vezes provocados pela leitura de livros e periódicos. Da discussão da realidade americana passam, invariavelmente, à sua comparação com a sociedade brasileira. Lobato tem em comum com EV muitos temas – as universidades, museus e bibliotecas; a condição econômica de cada país; personalidades políticas americanas, tanto históricas quanto mais recentes; meios de comunicação; religião; sistemas eleitorais; questões lingüísticas e de literatura.

E, no plano de construção da narrativa, ambos ficcionalizam suas experiências e lançam mão do recurso ao diálogo para estabelecerem suas críticas, levantar problemas e discutir soluções para o atraso brasileiro. Tanto um como outro vêm no diálogo uma forma didática eficiente para esclarecem os leitores sobre uma cultura ainda desconhecida. A interação entre autor e leitor por meio do diálogo aproxima de forma a

criar um contexto em que ambos participam em condição de igualdade. Ao remeter à fala, o diálogo permite o uso de um vocabulário mais próximo daquele usado no cotidiano, assim como o uso de construções mais informais, até mesmo fora da norma culta da língua.

Além de desconhecida da maioria dos brasileiros, a cultura americana era mesmo mal vista em determinados círculos sociais. O paradigma civilizatório ainda era a Europa, sobretudo a França. Em seu prefácio, Lobato chega a identificar a causa daquilo que chama “a incompreensão do fenômeno americano”. Para ele – assim como para EV –, os EUA eram, nos seus dizeres, “o único povo onde o ‘Amanhã’ da humanidade já vai adiantado” (LOBATO, 1956:5). A Europa, para Lobato, representava o ‘Ontem’, aquilo que já fora superado. Na busca por um novo paradigma, seus olhos voltavam-se para os EUA e seu livro é uma tentativa de estabelecer novas conexões e criar pontes que permitissem transpor as fronteiras do atraso. O objetivo declarado é permitir a compreensão do ‘fenômeno americano’, expressão usada para definir o estupendo avanço tecnológico empreendido pelos EUA, em oposição a nossa feição ainda arcaica, muito bem representada por seu personagem Jeca Tatu, apresentado no conto *Urupês*, lançado em seu primeiro livro de contos de mesmo título em 1918. Assim, *América* se constitui em torno das idéias de ‘futuro’ e ‘amanhã’, como indica Milena Ribeiro Martins (MARTINS, 2008:63), destacando serem ambas fundamentais para o discurso modernista e extremamente positivas para os ideais modernizadores em evidência no país desde a década de 1920. É interessante notar que apesar do reconhecimento do sucesso norte-americano, Lobato jamais apresenta os EUA como modelo a ser copiado e sim como um estímulo à reflexão acerca de quais seriam as particulares formas de agir e pensar que trariam um desenvolvimento similar para o Brasil. Numa conversa sobre economia, Mr. Slang esclarece seu interlocutor sobre os

benefícios da poupança, sem jamais dizer que o Brasil deveria fazer o mesmo. A forma de viver americana é apresentada, esclarecida, as diferenças com o Brasil são marcadas, mas sempre apenas para deixar no ar a suspeita de como seria o desenvolvimento brasileiro se encontrássemos novas formas que permitissem deixar para trás velhos hábitos e costumes ligados ao nosso atraso:

— “*Savings*”, [...] *está aqui uma palavra que se lê no ar, na terra, nas nuvens, em tudo, nesta América. A preocupação de acumular, economizar, pôr de parte, é geral.*

— *E é como a riqueza se acumula, observou Mr. Slang. Há o que produzimos, o que consumimos; e há o que pomos de parte para o futuro. O americano produz como povo nenhum ainda produziu; consome e esbanja como jamais foi consumido ou esbanjado; mas nunca deixa de acumular. Não existe nesta terá instituição mais prolífica do que a do “savings banks”.* (LOBATO, 1956:251)

Ou ainda, sobre a participação das mulheres na economia, observa Lobato: “[...] Com mais demora no país verá que ambos seguram a roca. Talvez seja a América o único país no mundo em que o carro da via é igualmente puxado a dois, pelo macho e pela fêmea” (ibidem:50).

3.3.2. Alceu de Amoroso Lima

Posterior a EV, Alceu de Amoroso Lima produz dois livros a partir de seu encontro com os EUA: *Pela América do Norte* (1951-53), que reúne os artigos semanais enviados à imprensa brasileira e *A realidade americana* (1955), escrito a partir daqueles textos jornalísticos e definido em seu subtítulo como um “ensaio de interpretação dos Estados Unidos”. Além do percurso de Amoroso Lima por aquele país, a coletânea de artigos jornalísticos abordava também suas incursões ao Canadá e ao México. Em comum com EV, além dos EUA e do México como destino, Alceu tem também a

passagem por diferentes universidades norte-americanas e o fato de ter ido para os EUA para desempenhar, por um período de dois anos (1951-53), a função de diretor do Departamento Cultural da União Pan-Americana, órgão executivo da OEA. Posteriormente, em 1953, EV foi convidado justamente para substituir Amoroso Lima no cargo. A grande diferença que separa Amoroso Lima de Lobato e EV é que, enquanto Lobato e EV eram entusiastas dos EUA, ele declarava não ter nenhum interesse por esse país. O predecessor de EV na União Pan-americana jamais escondera sua preferência pela Europa, continente do qual retornara um ano antes de embarcar rumo a Washington e ao qual se alinhava em termos de influência cultural. Logo na introdução de seu ensaio, Amoroso Lima revela sua antipatia por “vários aspectos que, de longe, me pareciam pouco animadores em sua civilização [a norte-americana] e, de modo muito peculiar, o fato da mecanização”, e que por isso “não tinha nenhum interesse em conhecê-los. Não iria lá espontaneamente” (AMOROSO LIMA, 1955:15). Ao menos desde os anos 30, Amoroso Lima tinha uma imagem agudamente crítica, negativa mesmo, dos EUA. Como bem apontado por Marcelo Timótheo da Costa (2001:1), aliada à idéia da valorização da máquina em detrimento do homem e da supremacia da massa sobre o indivíduo, sua antipatia em relação aos Estados Unidos “se devia também ao que considerava ser o predomínio de aspectos dessacralizadores na sociedade norte-americana” (ibidem:3). Todos esses aspectos se encontravam em oposição direta ao pensamento do autor, profundamente marcado por sua adesão ao catolicismo, que influenciava diretamente sua forma de perceber o mundo. Num dos primeiros artigos jornalísticos reunidos em *Pela América do Norte*, ele chega a perceber como “incontestável” uma tendência geral para “um desenvolvimento intenso do catolicismo e para a diluição crescente do protestantismo”, embora reconhecesse que a população fosse, em sua maioria protestante. (AMOROSO LIMA, 1951-53:17).

Todavia, a diferença fundamental em relação à simpatia de EV frente aos EUA logo desaparece. Se é possível afirmar que Amoroso Lima pretendia, ao aceitar o cargo em Washington, confirmar *in loco* sua condenação da sociedade americana – e de fato seu registro inicial é de contrariedade e estranhamento –, é preciso assinalar que ele, ao se confrontar com a sociedade americana, reconhece seu equívoco e sua surpresa e refaz seu discurso –, delineando, então, uma nova impressão predominantemente positiva. Decerto, essa reelaboração se dá em consonância com o projeto de construção de uma identidade moderna para o Brasil, em curso como projeto de Estado ao menos desde 1930, e que gradativamente se penetrava o imaginário da sociedade brasileira desde a década de 1920, num movimento que se espria a partir das camadas intelectuais, especialmente com a Semana de 22. Assim, em paralelo à trajetória da viagem propriamente dita, há a trajetória da mudança de pensamento do autor, capaz de abandonar sua idéia preconcebida dos EUA, para se reencontrar com o país que visita, desta vez despido de preconceitos e balizado pela reflexão construída a partir de suas observações diretas. Não à toa, o próprio Alceu se referia à sua trajetória como uma reconciliação e para comprová-la, chega a publicar como apêndice à *Realidade americana* seus artigos sobre os Estados Unidos publicados na imprensa carioca em 1941, para que, em suas palavras, “se possa livremente confrontar a visão à distância com a experiência vivida” (AMOROSO LIMA, 1955a:14).

No entanto, é preciso ressaltar que de qualquer forma a visão de Amoroso Lima contribuiu para a consolidação, entre os brasileiros, da idéia de que existia um abismo cultural a separar Brasil e EUA e do preconceito que negava aos EUA a existência de um substrato cultural que embasasse sua pujança econômica. Ainda no navio, ao se aproximar de Nova York, ele constata a pequenez da Estátua da Liberdade frente aos arranha-céus de Manhattan e faz seu diagnóstico: “o símbolo do séc. XIX desaparecera

em face do símbolo do séc. XX. *A liberdade sumia em face do poder...*” (ibidem:17 – grifo do autor). Em outra passagem, nega a possibilidade de comparação entre as culturas européia e americana:

Há muito quem negue a existência de uma cultura americana. E afirme, ao contrário, a incultura da América inglesa, em face da Europa e mesmo da América latina. Os Estados Unidos seriam o teatro de uma civilização materialista, baseada na supremacia do dinheiro e da vida prática. Seriam, quando muito, os novos-cultos do mundo moderno.

Não se pode, evidentemente, comparar a cultura européia com a cultura americana. Há um elemento tempo e outro tradição, ambos indispensáveis na ação da obra cultural. (ibidem:158)

Não obstante sua contribuição para difusão de tais preconceitos, essa visão reducionista da sociedade norte-americana é anterior a Amoroso Lima, e foi combatida por intelectuais como Gilberto Freyre, Anísio Teixeira e Afrânio Peixoto. Em 1937, estes autores, entre outros que também tiveram a oportunidade de conhecer os EUA *in situ*, iniciaram seu combate a essa situação e lançaram a coletânea *Aspectos da cultura norte-americana*, que reunia artigos de autores das mais diferentes filiações políticas ou filosóficas. A idéia era de que, a partir de uma visão plural, o leitor poderia reconstruir uma impressão de conjunto segundo sua própria reflexão.

3.3.3. Vianna Moog

Já Vianna Moog tem em comum com EV muito mais do que simplesmente o estado natal. Junto de Lobato, além da experiência de viver nos EUA, os três integram o grupo de seguidores da Semana de Arte Moderna de 22 formado por nomes como Carlos Drummond de Andrade, Sérgio Buarque de Holanda, Gilberto Freyre e Caio Prado Jr, todos engajados na tarefa de repensar o país face à nova realidade sócio-

econômica que se configurava a partir de 1930. Essa geração de intérpretes do Brasil almejava repensar e transformar o país, todos, ainda que por diferentes e, por vezes, tortuosos caminhos, ligados ao projeto de consolidação de uma sociedade industrial moderna e de uma identidade nacional condizente com a modernização em curso implementado pelo Estado Novo. Surge então uma nova interpretação da cultura, da nação e do povo brasileiro, que passa a ser “percebido como detentor da ‘alma nacional’, da autenticidade e originalidade da cultura”, de tal forma que se estabelece uma relação de igualdade, “quase de sinonímia entre *povo* e *cultura*” (VELOSO & MADEIRA, 2000:98). A década de 1930, com sua radicalização dos processos de modernização no país, é profundamente marcada pela idéia de construção da nação e para tanto se tornava necessário identificar aquilo que o Brasil tinha de próprio, de particular. A viagem, ao colocar em confronto as culturas do viajante e do visitado, apresenta-se como oportunidade ideal para essa identificação. No caso das viagens para os EUA, a comparação tornava-se inevitável, frente às diferenças construídas a partir de uma condição colonial e escravocrata comum.

Tanto Moog quanto EV procuraram compreender as diferenças fundamentais entre ambas as sociedades ao vê-las colocadas em xeque pelo confronto com a alteridade da sociedade americana. Para ambos, e também para Lobato, os EUA eram a feição bem-sucedida do continente, o país da América que “deu certo”, entrando na modernidade pela porta da frente. A releitura de suas obras hoje permite não só “repensar os critérios objetivos de uma modernidade triunfante” (SILVA, 2007:17), como também os descaminhos dessa modernidade, seus desvios de rota, assim como os elementos arcaizantes remanescentes no Brasil e que atuam como ruídos, perturbando a sintonia do Brasil com essa modernidade. O livro de Moog, *Bandeirantes e pioneiros*, manifesta, em seu subtítulo “paralelo entre duas culturas”, sua intenção comparativa,

que abarca, segundo sua divisão em capítulos, aspectos geográficos e étnicos; éticos e econômicos; históricos; simbólicos; religiosos e políticos; psicológicos, culturais e artísticos, num amplo panorama que procura englobar a totalidade dos fatores definidores de cada cultura. A grande questão por trás da obra de Moog – e que também se encontra um pouco mais diluída nas narrativas do gato preto de EV, e especificamente manifesta na segunda, *A volta do gato preto* – é “por que eles e não nós?”⁴⁴. Para Moog era preciso compreender “como foi possível aos Estados Unidos, país mais novo que o Brasil e menor em superfície continental contínua, realizar o progresso quase milagroso que realizaram” e chegar àqueles dias “à vanguarda das nações, [...] quando nosso país, com mais de um século de antecedência histórica, ainda se apresenta, mesmo à luz das interpretações e profecias mais otimistas, apenas como o incerto país do futuro?” (MOOG, 1954:9). Na avaliação de EV, leitor dos originais da obra de Moog por conta de seu trabalho na Editora Globo, tratava-se de um livro “penetrante, revelador, corajoso [...] provocará discussões apaixonadas e ficará na nossa história literária ombro a ombro com *Casa grande & senzala*, de Gilberto Freyre” (orelha da edição de 1954). Cabe investigar por que razão Freyre, e mesmo mais discretamente EV, continuaram influenciando as gerações futuras e provocando debate enquanto a obra de Moog está praticamente esquecida, à espera de uma nova recepção. Cabe também ressaltar que apesar de fruto de uma viagem, resultado de sua experiência nos EUA, o livro de Moog se distancia da literatura de viagem, configurando-se mais como um ensaio interpretativo, como se nota a partir da própria estrutura da obra, explicitada no índice. Assim, por exemplo, temos os seguintes capítulos iniciais: Capítulo 1. Raça e geografia; Capítulo 2. Ética e economia; Capítulo 3. Conquista e

⁴⁴ A pergunta se configura no fragmento “Paralelo”, onde o autor a coloca na boca da personagem Fernanda, a quem se dirige: “Agora quem faz a pergunta embaraçosa é você [...] ‘Por que razão chegaram os Estados Unidos – cujo povoamento é mais recente que o do Brasil – ao presente estágio de civilização, ao passo que nós ficamos tão para trás?’” (VGP:490)

colonização, com cada um cuidando de realizar uma minuciosa comparação entre os elementos de cada cultura. Assim, ao longo do livro, Caramuru e Paraguaçu são comparados a John Smith e Pocahontas, a economia católica à economia protestante, o Lincoln Memorial às obras de Aleijadinho.

A comparação entre o livro de Moog e os relatos de EV interessa pelo fato de que as três obras configuram-se como tentativas de tradução de uma realidade cultural para outra, e, no caso desses dois autores, os *textos de partida e de chegada* – de acordo com uma metáfora baseada no campo da tradução – são os mesmos: EUA e Brasil, respectivamente. Cada autor, ao deparar-se com a alteridade da cultura visitada, precisa decifrar a nova realidade com a qual se depara, ou seja, precisa *ler* cada nova situação que se apresenta e acaba por proceder como se a nova cultura fosse um texto a ser lido, e, portanto, traduzido para si mesmo e para o leitor. Confirma-se duplamente a idéia de Bakhtin, de que, em se tratando de cultura, a exterioridade é um fator poderoso na compreensão (apud MENDES, 2002:519). Não só ser exterior a uma cultura permite a liberdade de estabelecer conexões reprimidas naquele contexto cultural que podem trazer a real compreensão de algumas práticas, como a condição de viajante, ao colocarmos em posição exterior a nossa própria cultura, favorece o acesso a essas conexões reprimidas ou simplesmente obscuras dentro de nosso contexto social.

3.3.4. Erico Verissimo

A literatura de viagem de EV está ligada a uma nova safra de livros de viagem produzida a partir dos anos 1930. Já nessa década, a Companhia Editora Nacional respondia por um terço da produção nacional, sendo a maior editora de livros do país –

posto que ocupou até a década de 1970 – (HALLEWELL, 1985: 254 e 293) e foi responsável pela edição de uma coleção de livros de viagem que contava com 16 títulos, como *América*, de Monteiro Lobato e *Chão de França* (1935), de Ribeiro Couto, o que atesta a popularidade do gênero naquele período, provavelmente devido ao fato de que poucos brasileiros tinham a oportunidade de viajar para o exterior, o que colocava o relato de viagem em posição privilegiada para a divulgação da realidade de outros países.

No entanto, impossível não notar que EV destaca-se dos demais autores dessa série, especialmente, pelo fato de que, com ele, o relato de viagem iria além da configuração ensaio interpretativo ou de reportagem testemunhal, ganhando um toque literário e estético, manifesto na linguagem e “pelo senso do poético e do cotidiano” (PAES & MOISÉS, 1969:437).

Mas isso não significa que EV escape do hibridismo característico do gênero, que pode acabar por colocar uma falsa questão: o quanto a narrativa de viagem é documento ou representação. A historiografia há muito já reconhece o caráter de representação dos registros históricos. Todo documento é uma construção que pretende apreender o real por meio de sua representação na linguagem e que é profundamente marcado por seu propósito e origem. Mas a moderna literatura de viagem, por ter a ficção como horizonte, ao mesmo tempo em que remete incessantemente ao factual, reafirma seu caráter de fronteira entre esses dois pólos. Assim, a pergunta cabível é o quanto de factual existe nas narrativas de EV e o quanto elas são devedoras das estratégias ficcionais de que o autor lança mão.

Os relatos de viagem de EV são profundamente ligados ao factual. Independente de qualquer estratégia ficcional utilizada, ele jamais se distancia do discurso histórico, o

que significa dizer que as personagens e fatos ali tratados são referenciais⁴⁵ – ou seja, remetem a uma realidade externa ao texto –, e que o espaço abarcado pelo relato é localizado tanto geográfica quanto temporalmente, e portanto inserido na história.

Mas a narrativa de viagem de EV não mais se restringe ao mero relato e nitidamente se desloca do campo da história para o da literatura. EV escreveu quatro livros inteiramente dedicado a viagens – *Gato preto em campo de neve* (1941), *A volta do gato preto* (1946), *México* (1957) e *Israel em abril* (1970) e pretendia dedicar o segundo volume de suas memórias exclusivamente às inúmeras viagens que realizou como turista, mas o projeto de suas memórias foi interrompido por sua morte, em 1975. O volume ficou inacabado, sendo publicado postumamente, editado pelo crítico Flávio Loureiro Chaves a partir dos originais e anotações do autor, e pretendia abordar outras viagens nas narrativas “Sortilégio antilhano”, “Aquarelas de Portugal”, “Espanha: ouro e sépia”, “Carrossel italiano”, “Ouro do Reno” (Alemanha), “Estampas da Holanda”, “Suíte francesa”, “Sonata austríaca”, “A breve primavera de Praga” (Tchecoslováquia), “Visita a Sherlock Holmes” (Inglaterra), “Sol e mel” (Grécia), e “Suíça”⁴⁶. Suas narrativas de viagem, sejam as formalizadas em livro ou aquelas inseridas no segundo volume de suas memórias, abordam questões sociais, históricas, econômicas, políticas e culturais, e com isso realizam o entrecruzamento de discursos tão característico do gênero, e claramente manifesto na estrutura dos livros de viagem de EV. É interessante notar que os títulos escolhidos por EV para as passagens que integrariam suas memórias pretendem remeter a aspectos que possam ser imediatamente relacionados aos países

⁴⁵ As exceções seriam Malasarte, seu alterego em *Gato preto em campo de neve*, e Tobias, em *A volta do gato preto*, onde também aparecem como interlocutores Vasco Bruno e Fernanda, que são personagens de seu romance *Saga* e que aparecem também em outros de seus romances. Sua presença nos relatos é um claro exemplo dos recursos narrativos ligados àquilo que chamo de “estratégia ficcional” do autor.

⁴⁶ A parte sobre Portugal estava quase pronta, a sobre a Espanha ficou inconclusa e a parte sobre a Holanda, de acordo com o organizador do segundo volume de *Solo de clarineta*, Flávio Loureiro Chaves, parece ter sido escrita em data muito anterior às demais, mas, por indicação do próprio EV já estava em sua versão definitiva. Os capítulos sobre a França e a Tchecoslováquia não chegaram a ser escritos

que descrevem, ou seja, têm a intenção de evocar uma identidade. E *Israel em abril* também remete à questão da identidade, por tratar de uma jovem nação em franco processo de afirmação.

Além disso, foram preservadas cartas escritas por EV aos amigos por ocasião de suas viagens, e algumas já apresentam características das narrativas de viagem ao descreverem lugares e itinerários e narrarem atividades e desventuras do viajante (MORAES:43). Em qualquer de suas formas – livro de viagem, memória ou epístola –, os relatos de viagem de EV são produzidos a partir da observação da realidade e incorporam a experiência subjetiva do narrador – suas impressões, sensações e lembranças (MORAES:44). O autor é um espectador que descreve as viagens realizadas e as transforma em narrativas nas quais não só decifra e traduz as novas situações que se apresentam, como compartilha com o leitor suas impressões pessoais acerca dos lugares que visitou e das situações que vivenciou.

Os dois primeiros livros de viagem de EV narram sua experiência nos EUA durante a década de 1940. Nenhum deles se furta a dialogar com a tradição do gênero por meio da incorporação ao texto de informações geográficas, históricas e arquitetônicas dos lugares visitados, assim como de dados estatísticos referentes à população, à economia, à produção e consumo cultural dessas localidades. Portanto, acolhendo o tom informativo dos guias de viagem modernos, sem se afastar totalmente do discurso científico que caracterizou os relatos surgidos das expedições científicas do século XIX. No entanto, é importante notar que EV constrói seus relatos numa inversão da experiência clássica do etnógrafo que se desloca do centro para a periferia. Ele é um viajante que sai da periferia em direção ao centro.

No entanto, nada disso impede que as narrativas de viagem de EV nitidamente se configurem como “forma de expressão de aspectos biográficos e literários”, relacionando-se “ao caminho percorrido pelo escritor na vida e na literatura” (MORAES:5). Associados a *México*, relato de uma de suas viagens àquele país em 1955, os dois relatos sobre suas viagens aos EUA são obras de caráter autobiográfico⁴⁷ que parecem deixar transparecer como as experiências de deslocamento e defrontação com a alteridade inerentes às viagens para o estrangeiro desempenharam um importante papel nos rumos de sua carreira literária, influenciando de forma irrevogável sua obra ficcional posterior.

Os relatos de viagem aparecem na obra de EV quase como uma decorrência natural para um escritor que se dizia um apaixonado por viagens que teria herdado do avô tropeiro “o gosto pelas andanças” (apud BORDINI, 1999:31). A partir da leitura de suas memórias, percebe-se que ler e viajar se irmanam como formas de conhecer o mundo, e para o humanista declarado que era o romancista, conhecer o mundo é conhecer o homem: “Viajei como um ser humano interessado principalmente em seres humanos, mas convencido também de que todas as coisas merecem ser vistas – o sublime e o sórdido, o trivial e o raro – porque tudo é expressão da vida e um romancista não deve voltar as costas à vida” (GP:15).

Como já visto aqui, as viagens do escritor EV pelos EUA, na década de 1940, são emblemáticas de uma época influenciada pelas novas interpretações da sociedade brasileira preocupadas em compreender as deficiências da transposição do projeto

⁴⁷ A primeira autobiografia propriamente dita é de 1966, escrita por ocasião do lançamento de sua ficção completa pela Editora José Aguilar, do Rio de Janeiro, e intitulada “O escritor diante do espelho”. Na década de 1970, EV inicia a escrita de suas memórias, sob o título de *Solo de clarineta*, e previstas em três volumes. O primeiro volume é lançado em 1973 e a obra é lamentavelmente interrompida por sua morte em 1975. O segundo volume é uma edição póstuma organizada pelo crítico Flávio Loureiro Chaves a partir dos originais inconclusos (IMS, 2003:15-16).

modernizador europeu para o Brasil. Erico – assim como Monteiro Lobato na década de 1930 – via nos EUA um novo modelo para a sociedade brasileira, muito adequado e proveitoso por tratar de uma sociedade que também vivera as experiências da colonização e da escravidão e que as suplantara por obra do vigoroso processo modernizador que então vivenciava. À época, Erico era já um romancista experiente e reconhecido, para quem o papel do escritor é “entre outras coisas, dar um diagnóstico das doenças de sua época” (apud BORDINI, 1999:37). E, na literatura de viagem como nos romances, EV parece estar sempre atento aos problemas de sua época.

EV afirmava estar “viajando com a imaginação desde a infância” (idem:145), mas sua primeira viagem para fora do Rio Grande do Sul deu-se somente em 1935, tendo por destino o Rio de Janeiro, quando o escritor já contava com 30 anos, (IMS, 2003:11). Nesta viagem, conhece os escritores Jorge Amado, José Lins do Rêgo, Graciliano Ramos, Carlos Drummond de Andrade, Jorge de Lima, Álvaro Moreira, Murilo Mendes, Marques Rebelo e Augusto Frederico Schmidt, entre outros (SCI:261). Em 1940, visita São Paulo, onde – escritor já consagrado pelo enorme sucesso de *Olhai os lírios do campo* (1938), que o transformara num escritor de *best-sellers* ao esgotar várias edições em poucos meses⁴⁸ e ser editado em vários países – profere diversas conferências. Segundo o próprio Erico, o sucesso desse livro foi tão grande que “teve a força de arrastar consigo” seus romances anteriores⁴⁹, que até então haviam conhecido tiragens modestas. Em contrapartida, seus livros infantis⁵⁰ já contavam com cerca de 140 mil exemplares publicados (CHAVES, 1972:XVI-XIX)⁵¹.

⁴⁸ No início da década de 40, o livro totalizava 36 mil exemplares comercializados somente no Brasil.

⁴⁹ *Clarissa* (1933), *Caminhos cruzados* (1935), *Música ao longe* (1936) e *Um lugar ao sol* (1936).

⁵⁰ *As aventuras do avião vermelho* (1936) – que narra viagens pelo mundo, *Os três porquinhos pobres* (1936), *Rosa Maria no castelo encantado* (1936), *Meu ABC*, *As aventuras de Tibicuera* (1937), *O urso com música na barriga* (1938). Após *As aventuras do avião vermelho*, cria o programa de auditório para crianças, “Clube dos três porquinhos”, na Rádio Farroupilha, no qual personifica o personagem Amigo

Comprovando a fama de “contador de histórias” que lhe rendia tamanho sucesso, não é surpresa constatar que sua literatura de viagem vai além do mero relato e incorpora estratégias narrativas claramente ficcionais, contribuindo para que EV se estabelecesse como um dos mais importantes narradores de viagens do país, inclusive de projeção internacional. Prova disso é que os relatos dedicados aos EUA, *Gato preto em campo de neve* (1941) e *A volta do gato preto* (1946), foram traduzidos para o espanhol ainda na década de 40, e *México* (1957)⁵² foi traduzido para o inglês e o italiano ao longo da década seguinte ao seu lançamento, mas para o alemão e o espanhol ainda na mesma década – 1958 e 1959, respectivamente (IMS, 2003:160-62; CHAVES, 1972:XXV-XXVIII).

Na década de 1940, Erico já é um romancista experiente e isso se manifesta não só na construção dos diálogos, que, como destaca Schüller, “aparecem ágeis, reduzidos ao essencial”, como na apresentação das ‘personagens’, caracterizadas por meio de breves observações (SCHÜLER, 1986:141), e nas descrições carregadas de visualidade que marcam suas demais obras. Essas características aparecem também nas narrativas de viagem do gato preto. Assim, o encontro entre EV e um motorista de táxi da Yellow Co. fica registrado no seguinte diálogo, iniciado pelo motorista enquanto estão parados num sinal fechado:

Velho, que conta histórias ao vivo, de improviso. Dessa idéia surge a “Coleção Nanquinote” (provavelmente o nome deriva da associação do sufixo ‘ote’, de valor diminutivo, à palavra nanquim, a tinta para papel) de livros infantis da Editora Globo, que seus livros integram. Seus filhos Clarissa e Luís Fernando nascem em 1935 e 1936, respectivamente. O programa sai do ar em 1937, porque EV se recusa a submeter suas histórias ao DIP para censura prévia.

⁵¹ Cabe ressaltar que o Brasil de então era um país que tinha uma população de aproximadamente 42 milhões habitantes e uma taxa de analfabetismo em torno de 57% – fonte: IBGE, in http://www.ibge.gov.br/seculoxx/arquivos_pdf/populacao, acesso em setembro de 2009.

⁵² A tradução dos livros das viagens de EV pelos EUA para o espanhol ocorre em total consonância com a política de boa vizinhança implementada por aquele país, cujos principais objetivos eram minimizar a influência européia na América Latina e reforçar a liderança norte-americana no continente. A meu ver, essas traduções acabam por se configurar como uma boa forma de divulgar os EUA pelos países latino-americanos.

— *O senhor sabe? Nova York é muito engraçada... É a cidade que o judeu governa e o italiano suja.*

— *E o americano?*

— *O americano paga as despesas.*

— *Então o senhor não deve gostar nada disso...*

— *Pouco me importa. Eu sou grego.*

Aparece a luz verde. O auto retoma a marcha e em dez minutos paramos à frente do Savoy-Plaza, à esquina da Quinta Avenida com a rua 59. (GP, 46)

Além de ser um exemplo de construção de diálogo sucinto, pautado no fornecimento de informações indispensáveis, esse fragmento é emblemático para a abordagem do confronto entre diferentes identidades por oferecer ao leitor uma prévia do embate entre as identidades culturais que EV encontrará no *melting pot* formador da sociedade norte-americana. EV pressupõe que o motorista do táxi é americano, provavelmente não só pelo fato de estar trabalhando (o que indica a suposição de que o imigrante legal, “assimilado”, assumiria sua condição de americano), mas também pelo fato de o motorista distinguir-se de duas identidades de forte presença em Nova York, italianos e judeus. Ao encerrar o diálogo com a explicação surpreendente do motorista, EV não só reforça sua marca – diálogos concisos, sem floreios e ornamentos –, como garante certa comicidade à cena, aliás antecipada no título do fragmento: “A comédia das raças”.

Já no que diz respeito à apresentação das personagens, vários fragmentos são dedicados simplesmente à construção de tipos, especialmente ainda durante a travessia marítima entre o Rio de Janeiro e Nova York, onde descrever e inventar personagens parece uma boa alternativa para matar o tempo a bordo, como nos fragmentos “Rolam as ondas, o tempo rola” (GP:23); “O galante Mr. Greenwood” (GP:30); “O ex-campeão”, (GP:30); “Os problemas de Mr. Polaczek” (GP:32); “Greta Garbo” e “A polonesa de olhos tristes”(GP:33); “O filósofo” (GP:34); “O venezuelano errante”

(GP:35); e “O sombrio humorista” (GP:36). O fragmento “Retrato errado” parece ilustrar bem a técnica de apresentação das personagens por meio de observações curtas e diretas:

Torno a rever muitas vezes o homenzinho de cara astuta que no dia da partida discutia com o comissário. Tem uma expressão pícara no rosto rosado, e a boca miúda, de lábios finos, se abre às vezes num sorriso malicioso. Ao pousarem nas pessoas e nas coisas, seus olhos parecem ter sempre a expressão comercialmente avaliadora. Dizem que é negociante e vai tentar a vida nos Estados Unidos. Discute no bar por causa de dez centavos, Creio que tem a obsessão do lucro. Seu olhar frio revela desconfiança, avareza e má-fé. Vive – fantasio eu – procurando ludibriar o próximo, mesmo quando se trata de transações de ordem sentimental. Estou a apostar como nunca fez um negócio honesto em toda a sua vida e como é incapaz de qualquer emoção artística. (GP:32)

E, com a mesma velocidade com que caracterizou o sujeito, desfaz tudo em poucas palavras:

*Um dia, porém, encontro-o a ler um livro, estendido numa preguiçosa, do deck. Aproximo-me dele e olho de soslaio para a capa do volume: L’Imitation de Christ.
E vá a gente querer penetrar as almas! (Ibidem,)*

Quanto à visualidade das descrições, trata-se de uma característica dos textos de EV apontada por mais de um crítico (CHAVES, 2001:15; LUCAS, 2003:131; MORAES, 2005:68) e que se manifesta em inúmeras passagens dos relatos de viagem, não só na descrição de paisagens, como na de ambientes e personagens, como bem demonstram esses dois trechos sobre restaurantes de Nova Orleans. A linguagem se apóia na minúcia do detalhe, e os adjetivos privilegiam a visualidade, especialmente as cores e variações cromáticas e de luz:

Apagam-se as luzes e um maître especialmente designado para a ocasião – um sujeito de nariz fino, bigodes de guias erguidas como um satanás de ópera-bufa, prende fogo no bowl. A chama azul salta e na escuridão da sala a gente só vê a cara do Mefistófeles iluminada pela luz fantástica – os olhos chispantes, a expressão maligna. (“O Antoine’s”, GP:311)

EV lança mão de formas, luzes e cores para descrever o ambiente e criar o clima desejado. Afinal, Nova Orleans evoca o fantástico, o sobrenatural, com sua cultura local marcada pela presença de escravos haitianos levados para a região do delta do Mississippi e adeptos do vodu.

O fragmento continua com o uso dos mesmos recursos para garantir a visualidade da cena, só que agora marcando a presença francesa na cidade:

E no pátio do Broussard's existe uma estátua colorida de Napoleão Bonaparte. Lá está o imperador entre palmeiras e magnólias com seu chapéu de dois bicos, a mão metida no dólma, duas ridículas manchas vermelhas na face, como uma prostituta que se pintou às pressas. Quando um freguês pede um conhaque, manda a tradição da casa que o garçom apanhe o garrafão, caminhe em passo marcial até a estátua do guerreiro, faça-lhe uma continência militar, dê meia-volta e com todo o garbo venha servir a bebida. (Ibidem)

Mas EV vai além da mera descrição e não ignora as expectativas dos leitores de livros de viagem, que buscam mais do que simplesmente se informarem sobre novos lugares. O leitor que dedica seu tempo à literatura de viagem quer também “ser levado a comparar, julgar, sentir e refletir” (SCHÜLER, 1986:144), e EV oferece cada uma dessas possibilidades, navegando na fronteira entre realidade e fantasia e enriquecendo assim seus relatos, que ultrapassam a mera informação turística e se constroem mais próximos da literatura. Com bem notado por Bonfim (BONFIM, 2006:3), os livros de viagem de EV são como pontes a nos mostrar que fronteiras podem ser cruzadas, sejam elas geográficas, culturais, discursivas ou narrativas. Para o estudo da história, os relatos de viagem permitem um acesso peculiar, que alia o “olhar de fora” perante os fatos e ações humanas exigido para seu estudo, e de certa forma garantido pelo distanciamento cultural imposto pela condição de viajante, ao “olhar de dentro” de quem participou daquele momento, sujeito a suas expectativas e frustrações. Para o estudo da literatura,

por seu caráter referencial incontornável, os relatos de viagem parecem permitir distinguir de forma mais clara o conteúdo e os conflitos ideológicos que perpassam a obra ficcional do autor, assim como evidenciar suas intenções, angústias e anseios, suas técnicas de construção e suas estratégias narrativas. No caso de EV, a preocupação com a escrita perpassa nitidamente toda a obra – manifestando-se na sua literatura de viagem, em sua obra ficcional⁵³ e em suas memórias – e mesmo fora dela, nas várias entrevistas de que se tem registro. Inúmeras vezes EV reconhece que seu talento é ser um contador de histórias, que procura escrever com clareza e objetividade, sem buscar uma “língua nova” (EV in “Não sou profundo”, entrevista a Clarice Lispector, 1967 e “Dona Sorte ou o aprendizado literário”, entrevista a Maria Dinorah, 1970)⁵⁴. Talentos que EV considera usar bem, mas que reconhece serem “menos apreciados pela chamada ‘crítica séria’”⁵⁵.

Quanto a outras de suas técnicas e estratégias, algumas seriam importadas de outros autores – como a técnica da simultaneidade aprendida na tradução de *Contraponto*, de Aldous Huxley, para a editora Globo, até então desconhecida pela maioria dos romancistas brasileiros da época⁵⁶; a técnica de composição da sátira social e a tipificação dos caracteres de Sinclair Lewis⁵⁷; a linguagem cinematográfica de John Dos Passos e sua vinculação dos personagens, que se estende de uma obra para outra, inclusive da ficção para a literatura de viagem, como o caso dos personagens Vasco e Fernanda, confirmando que EV não suprimia estratégias ficcionais de suas narrativas de

⁵³ Não por acaso, mais de uma obra apresenta um personagem escritor, como, por exemplo, Tônio Santiago de *O resto é silêncio* (1943) ou Noel, em *Caminhos cruzados* (1935).

⁵⁴ Cf. BORDINI, Maria da Glória (org.) *A liberdade de escrever* – entrevistas sobre literatura e política. São Paulo: Globo, 1999. pp. 25 e 46.

⁵⁵ idem, pp. 25.

⁵⁶ *Caminhos cruzados* pode ser considerado um marco na evolução do romance brasileiro. O livro incorpora a técnica do contraponto, que consiste em mesclar diferentes pontos de vista (tanto do escritor quanto das personagens) com uma representação fragmentária das situações vividas pelas personagens, sem que haja um núcleo para o qual essas convirjam.

⁵⁷ Cf. págs. 70-71 deste trabalho.

viagem. No caso de Dos Passos, aliás, cabe ressaltar que o autor realizou um amplo painel da formação da sociedade americana na trilogia *U.S.A.*, o que aparentemente pode ter sugerido a EV a semente de *O tempo e o vento* (CHAVES, 2001:34-35).

No âmbito interno à sua obra, os relatos de viagem de EV sem dúvida dialogam com sua obra ficcional de variadas formas, seja reproduzindo técnicas e estratégias, seja servindo para desenvolvê-las ou colocando novas questões para obras futuras. No âmbito externo, o fato é que podem ser perfeitamente integrados à série de “narrativas e imagens que têm servido para representar o Brasil e os brasileiros” (VELOSO & MADEIRA, 2000:27). Por sua vez, EV faz parte da chamada “geração de 30”, marcada por um momento radical de reinterpretação do Brasil, iniciado pelo movimento modernista na década anterior. Tanto no âmbito da literatura como no âmbito das ciências sociais, o modernismo se manifestou como um momento de reversão do complexo de inferioridade e, simultaneamente, de afirmação do processo de formação brasileiro. Em seguida às “múltiplas estratégias de reciclagens, paródias e outros procedimentos de reelaboração das matérias-primas de nossa cultura” (ibidem), promovidas por Mário e Oswald de Andrade, respectivamente em *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter* e no “Manifesto antropófago”, ambos de 1928, a reinvenção moderna do Brasil chega ao ensaísmo crítico extremamente original de Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Jr. Esses autores, como vimos, acabaram reconhecidos como “intérpretes do Brasil”, e foram responsáveis por significativas mudanças de rumo na historiografia referente à sociedade e à cultura brasileiras, deixando para trás a mentalidade colonizada que marcava a produção anterior, centradas nas noções de raça e meio geográfico. Assim, procurava-se então determinar a identidade brasileira a partir da construção de “nexos originais entre os conceitos de

civilização, cultura e nação” (ibidem:90), e os livros de viagem de EV trazem a marca de seu tempo.

A partir de então, a conflituosa relação entre tradição e modernidade que passa a marcar profundamente o pensamento brasileiro, atinge especialmente aquele cuja reflexão se debruça sobre a noção de brasilidade. Os livros das viagens norte-americanas de EV estão contaminados por essa tentativa geracional de compreensão de nossa formação cultural e os EUA acabam por se constituir “como um espelho em que o Brasil poderia se ver, ao discutir sua formação cultural e sua realidade social” (CARVALHO, 2007:19).

As narrativas de viagem de EV são obras que trabalham as duas sociedades – a brasileira e a norte-americana – pelo viés do discurso comparativo, construindo simultaneamente o conhecimento de si – o Brasil – e do outro – os EUA, confirmando a idéia de Todorov de que “o conhecimento dos outros não é simplesmente um caminho possível para o conhecimento de si mesmo: é o único” (TODOROV, 1993:98). Para o crítico búlgaro, uma civilização só é capaz de pensar sobre si mesma se dispõe de outras para servirem como termo de comparação. Assim, o encontro de EV com a realidade norte-americana permite-lhe elaborar sua reflexão sobre o que faz dos brasileiros, brasileiros, ao mesmo tempo em que busca descobrir o que os faz dos americanos, americanos. Ou seja, no encontro entre diferentes culturas, parece inevitável que a questão da identidade se imponha de forma incontestável.

3.4. Identidades em jogo

Segundo Stuart Hall, a identidade é um conceito crucial porque funciona como articulador entre os discursos e práticas que nos circundam e com os quais nos relacionamos, e que nos determinam enquanto sujeitos sociais portadores de discursos particulares, atuando nos processos de construção de nossa subjetividade. É nesse contexto social que a identidade é disseminada, construída e reconstruída continuamente, apesar de manter-se relativamente estável durante esse processo de socialização (HALL & DU GAY, 1996:5). Sua origem está na necessidade de controle, por parte tanto dos indivíduos como dos grupos sociais, do espaço social e físico circundante (MENDES, 2002:504). Assim, a mudança de espaço social e físico concretizada durante uma viagem aciona mecanismos de afirmação de identidade, colocando os relatos de viagem numa posição privilegiada para observação da manifestação das diferentes identidades em confronto. Os relatos de viagem favorecem a observação das dinâmicas que envolvem as chamadas identidades culturais, ou seja, aquelas ligadas à sensação de pertencimento a um grupo, seja ele de gênero, étnico, lingüístico, religioso e, principalmente, nacional (HALL, 2004:8). Para Hall, a concepção de identidade derivada do sujeito sociológico é aquela que vem preencher o espaço entre o “interior” e o “exterior”, ou, de forma mais clara, entre o mundo pessoal e o mundo público, entre o individual e o social. Esta concepção sociológica da identidade reflete a complexidade do mundo moderno e reforça a idéia de que o sujeito se forma na relação com outras pessoas que, por sua importância para ele, servem de mediadores entre ele e a cultura – os valores, símbolos e sentidos que orientam sua relação com o mundo. Resumindo, a identidade aqui é vista como resultante da interação entre sujeito e sociedade. De acordo com Hall, o fato de que projetamos a nós

mesmos nessas identidades culturais – ao mesmo tempo em que internalizamos seus significados e valores de forma a torná-los parte de nós – contribui para que alinhemos nossos valores subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. Nesse caso, a identidade serve para ligar o sujeito à estrutura social, servindo para estabilizar os sujeitos e os mundos culturais que eles habitam, tornando-os espaços menos estranhos, e, por isso, menos desestabilizadores (ibidem:11-13).

Dentre as diversas manifestações de identidade cultural, as que mais nos interessam aqui são aquelas que aparecem nos relatos como identidades nacionais (brasileiro, norte-americano⁵⁸, mexicano), supranacionais (latino, anglo-saxão, sul-americano, ibérico) ou regionais (gaúcho, texano, *middlewestern*, sulista). Ao longo de seus relatos de viagem, EV nos mostra como o fato de ser identificado – e identificar-se – de acordo com uma dessas identidades implica diretamente na relação com o outro, configurando uma mobilidade contínua em relação às formas pelas quais EV e seus personagens são representados ou interpelados nos sistemas culturais que os rodeiam.

Ocorre que a identidade não se constrói apenas por cópia ou aceitação dos padrões culturais escolhidos como determinantes. Antes, ela se constrói a partir do atrito gerado pelo conflito entre os diferentes agentes e locais de socialização e por isso é cambiante, se redefinindo a partir do imprevisível que cerca o viajante e aqueles que encontra. Assim, as identidades em jogo assumem sua feição relacional e múltipla, evidenciando-se como flutuantes e situacionais porque “baseadas no reconhecimento por outros atores sociais e na diferenciação, assumindo a interação um papel crucial nesse processo” (MENDES, 2004:505), mesmo que exista um núcleo que permaneça

⁵⁸ Seria mais preciso usar o termo ‘estadunidense’, mas o próprio *Dicionário Houaiss* registra ‘norte-americano’ como sendo um sinônimo, ou seja, aquele “relativo aos Estados Unidos da América, ou o que é seu natural ou habitante; americano-do-norte” antes de registrar como aquele relativo à América do Norte como um todo, o que, em termos geográficos, incluiria também canadenses e mexicanos, além dos próprios estadunidenses. Assim, mantive a forma usual ‘norte-americanos’ para me referir aos estadunidenses, ressaltando caso queira me referir às demais nacionalidades daquela divisão geográfica.

preservado durante o processo de interação. É esse caráter relacional e múltiplo que permite a EV experimentar identificar-se ora como brasileiro, ora como latino, ora como gaúcho, evidenciando, muitas vezes, o papel das questões de poder e desigualdade no processo identitário. Como bem descreve Mendes, “a posição no espaço social, o capital simbólico de quem diz o quê, condiciona a construção, legitimação, apresentação e manutenção das identidades (ibidem:505).

Ocorre, portanto, que as contradições e dissonâncias decorrentes da interação entre diferentes agentes sociais e suas circunstâncias, ao interpelarem o sujeito de diferentes formas, levam-no a constantes reconstruções identitárias que requerem dele um trabalho autobiográfico constante para a manutenção de um sentimento de identidade contínuo. As viagens de EV colocam-no constantemente em situações de reelaboração e preservação identitárias que parecem marcar não só a sua atuação posterior como diretor do Departamento de Assuntos Culturais da União Pan-Americana⁵⁹, como também sua obra a partir de então. Em *Solo de Clarineta*, ao abordar o nascimento da idéia de escrever uma saga do Rio Grande do Sul, EV hesita:

Não sei ao certo. Não creio que idéias como essa nos caiam na cabeça com a força súbita de um raio. É mais provável que comecem de ordinário com uma nebulosa de origem ignorada, que se mistura com as outras que povoam nossos misteriosos espaço e tempo interiores e aos poucos vão tomando a forma dum mundo.

Procurando analisar com imparcialidade meus romances anteriores, eu percebia o quão pouco, na sua essência e na sua existência, eles tinham a ver com o Rio Grande do Sul. (SCI:288)

Maria da Glória Bordini aponta que a idéia de um romance cíclico sobre o RS é de 1939, quando EV trabalhava em *Viagem à aurora do mundo*, publicado nesse mesmo ano. EV teria brincado com a idéia por meses, chegando a esboçar árvores genealógicas e desenhar retratos dos personagens e mesmo as fachadas de suas casas. No entanto,

⁵⁹ EV aceita o convite do Ministério das Relações Exteriores brasileiro em fins de 1952, em substituição a Alceu de Amoroso Lima, cuja experiência deu origem aos relatos já mencionados anteriormente.

falta entusiasmo ao escritor e o projeto é abandonado (BORDINI, 1995:125). Mas o fato é que, apesar de EV recuar ainda mais esse momento no tempo, o faz de forma ligeira e circunstancial ao levantar a hipótese de que idéia poderia ter surgido em 1935, quando das comemorações do centenário da Guerra dos Farrapos em seu estado natal. Cabe notar que tal reflexão aparece no fluxo de suas memórias somente após ele tratar de suas três viagens para os EUA, incluindo aí sua viagem de férias ao México, quando da terceira temporada norte-americana, e contada em *México – história duma viagem*⁶⁰ (1957). Parece sintomático que a trilogia *O tempo e o vento*, classificada por Flávio Loureiro Chaves como “uma extensa reflexão sobre a identidade brasileira” (CHAVES, 2001:104), só tenha sido iniciada de fato em 1947, após suas duas primeiras temporadas nos EUA. Esse mesmo crítico acaba por incluir a trilogia numa série do que ele chamou de “livros cruciais para o destino das nacionalidades, porque logram expressar simbolicamente as características dum determinado momento histórico, a ficção orientando e conduzindo a mesma realidade que lhe deu origem”, aproximando a trilogia de obras como *Guerra e Paz* (1869), de Lev Tolstoi, para a Rússia; *A comédia humana* (1829-1848), de Balzac, na França; *Os maias* (1888), de Eça de Queiroz, em Portugal; *O leopardo* (1957), de Giuseppe Tomasi di Lampedusa, na Itália; *A montanha mágica* (1924), de Thomas Mann, para a Alemanha; e *Cem anos de Solidão* (1967), de Gabriel Garcia Marquez, na Colômbia. Pesavento, Leenhardt, Chiappini e Aguiar, na apresentação de sua antologia de ensaios sobre a trilogia sulina também ressaltam que a leitura de *O tempo e o vento* permite vislumbrar “um retrato de um certo Brasil ou mesmo uma *redescoberta do nacional*” (PESAVENTO et alii, 2001:7, grifo meu). Outro crítico a destacar a presença de questões ligadas à identidade na obra de EV, mas sob um ponto de vista que abarca toda sua obra, foi Otto Maria Carpeaux. Para ele,

⁶⁰ Vários autores registram esse subtítulo. Contudo, segundo Zilberman, o subtítulo, apesar de anunciado aos leitores da *Revista do Globo* antes do lançamento da obra, teria desaparecido quando mais tarde o livro é finalmente publicado (ZILBERMAN, 2008:25).

“Veríssimo fala aos brasileiros. Também fala em nome dos brasileiros. Diz o que importa ao brasileiro” (CARPEAUX, 1972:39). Também Jorge Amado contava ter se comovido com a leitura do romance *Incidente em Antares* (1971) porque, longe do Brasil à época, reencontrara no livro a “[sua] gente, [...] o Brasil inteiro, cerne da obra de EV” (AMADO, 1972:34, grifo meu).

Ao confrontarem EV com inúmeras situações de reelaboração e preservação identitárias, dele próprio ou de seus interlocutores, as viagens pelos EUA não só vão marcar posteriormente sua obra, como, enquanto em curso, apresentaram ao autor interessantes oportunidades de vivenciar ou presenciar diferentes tentativas de manutenção de um sentimento de identidade contínuo. Isso acontecia, em especial, em situações que envolvem confusão das identidades em jogo.

Para o exame dessas situações em que as identidades são confundidas, é bastante pertinente a análise do sociólogo canadense Erving Goffman sobre os aspectos de linha, face e tato que se manifestam na negociação entre identidades em confronto, lembrada por Mendes em seu texto “O desafio das identidades”. Nem sempre a leitura da linha de atuação defendida pelos sujeitos em jogo é bem-sucedida, seja por parte do viajante visitante – o próprio EV, no caso –, ou por parte dos ‘anfitriões’. A linha (*line*) seria “um padrão de atos verbais e não-verbais através dos quais o indivíduo expressa sua visão da situação e a sua avaliação dos participantes e, sobretudo, dele próprio” (MENDES, 2002:506). Nas situações de interação, os sujeitos procuram manter uma linha consistente que lhes permita manter a realidade social que constroem. Durante a interação, face (*face*) seria o valor social positivo que o indivíduo reivindica, isto é, uma imagem do sujeito assente nos atributos socialmente aceitos e derivados da linha que ele procurou manter. As faces, então seriam construções derivadas das regras do grupo e da definição da situação. Para manter o autorrespeito e seu orgulho durante a interação, o

indivíduo deve evitar qualquer tendência para se envergonhar ou reagir de forma inadequada – ou seja, deve ter tato (*poise*). Portanto, o indivíduo tende a se comportar de forma a manter sua face, assim como a dos demais participantes do encontro, configurando uma espécie de cooperação ritual entre todos os envolvidos. Então, a manutenção da face torna-se menos um objetivo do que uma condição da interação. Pelo menos três episódios nos relatos são emblemáticos dessa dinâmica.

No primeiro, EV está em Washington e vai a um evento social *black-tie* em Alexandria, do outro lado do rio Potomac, zona metropolitana de Washington. Ao retornar, às onze da noite, resolve passar pelo Troika, um *nightclub* local. EV pára à porta e olha em torno, buscando uma mesa, quando alguém lhe toca o braço:

(...) *Volto-me e vejo um casal. O homem me diz em tom imperioso:*

— *Moço, quero uma mesa!*

Olho-o surpreso e replico:

— *Que coincidência! Eu também quero.*

O gerente se aproxima cheio de mesuras, desfaz o engano e, sorrindo, me explica que o recém-chegado me tomou por pessoa da casa. Compreendo. Os fregueses do Troika em geral aparecem com as roupas de uso diário. E um sujeito moreno de tuxedo à porta do cabaré só pode ser o gerente... (“Troika”, GP:79)

EV se vale da ironia para contornar o equívoco preconceituoso de que foi vítima e acaba por provocar a identificação do leitor usar a expressão “a gente” para descrever o que sentiu: “É bem melancólico a gente viajar milhares de milhas para no fim das contas descobrir que tem cara de gerente de cabaré” (GP:79). O recurso ao humor e à ironia são bastante presentes, especialmente nos momentos de equívoco ou de discordância do autor frente a uma situação ou opinião de outrem.

Já em *A volta do gato preto*, a família Verissimo chega ao saguão de um hotel em Miami e são recebidos por uma mulher morena, com cabelos castanhos e crespos:

— *Italiani? – pergunta ela.*

— *Não, senhora.*

— *Mexicanos?*

— *Brasileiros.*

— *Oh! Buenas noches, amigos.*

— *Buenas noches. Queremos quartos.* (“Viagem através de um forno”, VGP:24)

Aqui EV não somente não desfaz o equívoco como o reforça ao responder em espanhol a sua interlocutora.

Em um terceiro episódio, agora em *México*, EV também é confundido, mas desta vez, ao invés da pele morena ser causadora da confusão, esta se deve mais aos trajes e ao comportamento e ao biótipo da mulher. Durante um acidente envolvendo o trem em que viajavam, os mexicanos tomam EV por um norte-americano:

“Felizmente o trem não ia muito depressa – murmura um deles. – Podia ter sido pior”. O outro sacode a cabeça, lento: Por supuesto. (...) Um homem alourado, aproxima-se e diz: “Que vergonha para nós, mexicanos. No país dos senhores, em Norte América, não acontecem dessas coisas.” Retruco: “Mas quando acontecem, meu amigo, são muito piores. Morre mais gente.” Não tento explicar que não somos americanos. Seria inútil, pois minha mulher tem olhos azuis e está a bater fotografias desesperadamente. (México:28)

Nos três episódios EV é tomado por alguém que ele não é. Apenas no primeiro não assume o equívoco, mas o entende e aceita. Nos dois demais, não se dá ao trabalho de desfazer a confusão, parecendo sempre não querer colocar o outro em situação constrangedora. E no episódio passado no México, ao ver que a confusão o coloca numa posição de “superioridade”, trata de logo colocar os americanos em desvantagem em relação aos mexicanos, exatamente por sua superioridade tecnológica. É interessante notar que o equívoco, ou engano, é um elemento constantemente presente nos encontros culturais, e que resulta de uma falha interpretativa, ou, em outras palavras, de uma tradução malsucedida de atos, situações, hábitos, práticas ou aparências. Veríssimo,

como vimos, não deixará de explorar a veia cômica desses equívocos, não só como recurso literário, mas também explorando o humor como meio de dissolução das tensões que emanam dos conflitos resultantes dos encontros culturais.

Parece claro, então, que as identidades têm um certo grau de variabilidade em função do contexto em que estão momentaneamente inseridas, podendo induzir respostas erradas e expectativas equivocadas, ou mesmo criar situações de ambigüidade. Especialmente no que diz respeito às identidades sociais, isto é, aquelas ligadas às categorias mais vastas a que um indivíduo pode pertencer. Além do jogo com o outro, essas identidades defrontam-se também com as esferas da identidade pessoal e da identidade “sentida” do indivíduo. Enquanto a primeira é derivada da biografia do sujeito, a segunda deriva da sensação subjetiva da sua situação ou contingência, além de ser profundamente marcada pelas experiências sociais vividas. Aqui também a idéia de atrito está presente e é determinante (MENDES, 2002:509).

A identidade social, ao se constituir no cruzamento entre atributos pessoais e estrutura social, deriva dos contextos nos quais as interações ocorrem, e acaba por cindir-se em duas ‘camadas’, a potencial e a real, onde a primeira é formada “pelas exigências e características que imputamos aos indivíduos”, e segunda incluiria os atributos que os indivíduos de fato possuem, assim como as categorias reais a que pertencem. Dessa forma, o jogo social passa pela tentativa de ajuste entre ambas (ibidem:509).

No caso dos encontros culturais, me parece que todo o equilíbrio entre linha, face e tato e o ajuste entre identidade social potencial e real acabam dificultados pelo fato de que todo o processo se dá no âmbito de uma tradução. Traduzir é uma forma de abordar o outro que não escapa à sua transformação radical, já que na tentativa de entendê-lo, aplicamos parâmetros que reconhecemos, mas que lhe são externos e

desconhecidos. Além disso, traduzir muitas vezes envolve o encontro com o totalmente novo, para o qual ainda não dispomos de instrumental para seu entendimento ou vocabulário para sua expressão. A tradução necessária – e muitas vezes fonte dos equívocos vivenciados – não é somente lingüística, mas cultural, ou seja, relacionada aos modos de pensar que envolvem o processo. Como os modos de pensar não são idênticos e nem as línguas possuem equivalentes perfeitos para todas as palavras, a tradução precisa conviver com um grau de incompletude decorrente da impossibilidade de recuperação plena dos significados em jogo.

Em paralelo, o encontro com a alteridade acaba por se constituir simultaneamente como um processo de autoprodução identitária, numa tentativa de fixação das identidades a partir de uma produção constante de novas visões da realidade. Então, o diálogo com os outros se torna essencial na construção da consciência de cada indivíduo, diálogo que é multivocal – de acordo com Bakhtin –, e que se produz na intersecção entre a necessidade de se ligar ao outro (aproximação) e a necessidade de diferenciação do outro (afastamento). A empatia ou a identificação com o outro têm somente um papel transitório e preparatório. No diálogo, cada identidade mantém-se sempre irreduzível. A aproximação com o outro, ou com outra cultura, sendo necessária, é secundada por um movimento de retorno, de recentramento de sua posição (ibidem:519).

O encontro com o outro se configura como gerador de instabilidades. No caso dos encontros culturais, a instabilidade é inerente, já que ocorrem num espaço de fronteira, de passagem entre modos de ver e pensar e o mundo, de travessia de identidades em confronto. A tradução se impõe quando há desestabilização de referências culturais, tornando-se ferramenta a ser “usada em espaços intersticiais que são sempre regiões de negociação”, onde “formas e códigos criados por um grupo são

desafiados e modificados” (NERCOLINI, 2005:3). As fronteiras culturais são os limites entre diferentes culturas, e a tradução cultural exige a construção de pontes que permitam a superação destes limites e a interação entre as diferentes culturas. Para que isso de fato ocorra, muitas vezes é preciso transgredir a própria cultura, romper seus limites, de forma a possibilitar o acolhimento da diferença sem que aquilo que é alheio acabe reduzido ao que é costumeiro na cultura de origem. A antropóloga argentina Beatriz Sarlo chama a atenção para o fato de que as traduções são, ao mesmo tempo, comunicação e obstáculo, já que diferentes línguas – ou culturas – jamais encontram total equivalência (SARLO, 2002: 99).

Os encontros interculturais, por se darem em espaços de instabilidade, criam situações privilegiadas para a percepção de que as identidades se constroem no discurso e através dele, e em lugares históricos e institucionais específicos. Assim, a literatura de viagem acaba por se constituir num espaço privilegiado para descortinamento do processo de construção das identidades e das tensões resultantes do confronto entre identidades.

3.5. Identidade e estereótipo

Nos encontros entre EV e os americanos se engendra o confronto entre diferentes identidades culturais. Tal confronto exige dos envolvidos uma apreensão do outro quase que imediata por meio de “um processo que decupa ou localiza na abundância do real (...) num modelo cristalizado” (Amossy apud AMANCIO, 2000:135). Ou seja, é inevitável que o primeiro contato entre as identidades culturais se dê pelo meio do estereótipo, uma simplificação que se opera por meio da generalização

e da esquematização. O estereótipo parte de uma imagem ou opinião formada e aceita sem reflexão e que exprime um julgamento simplificado, não verificável e muitas vezes falso sobre um indivíduo ou grupo. São repetições automáticas que ocorrem sem variação, de forma superficial e artificial, sem que seja possível precisar sua origem, geralmente difusa e dispersa. O estereótipo é sempre abstrato e esquemático, remete a uma dimensão geral e carrega em si conceito, idéia, crença, atitude, julgamento e representação. Além disso, é cristalizado, vem à mente pronto, e se reveste do caráter de uma representação coletiva. Para as ciências sociais, tem uma dimensão positiva que se assenta exatamente na construção de uma identidade social, no seu fator de coesão social ao autorizar e garantir a inclusão de um indivíduo num grupo determinado. Já sua dimensão negativa se manifesta sob a forma de preconceito, capaz de justificar discriminações infundadas (AMANCIO, 2000:136-139). Para o psicanalista Contardo Calligaris, não há nenhuma contradição nesse processo, pois as identificações coletivas são de fato *prêt-à-porter*, e já trazem em si sua dimensão positiva e negativa, como duas faces de uma mesma moeda (CALLIGARIS, 2004:12).

Se o estereótipo, portanto, é num primeiro momento um facilitador, logo se transforma numa armadilha que EV parece muitas vezes conseguir evitar submeter seus interlocutores. Em oposição, ele mesmo é vítima desta armadilha um sem número de vezes.

A apreensão imediata do outro por meio do estereótipo e a necessidade de realização de uma tradução que faça a ponte entre duas culturas origina inúmeros equívocos, falhas de interpretação nas quais um sentido diferente do original é convocado por engano. O equívoco é um engano ou erro decorrente da ambiguidade de interpretação que paira sobre um horizonte de sentidos. Por estar em desacordo com a

realidade observada, o equívoco pode gerar constrangimento, embaraço, vergonha ou indignação, todas situações difíceis no caso de um encontro entre duas culturas que pretendem se aproximar. EV contorna todos com sucesso, seja por fingir não perceber o engano, ou, no mais das vezes, pela via da ironia e do humor.

Gato preto em campo de neve é pleno de equívocos que revelam a desigualdade das relações culturais que se estabeleciam naquele momento entre EUA e Brasil. Mas isso não impede – antes, propicia – o muito que tem a revelar sobre o que eram e como se pensavam brasileiros e norte-americanos no início da década de 1940. Conhecer esse momento dessas duas culturas, com atenção à forma como se relacionaram naquele contexto, ajuda a entender os caminhos e descaminhos que ambas as sociedades trilharam desde então.

CAPÍTULO 4

Em trânsito : deslocamentos, encontros interculturais e tradução cultural

Gato preto em campo de neve foi editado em 1941 com uma tiragem inicial de 10 mil exemplares. Essa primeira edição esgotou-se em um mês, fato que comprova não só a popularidade do autor, como também a popularidade do gênero “literatura de viagem” na primeira metade do século XX no Brasil (MORAES:59). Enquanto essa primeira viagem é uma viagem de descoberta, a segunda – narrada em *A volta do gato preto* – é uma viagem de reconhecimento (MORAES:59). E isso fica claro no tom dos relatos: o primeiro é muito mais entusiasmado, o segundo, mais crítico. Ambos se constituem como textos valiosos para a análise não só dos encontros culturais e das traduções que estes suscitam, como também das tensões decorrentes dos embates entre diferentes identidades culturais confrontadas. *Gato preto em campo de neve*, no entanto, por seu caráter de descoberta, de primeiro encontro, acaba por favorecer essa análise por conta do ineditismo, para o autor, das situações com as quais se depara.

A leitura de *Gato preto em campo de neve* revela como os encontros culturais vivenciados por EV deixam transparecer a imagem de Brasil e a imagem dos EUA que se configura na reflexão decorrente desses encontros entre culturas. É a partir da percepção das diferenças entre ser brasileiro e ser norte-americano que a reflexão se faz. E o que era para Erico, naquele momento, ser brasileiro? Ou norte-americano? Como essas identidades se constituíam? Como dialogavam entre si? Quais suas semelhanças e diferenças? Qual era o Brasil de Erico? Qual a sua visão da(s) América(s)? Qual o diálogo possível? Como todas essas imagens são construídas na sua linguagem? Como a nova realidade que se lhe apresenta é traduzida para seus leitores? Como se trata de representar outra cultura, a idéia de tradução se faz presente, e é interessante perceber

como um tradutor consagrado como EV opera as diversas traduções culturais que julga necessárias para a compreensão dos EUA por parte dos brasileiros.

4.1. Gato preto em campo de neve

A primeira narrativa do gato preto abre com um curioso bilhete do autor, no qual ele alerta o leitor para o fato de que mesmo depois da viagem ele ainda não conhece os EUA. Portanto, por seu teor, o bilhete foi claramente escrito após os eventos que serão narrados e depois também do próprio ato da escrita da obra. EV alerta que três meses não são suficientes para “percorrer todo um território humano e geográfico tão tumultuosamente vasto, rico e vario” (GP:15). À complicação decorrente do tamanho físico do país, ele acrescenta sua complexidade demográfica, aludindo ao *melting pot* formador sociedade americana. Pelas páginas de *Gato preto em campo de neve* desfilam personagens portadores de sobrenomes das mais diversas origens: alemães, holandeses, suecos, ingleses, irlandeses, escoceses, franceses, italianos, espanhóis e mesmo um inusitado albanês. O bilhete também minimiza qualquer estratégia ficcional utilizada ao classificar o livro como “um relato simples e objetivo”. Mas paradoxalmente termina assumindo seu objetivo de pretender dar ao leitor “a ilusão de que viajou comigo”.

Verissimo acrescenta ainda um curioso *post-scriptum* para esclarecer que o título do livro “não tem nenhum sentido secreto ou simbólico”, sendo uma simples referência a um gato que ele viu atravessar um campo coberto de neve da janela do trem dentro do qual ele cruzava o Colorado. Aqui o autor parece lançar mão de uma negação para afirmar seu contrário, numa perspicaz estratégia para chamar a atenção do leitor para o caráter realmente simbólico do título, sem no entanto constranger aqueles para os quais

a explicação pudesse parecer óbvia. De fato, a sensação de inadequação, devidamente simbolizada pela falta de mimetismo de um gato preto sobre a neve, acompanha EV pelos relatos do gato preto, concretizando-se nas mais diferentes situações em que ele, por exemplo, é imediatamente identificado como um estrangeiro e, mais grave, como um latino, um *chicano*, elemento que, juntamente com o negro, teve sua participação no *melting pot* americano deliberadamente recalcada. O contraste do preto sobre o branco também acaba por remeter a uma alusão à escrita, o preto das letras sobre o branco do papel, afinal, a viagem é ao mesmo tempo uma viagem da escrita e na escrita.

Quanto à estrutura, o livro se divide em 15 seções, cada uma abarcando um número diferente e desequilibrado de textos que variam bastante em tamanho. Em sua maioria, cada uma das seções é dedicada a uma cidade dos EUA. As exceções são a primeira, que trata da travessia do Atlântico, entre Rio e Nova York (“A primeira viagem de Simbad”, GP:16); “Prelúdio”, que trata da passagem inicial por Nova York, imediatamente após a chegada; o fragmento “Os Wilder de New Haven” (GP:223), que trata de sua recepção pela família do escritor Thornton Wilder; “Rumo ao Sul” (GP:284), cujo título já esclarece o tema; “Horizontes efêmeros” (GP:320) e “Pela janela do trem” (GP:337), seções consecutivas que tratam respectivamente, de locais onde EV fez rápidas paradas ou locais pelos quais o trem passou, sem parada. A obra termina com um suposto diálogo entre o autor e seu leitor, no qual é feito um balanço das impressões de viagem e tenta-se construir um panorama da sociedade americana. Pode-se falar em conclusão, pois trata de apresentar o que foi pode ser apreendido a partir daquilo que foi vivido/narrado anteriormente.

Sendo a maioria das seções dedicada cada uma a uma cidade, são as cidades, portanto, que orientam o conjunto de textos. Mas ao optar por registrar episódios fora de

seus limites, EV acaba por dar importância também àquilo que ocorre fora delas, na passagem de uma a outra, ou seja, a situações que favorecem o deslocamento. No entanto, por serem os locais privilegiados de observação do modo de vida americano, são as cidades que merecem destaque no conjunto, até porque é nas cidades que os encontros de fato acontecem, é nas cidades que EV pode observar o caráter americano onde ele melhor se manifesta, nas relações entre pessoas e entre as pessoas e as cidades que habitam. Além disso, EV era um romancista que até então se dedicara à escrita de uma literatura urbana. Obras como *Clarissa* e *Caminhos cruzados*, por exemplo, marcam a configuração da classe média urbana no romance brasileiro. Para o crítico Wilson Martins, foi EV quem conseguiu “o que nenhum dos revolucionários de 22 conseguiu de fato fazer: o romance urbano moderno” (apud CHAVES, 2001:18). O olhar de EV já era profundamente marcado pela experiência urbana.

Alguns críticos tratam estas seções por capítulos (MORAES, 2005:61). Apesar de o termo capítulo designar simplesmente a divisão de um livro, ou a parte constituinte de uma obra escrita, ele sem dúvida remete ao papel que desempenham na estrutura romanesca, onde os capítulos são partes da obra que, geralmente – salvo experimentações formais –, se integram entre si numa ordem predeterminada que garante a coesão da história, a unidade da narrativa, e que não têm sentido quando suprimidas do todo ou lidas fora da ordem sucessiva. Isso não acontece em *Gato preto em campo de neve*. As seções de fato seguem o andamento da viagem, mas sua leitura pode ser feita em outra ordem, ou com saltos, sem que a compreensão do todo seja comprometida. As seções também não obedecem a uma estrutura interna predeterminada, na qual, por exemplo, a apresentação da história da cidade fosse seguida pela informação de sua situação econômica, das visitas turísticas e episódios vividos, para fecharem com uma conclusão que contivesse a impressão geral de EV de

cada cidade. Na verdade, apesar de todas procurarem fornecer informações históricas, econômicas, turísticas, não há nenhuma fórmula a ser seguida. E se as seções podem ser lidas de acordo com a vontade do leitor, o mesmo ocorre com os fragmentos que as constituem. A obra, assim, se reveste de certo caráter caleidoscópico, onde as histórias podem ser justapostas de diferentes formas, como os cacos de vidro colorido daquele artefato óptico, combinando-se de diferentes formas, numa sequência cambiante de impressões. De acordo com essa visão, a obra aparece, então, dividida em seções, constituídas por fragmentos que podem ser recombinados, como as pedras do caleidoscópio, pela ação do leitor.

Quanto ao tema, o primeiro livro coloca de maneira clara e inequívoca o problema do viajante – o deslocamento convida à contemplação do novo mundo que descortina aos seus olhos, ao mesmo tempo em que desperta o exame de si, em virtude de seu confronto com essa nova realidade. Assim, o livro se inicia não com a chegada em terra estrangeira, mas com a partida da terra natal. E no tombadilho do navio, presenciamos não o encontro com outros viajantes, mas um inusitado encontro consigo mesmo, um eu mais jovem que passa a acompanhá-lo por toda a viagem sob o nome de Malasartes. EV abandona de cara o caráter de transcrição da realidade próprio dos relatos de viagem e lança mão de estratégias ficcionais que explicitam esse encontro com o outro e consigo mesmo que, ele antevê, será a viagem. Em confronto com a identidade cultural do outro, sua própria identidade é convidada a se pensar de uma nova forma. E isso vale tanto para o indivíduo quanto para a comunidade na qual se insere.

O relato em si começa com a viagem que se inicia no convés do *Argentina*, ainda no porto Rio de Janeiro, de partida rumo a Nova York. Ainda no cais, EV relata

sua melancolia de não pertencer a nenhum dos dois grandes grupos que viajam com ele: “estudantes paulistas que vão para uma universidade na Carolina do Norte” e “os rapazes do Botafogo F.C.” (GP:17), melancolia essa que parece antecipar a sensação de deslocamento proveniente do fato de não pertencer, por um período relativamente longo, a nenhum grupo capaz de lhe fornecer a estabilidade de uma identidade que o conecte de forma íntima e eficaz à cultura que o recebe.

O fragmento seguinte denomina-se *Eu e o outro* (GP: 18) e nele o autor nos apresenta, por meio de um curioso diálogo, a figura de Pedro Malasartes, ele mesmo quinze anos mais novo – ou seja, ainda um rapazote de 20 anos. Para apresentar Malasartes ao leitor, EV recorre à figura do espelho, que utilizará outras vezes nos outros relatos de caráter autobiográfico que escreve⁶¹. Em *Gato preto em campo de neve*, na verdade, o narrador relata que julga estar frente a um espelho para afirmar a semelhança entre seu eu e seu outro, que também aparece marcada na voz. O narrador conclui tratar-se de um sonho. Ao cindir-se em dois, o autor tem em Malasartes um seu alterego que será usado para admissão de suas ingenuidades e falhas, assim como algumas de suas preferências literárias – os poetas franceses Paul Verlaine e Francis Jammes, o romancista norte-americano John Steinbeck, o dramaturgo norueguês Ibsen, ou o indiano Rabindranath Tagore, Prêmio Nobel de Literatura em 1913, entre outros. Essa estratégia narrativa, ao ser utilizada logo nas primeiras páginas e fazer com que se saia do espaço da referencialidade do relato de viagem, parece ter a função de alertar o leitor de que o romancista poderá se manifestar – e de fato o fará – outras vezes ao

⁶¹ Em *Solo de clarineta*, antes do capítulo I – e assim repetindo a estrutura montada com o bilhete na abertura de *Gato preto em campo de neve* – EV nos apresenta seu “amigo mais íntimo (...) o sujeito que vejo todas as manhãs no espelho do quarto de banho” e com o qual confessa estabelecer “diálogos mudos” (SCI:s/n). Nesse homem do espelho diz reconhecer ora a mãe, ora o pai, assim como as marcas do tempo que passou. Esse recurso reaparece duplamente na autobiografia que EV escreveu para a edição de sua ficção completa pela José Aguilar em 1966: no seu título, *O escritor e o espelho*, e ao final de suas cerca de quinze páginas, onde EV se vê novamente diante do espelho e constata que seu reflexo lhe sorri em aprovação de sua própria vida. Nos papéis de EV foi encontrada ainda uma outra versão desse diálogo do escritor com seu próprio reflexo.

longo do relato. Malasartes é uma personagem fictícia que atesta o caráter híbrido do texto, que mescla relato autobiográfico e ficção –, e sua figura se duplica em *A volta do gato preto* na figura de Tobias, “o interlocutor providencial, que pode ser alternadamente inocente e malicioso, lúcido e estúpido”, dependendo da “conveniência de seu criador e do rumo do diálogo”, “uma personagem que estava para o autor assim como Dr. Watson para Sherlock Holmes.” (MEX: 280). A cisão da figura do narrador em seu alterego, anunciada logo no título do fragmento também reforça a condição dual, interna e externamente conflituosa, do viajante ao colocar a questão da alteridade experimentada internamente, dentro de nós mesmos, nossas ambiguidades e incertezas, sem dúvida potencializadas pela experiência da viagem e pela força catalisadora do contato com culturas diversas da própria.

Como registrado por Câmara Cascudo, Pedro Malasartes (CASCUDO, s/d: 536-37) é uma figura tradicional nos contos populares da Península Ibérica como exemplo de trapaceiro insuperável, astucioso e cínico, capaz de expedientes inesgotáveis, mestre na arte de enganar (nas *malas artes* que dão origem a seu nome), totalmente sem escrúpulos ou remorsos, portador de uma inteligência despudorada que lhe garante vitória sobre os crédulos, parvos, e também os aventos, orgulhosos, vaidosos e ricos, o que lhe garante a simpatia pelo herói sem caráter que é. Personagem do folclore marcado pela malandragem e identificado a *tricksters* (literalmente trapaceiro, embusteiro) de outras tradições – como o jabuti e o macaco das fábulas brasileiras ou o coioote norte-americano e a raposa européia – Malasartes, segundo a análise de Roberto DaMatta não vive nem no mundo da ordem, nem no da desordem, mas sim nos seus interstícios, “nutrindo-se tanto dos que estão fora quanto dos que estão dentro do mundo quadrado da estrutura” (DAMATTA, 1983:139). A escolha dessa figura para representar seu alterego parece não se dar somente devido à sua permanência no

imaginário brasileiro da época, mas também por seu caráter escuso: Malasarte é aquele ser misterioso – porque jamais se revela aos companheiros de viagem do autor – e ilícito – porque, por sua natureza imaginária não se enquadra no estatuto de veracidade exigido por um relato de caráter claramente referencial. Malasartes aparece nos interstícios, isto é, nos pequenos espaços contíguos que conjugam testemunho pessoal e criação literária na construção de *Gato preto em campo de neve*.

Esse episódio de cisão da figura do narrador anuncia que a narrativa oscilará entre a razão do escritor renomado, convidado pelo Departamento de Estado norte-americano, e a emoção e o assombro do jovem ingênuo antes de sair de sua Cruz Alta natal. Esse recurso parece atualizar o discurso, presentificá-lo, e permite o uso do diálogo, muito eficaz na apresentação de diferentes pontos de vista que se entrecruzam na observação da nova realidade que se apresenta. A presença de Malasartes é um exercício de alteridade que antecipa os contrastes, distinções e diferenças que a viagem para outra realidade cultural impõe. Ele é o menino que enxerga tudo com olhos deslumbrados que o autor parece julgar inadequados para alguém em sua posição, convidado do governo norte-americano, mas ainda aceitáveis num menino originário de uma cidadezinha do interior do Brasil. A relação dialógica que se estabelece entre o escritor e seu alterego fortalece a identificação entre o leitor e texto ao presentificar a comparação, o julgamento e a reflexão que ele espera obter com a leitura. “Eu e o outro” é concluído com a cena cômica do narrador sendo flagrado por um passageiro em meio ao gesto de estender a mão para seu companheiro invisível, situação que, por seu absurdo, reforça o caráter ficcional da passagem.

O interesse de EV pela singularidade dos indivíduos é patente em todo o livro, e sua imaginação de romancista se manifesta na elaboração de histórias de vida para os

passageiros do navio. EV diz ver “em cada homem uma história, uma novela, um conflito, um *tema*” (“Rolam as ondas: o tempo rola”, GP:23 – grifo meu). Esse fragmento ilustra bem o interesse de EV pelas pessoas à sua volta, interesse esse que se manifesta muito além da atmosfera de tédio de uma viagem marítima que esse fragmento evoca. No fragmento “Romance” (GP:27) o tédio inevitável o leva para o *promenade deck* e novamente “começam os romances”. EV desenvolve em pensamento “uma novela cuja ação se passa num vapor” e que conjuga tipos como refugiados de guerra, um milionário metido em complicações financeiras, um agente da Gestapo, uma bailarina, um criminoso fugitivo da justiça, um espião japonês... “as histórias de sempre”, diz ele revelando um fino humor que sutilmente pontua todo o livro. Malasartes aparece para acrescentar aos personagens da novela imaginada um brasileiro tolo que não compreende que aquela é uma viagem de recreio, em que não há espaço para o trabalho – ao menos não o de romancista, já que EV de fato viaja a serviço do governo americano. Para EV, viver exclusivamente de literatura o levava a encarar a escrita como ofício e a viagem como recreio, ainda que esta fosse decorrência de seu trabalho como escritor e, portanto, ainda trabalho. E Malasartes, ao marcar a nacionalidade do tolo, parece reforçar a impressão que tem o leitor de que as personagens dessa novela que não têm suas nacionalidades mencionadas, as têm sugeridas: os refugiados nos remetem a europeus; o milionário parece ser americano; a bailarina, francesa; o agente da Gestapo, obviamente alemão... O ambiente multicultural do navio prenuncia o contato que EV terá com uma miríade de nacionalidades ao longo de toda a viagem que fará cruzando os EUA de costa a costa. Sem falar nas identidades regionais que aparecerão ao longo de ambas as narrativas, como texanos, novaiorquinos, sulistas, bostonianos etc.

Em “Aventuras dum cinematografista” (GP:28) EV reafirma seu interesse pelos tipos humanos, em detrimento das paisagens, da fauna e da flora. A natureza não é foco de suas paixões e a descrição de paisagens, animais e plantas será praticamente inexistente nas narrativas do gato preto. Nesse aspecto, EV se furta ao diálogo com a tradição, ao se negar o registro da natureza tão característico da literatura de viagem das expedições científicas que cruzaram o Brasil no século XIX. A ele interessam as paisagens humanas por excelência, as cidades.

O episódio seguinte é “O rabino” (GP: 28) e registra talvez o seu primeiro encontro com a alteridade, numa espécie de choque cultural. Observar um rabino em suas orações, segurando o Talmude, balançando o corpo para frente e para trás e murmurando palavras numa língua desconhecida desperta fascínio a ponto de EV querer filmar a cena. Ele admite que conseguir estas imagens “seria a glória de sua carreira como cinematografista”(GP:29). Mas sua intenção é descoberta e o rabino se volta para ele, brusco e com olhar agressivo, por sentir-se desrespeitado. EV rapidamente ergue a câmera e finge filmar o céu. O encontro de EV com outras culturas começa de forma um tanto desastrada.

Em alguns trechos, a narrativa se aproxima do discurso científico que caracterizou os relatos surgidos das expedições científicas do século XIX, e acolhe o tom informativo dos guias de viagem. Alguns fragmentos são significativos pela quantidade de informação que fornecem sobre o lugar visitado, como “Port of Spain”, ainda durante a viagem de ida:

O vapor entra no golfo de Pária. Avistamos Porto de Espanha; Trinidad, que pertence à Inglaterra, faz parte das Índias Ocidentais e Port of Spain, sua capital é das cidades mais importantes e belas das Índias Ocidentais. Tem cerca de oitenta mil habitantes, um jardim botânico, ricas vivendas e parques, ruas

pitorescas, um monumental palácio do governo, uma população cosmopolita onde encontramos malaios, chineses, japoneses, holandeses, venezuelanos e negros, principalmente muitos negros – entre os quais se vêem magníficos espécimes humanos, atléticos e lustrosos, de dentes muito brancos e cintura esbelta. Mascates orientais vendem quinquilharias pelas ruas de Port of Spain – anéis, colares, pulseiras, amuletos, deuses, imagens e pedras raras. A macumba impera em Trinidad, onde se contam aos milhares os adoradores de Xangô. Corre na ilha, de boca em boca, num cochicho de medo, a história de uma linda nativa que por artes de Obeá se transformou numa serpente. Há sempre velas ardendo diante do ogum de Xangô. E às vezes, na calada da noite, as montanhas antigas ouvem o grito dos homens em cujo corpo entrou o espírito de Astrogat, o príncipe da treva. (GP:37-38)

O trecho dá a localização geográfica, situa o local em termos políticos e históricos, dá dados demográficos, descreve atividades econômicas, fala da religiosidade local e suas lendas.

Vários trechos como esse aparecem ao longo de *Gato preto em campo de neve*, como “Invasão”, com informações sobre a arquitetura da Casa Branca (GP: 59); “Parda fuliginosa e pálida”, com informações históricas sobre Baltimore (GP:114); ou “A cidade do amor fraterno”, com dados sobre a colonização, a religião *quaker*, a arquitetura, o comércio, campanhas de caridade, e o que está em cartaz no teatro em Filadélfia (GP:125), e continua no fragmento seguinte, “Triste domingo” no qual seu encontro com um caixeiro-viajante “entusiasta de Filadélfia e de estatísticas” serve para revelar mais dados sobre a economia local. Há o equivalente “A cidade insigne”, sobre Boston; ou mesmo os fragmentos da divisão denominada “Horizontes efêmeros”, que aborda locais que EV conheceu de passagem, como “Texas” (GP:321), no qual o primeiro parágrafo dá informações sobre a população, a produção e a área do estado mais vasto dos EUA; ou “Oklahoma”, praticamente visto somente pela janela do trem

(GP:325), mas cujas informações sobre a ocupação, a produção de petróleo e as reservas indígenas mostram o quanto EV pesquisava sobre os locais que visitava.

“A primeira viagem de Simbad” (título da seção de abertura do livro) dá lugar ao “Prelúdio”, indicando que, para o autor, a viagem em si ainda não começou. Esta segunda parte abre com uma alusão às grandes navegações, com o fragmento “O descobrimento da América” (GP:43). EV relata a decepção com a chegada a Nova York ainda na escuridão, frustrando o “grandioso e colorido quadro que a imaginação havia pintado”: flocos de neve na proa do navio, na torre do Empire State Building e na tocha da Estátua da Liberdade, e blocos de gelo a boiar no Hudson. Tudo que EV consegue ver é uma luz verde na ponta do mastro do rebocador do navio. E, apesar de toda a frustração, ainda assim Malasartes se sente como Cristóvão Colombo. Malasartes é quem pode revelar sua frustração, poupando EV do constrangimento de admitir uma excitação quase infantil com a chegada a Nova York, assim como de revelar uma frustração provavelmente julgada inconveniente e mesquinha, já que se tratava de uma viagem às custas do anfitrião, o governo dos EUA. O papel de Malasartes na narrativa vai se delineando.

No quarto 610 do Savoy-Plaza (GP:46), onde se hospeda, EV arrisca a primeira comparação, a primeira tradução de uma realidade à outra. Nova York está a oito graus abaixo de zero e um vento furioso “encana-se na rua 59 e passa sibilando entre as árvores desgalhadas do Central Park”. É imediatamente identificado como uma “espécie de minuano traduzido para o inglês”. E enquanto o menino de Cruz Alta, na figura de Malasartes, lhe murmura insistentemente ao ouvido “Isto é Nova York!”, o narrador se apresenta como “um homem impossível”, que “não se comove. Não faz nada. Não diz nada”, apesar de finalmente estar em Nova York, seu primeiro destino nos EUA.

O “Desfile” ocorre no saguão do hotel ao meio-dia e serve de oportunidade para EV marcar seu afastamento da influência francesa que marcara a sociedade brasileira até então:

Passam mulheres ostentando jóias e finos casacões de pele, acompanhadas de homens de sobretudos escuros com gola de pele, chapéu-coco e mãos enluvadas. Imagens que a gente está acostumado a ligar aos corredores da Ópera de Paris, a Montmartre e ao Moulin Rouge. Mulheres de rosto pintado e expressão blasée. Homens pálidos com ar de fim de raça. Venho a saber que são franceses ricos fugidos à invasão alemã. Representantes duma espécie que está fadada a desaparecer como os búfalos e as girafas. Remanescentes de um mundo que desmorona, duma civilização em artigo de morte. (...) achando que tudo sempre estaria bem no mundo uma vez que eles pudessem perfumar-se de essências caras, ler Cocteau, comentar Picasso e Matisse e dar-se ao luxo de serem esquisitos, originais e incompreendidamente refinados. São criaturas perfumadas, artificiais e melancólicas. Deploro-as porque no fundo elas parecem saber que isto é o fim. Os homens usam monóculo sem arrogância. As mulheres exibem brilhantes com um certo ar de temor. (...) Vagueiam à noite pelos teatros, pelos bares e clubes noturnos, bebem champanha e falam mal da América de que eles agora precisam, mas que no fundo desprezam. (GP:47-48)

O afastamento de EV frente às influências francesas que até então caracterizavam grande parte das manifestações culturais no Brasil – moda, literatura, arquitetura, comportamento – fica marcado pela negatividade das palavras associadas aos franceses: ostentação, expressão *blasée*, palidez, “ar de fim de raça”, e, finalmente “espécie fadada a desaparecer (...) remanescente (...) de uma civilização em artigo de morte”.

A Quinta Avenida (GP:49) serve para que EV constate que NY não lhe dá “a sensação de tontura e abafamento” que ele “esperava e de certo modo temia”. Tudo “é nítido, alegre, vivo, e parece correr sobre os trilhos da ordem e da organização”. Assim, apesar de seus sete milhões de habitantes, “a artéria principal desta cidade (...) é menos barulhenta e assustadora que, por exemplo, a avenida Rio Branco, a avenida São João de São Paulo ou até mesmo certos trechos de Porto Alegre.” As calçadas da avenida

mais famosa de NY anunciam seu cosmopolitismo ao permitirem a EV contemplar “exemplares de quase todas as raças humanas”, que por suas roupas revelam “um nível de vida bastante mais alto que aquele que estamos habituados a ver nas grandes cidades sul-americanas” (GP:50). É no passeio pela Quinta Avenida que EV revela que sente em casa, sem estranhamentos frente a essa metrópole, a despeito de ter saído de uma Porto Alegre ainda provinciana.

EV vai a um coquetel (“Reunião”, GP:51-54), na casa de um advogado em plena Quinta Avenida, com a presença de “escritores e artistas” e arranjada pelo Department of State. Como não conseguem pronunciar seu nome, sugere que lhe chamem simplesmente – e ironicamente – Mr. Brazilian. EV passa a noite a responder perguntas que denotam total desconhecimento do Brasil. Imaginam que a língua do país é o espanhol e pensam que as populações índias vivem a causar problemas similares àqueles enfrentados pelos colonizadores americanos durante sua expansão para o oeste. Chegam a perguntar se o país conta com uma literatura própria. E dentro do contexto da guerra interessam-se por saber se os brasileiros gostam dos “americanos do norte” e se há muitos alemães no país. E quando a dona da casa pergunta o que EV pretende conhecer no EUA a resposta que ele imagina dar à sua anfitriã, mas para a qual lhe falta coragem é “Quero tudo (...) Quero ver a vossa América. A do norte, a do sul, a do leste, a do oeste. A boa, a má a medíocre, a ótima, a péssima. Perdoai os meus coturnos de sola grossa. Perdoai o meu sotaque sul-americano.” E aproveita para assumir seu total desinteresse frente à paisagem natural, já anunciado ainda no navio – “Quanto à vossa paisagem, madame, guardai-a, que de natureza estou eu farto. Reservai para outra viagem que eu faça as cataratas do Niágara, o Grand Canyon e o Yellowstone Park. Meus antepassados bugres se empanturraram de verde, de rios, de montanhas e de

matos”. De quebra reforça que seu interesse está nos indivíduos – “eu coleciono almas, sou um caçador de homens”.

Termina o “Prelúdio” e a viagem propriamente dita finalmente começa. A partir daí as seções recebem os nomes dos locais que visita e se seguem nessa ordem: “Washington”, “Baltimore”, “Nova York” (não a mera passagem inicial pela cidade, mas a estada em si), breve passagem por New Haven, para um encontro com o escritor Thornton Wilder e sua família (“Os Wilder de New Haven”), “Boston”, “Chicago”, “New Orleans” e “San Francisco”. Há um pequeno interlúdio com a seção “Pela janela do trem”, que aborda locais que EV mal conheceu, para terminar em “Hollywood”, onde a viagem termina, mas não o livro. Há ainda uma parte final chamada “Diálogo sobre os Estados Unidos”, onde EV se imagina discutindo com o leitor aquilo que observou em relação à sociedade americana e relatou em seu livro, com um suposto leitor que já o teria lido. O final da escrita é confundido, portanto, com o final da viagem e o final da leitura, reforçando a idéia apresentada no Bilhete de abertura (GP:15), de dar ao leitor a ilusão de que participou da viagem com o autor.

No fragmento “Invasão”, sobre a Casa Branca, EV reconhece que enquanto “os arranha-céus de Nova York e Chicago são o produto dum crescimento industrial exagerado, do delírio de gigantismo de um punhado de imigrantes que vieram para este país com o propósito de enriquecer”,

a alma do homem verdadeiramente representativo desta terra; do habitante do Middle West, do Far-West, do Sul e mesmo da Nova Inglaterra; do morador dos campos e das vilas; das gentes que lêem a Bíblia e ainda se comovem com A cabana do pai Tomás – essa alma está mais bem representada nas linhas simples, puras e ao mesmo tempo graciosas desta mansão residencial que se ergue, branca e tranqüila, no meio dum parque que não por sua vez não é nem exageradamente elaborado e nem de tamanho descomunal. (GP:59)

Para EV, a Casa Branca, portanto, consegue realizar na sua arquitetura simples a ligação entre as diferenças regionais e ser representativa da nação como um todo. Nos EUA, o Estado parecia ter logrado realizar seu papel de integrar as diferentes das partes da nação e construir a noção de uma identidade nacional, algo ainda em elaboração no Brasil. Ao mesmo tempo, EV se espanta com o interior da residência presidencial: “Em dez anos de romance nunca descrevi um interior tão rico. Tenho a leve impressão de que estou mentindo” (GP: 61). Mas o grande choque – positivo, deve-se dizer – que chega a comover o escritor é o fato de ter entrado na residência do presidente Roosevelt “como quem entra num lugar público” (ibidem). Sem dúvida, uma experiência marcante para um brasileiro, acostumado à distância entre as esferas de poder e os cidadãos comuns.

Outra experiência marcante para EV é a cafeteria, “lugares onde se pode comer fácil e barato” (GP:62-63). Seu funcionamento, as formas de convivência em seu interior, tudo é novidade que faz desse tipo de estabelecimento “um espetáculo para o turista”. Se a comida e o café não impressionam, algo se destaca: “A cafeteria nivela. O banqueiro se acotovela com o moço empregado na bomba de gasolina. Ambos comem aqui a mesma qualidade de comida, pelo mesmo preço (...) sentam-se às mesmas mesas e absorvem a mesma quantidade de vitaminas”. Por todos esses aspetos, EV considera “a cafeteria uma instituição bem representativa dos ideais americanos do *‘mind your own business’* (cuide de sua vida), do *‘cash and carry’* (pague e leve), do *‘live and let live’* (viva e deixe que os outros vivam)”, ou seja, por extensão, uma verdadeira concretização do conceito de democracia. Várias vezes ao longo dos relatos EV indica crer que uma das razões da democracia ser possível nos EUA (e em oposição, por dedução, impossível no Brasil) está no alto padrão de vida popular (GP:455, VGP: 155).

Em “Os meninos de capa amarela” (GP:70-71), EV se deslumbra com a atuação regrada da sociedade civil. Dois estudantes da escola primária estão em plena rua, num cruzamento próximo à escola, “a fim de dirigir o tráfego e garantir a segurança dos colegas à hora da saída”. EV mal consegue crer que os motoristas obedeçam a meninos de não mais que 12 anos. Ao ver os automóveis pararem, obedientes, ao som de seu apito, diz que “é o espetáculo mais belo” que assistira desde sua chegada, e que “nem a branca e serena beleza do Lincoln Memorial” o comovera tanto. Mais uma vez, trata-se de um encantamento com aquilo que falta ao Brasil e aos brasileiros, a obediência à regra, a uma autoridade que não se define hierarquicamente, mas por mera circunstância, simplesmente baseada na idéia do bem para a comunidade.

É no Clube Português da George Washington University que EV faz sua primeira conferência (GP: 72). Fala não só “do Brasil, de seus escritores e principalmente de seu povo”, e vai além, ao encerrar “com palavras de esperança no futuro das Américas”. EV cumpre a agenda pan-americana para a qual fora convidado.

No Hotel Mayflower (GP:73), mais uma vez EV é vítimas dos inevitáveis equívocos em torno do Brasil. É tomado por um plantador de fumo – e mais uma vez deixa passar o engano –, perguntam-lhe novamente pelas cobras, se ele gosta da América, e o que os brasileiros dizem dos americanos. Aliás, o interesse parece girar sempre em torno daquilo que os brasileiros pensam dos americanos, muito mais do em obter informações sobre o Brasil, já configurando o olhar autocentrado que há muito marca as relações dos americanos com o resto do mundo. Vinte páginas adiante a cena se repete: “Passamos a falar no Brasil. Mr. Feiss quer saber que pensamos dos americanos do norte” (GP:95). Essa solicitação é repetida várias vezes ao longo do relato.

A primeira neve não pode deixar de despertar em EV “a impressão de que acabo de entrar num desses cartões-postais de Natal...” (GP:80), num movimento de remissão ao conhecido, tão usual em situações em que o viajante se depara com uma novidade. O conhecido aqui só pode estar fora do mudo e se constitui numa série de representações velhas conhecidas que reproduzem o Natal de uma forma que não pode ser brasileira, tropical: o velho estereótipo de pinheiros, neve, bonecos de neve. Nesse mesmo movimento, EV olha os pinheiros nevados e pensa que “parecem enfeitados com flocos de algodão” (GP:81), que é, na verdade, a forma como os brasileiros representam o *white christmas* que não têm.

Washington encanta pelas bibliotecas e museus, sejam de arte ou história natural. Mais uma vez, o que impressiona EV é aquilo de que sente falta em seu país. Mas já habituado ao desconhecimento absoluto do Brasil por parte dos americanos, não parece se espantar ao constatar que a parte da Smithsonian Institution dedicada à história da aviação ignora totalmente as figuras de Bartolomeu de Gusmão e Santos Dumont. EV se reconhece decepcionado com o fato (GP:101), como se perdesse uma oportunidade de afirmar uma qualidade brasileira, especialmente pelo fato de Santos Dumont representar um Brasil científico, tecnológico, aspectos pouco identificados com o país de feições ainda agrárias que então se modernizava.

No encontro com uma antropóloga de Columbia University deixa EV atordoado com a tentativa de elaboração de uma lista de bibliotecas e instituições culturais brasileiras, acompanhada de um festival de perguntas estatísticas: quantos índios existem no Brasil? quantas bibliotecas? A secretária porto-riquenha da antropóloga aproveita um breve intervalo e procura comparar impressões com EV, numa clara aproximação de identidades latino-americanas. Menciona o fato de uma amiga brasileira

que morara no Texas ter dito que os americanos não tinham alma. Veríssimo, ciente de suas obrigações como convidado, tergiversa: “Ora... eu cheguei apenas há de dias, Miss, mas quero crer que minha compatriota tenha exagerado...” Eis que surge Malasarte, irreverente, a cochichar no seu ouvido: “Tome a antropóloga, por exemplo... Ela deve ter alma, sim, mas é uma alma fria e eficiente de arquivo.” (GP:108). Aqui aparece a costumeira oposição entre frio e calor, duplicada no clima e no caráter dos povos. E, mais uma vez, a crítica vedada ao hóspede, ao convidado, pode ser livremente manifesta pela figura provocativa de Malasartes.

Até aqui, o americano comum se configura para EV como “um homem simples e inimigo do protocolo” (GP.112), o que sem dúvida surpreende EV. Para um brasileiro da década de 1940, viajar a convite do governo é atividade fadada a se revestir de protocolos e cerimoniais.

A primeira referência a Baltimore é literária: é a terra de Edgar Allan Poe. Depois surgem as referências históricas – o primeiro local a derramar sangue durante a Guerra da Secessão, e que foi destruído por um incêndio em 1904. Mas ao final da apresentação da principal cidade do estado de Maryland, o que conta é ser a oitava cidade em população nos EUA, o segundo porto americano do Atlântico e sua fama como um dos mais notáveis centros de educação do país (GP:114). Essa estrutura de apresentação da cidade se repete ao longo de todo o conjunto, com vários desses textos assumindo um tom de guia turístico, mesclando informações históricas a características atuais da cidade.

Em visita ao Goucher College (GP:122), antigo The Women’s College of Baltimore, EV faz sua terceira conferência. Uma mesa com livros certamente arrumados para a ocasião apresenta uma série respeitável de autores brasileiros da época: Monteiro

Lobato, Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Jorge Amado, Lúcio Cardoso, Vianna Moog, Raquel de Queiroz, Dinah Silveira de Queiroz, Marques Rebelo. Uma das moças conta que no ano anterior fora encenada a peça *Deus lhe pague*, de Joracy Camargo. E em português! É entre as moças de Baltimore que EV encontra quem conheça a cultura letrada do país que ele deve divulgar em sua excursão costa a costa dos EUA.

A seção “Filadélfia” é um longo relato com detalhadas informações históricas, num claro indício de que o autor se deixou levar pela importância da cidade na história dos EUA. E é palco de mais um equívoco e manifestação da ignorância dos americanos frente ao restante da América. Em visita a um museu (GP:130), um “afável visitante” se interessa pelo fato de EV ser da América do Sul. Acompanha o autor em sua visita pelas seções de fotografia e microscopia, física e química, eletricidade, metalurgia, mecânica e engenharia. Mostra tudo “com ar um pouco protetor, como se estivesse revelando a um selvagem recém-chegado à civilização as maravilhas produzidas pelo cérebro privilegiado do homem branco.” (GP: 130). O humor de EV se constrói invariavelmente dessa forma, sem alarde, com sutilezas e delicadezas que parecem acentuar seu caráter cáustico. O simpático visitante “fica entre surpreendido e incrédulo” quando EV lhe revela “que no Brasil conhecemos a luz elétrica, o microscópio e a máquina fotográfica”! Como se essa sucessão de equívocos não bastasse, o encontro termina com o companheiro de visita querendo fazer uma gentileza: “Buenos Aires... Deve ser uma linda cidade.”

A história seguinte abre espaço para um possível equívoco de EV: “o réu era um tal de Hamish, homem do campo, descendente dos puritanos, um sujeito alto, de ar sinistro, barba preta em colar” (GP:132). O que EV interpreta como sendo o nome do réu é provavelmente sua identificação como membro da comunidade Amish, religiosos

de origem suíça que emigraram para a Pensilvânia no início do século XVIII e advogam uma vida simples que renega as conveniências do mundo moderno. O nome deriva de seu fundador Jakob Ammann. A interpretação equivocada de EV nada mais é do que uma tradução involuntária – ao não reconhecer o nome da comunidade religiosa, EV automaticamente interpreta – ou seja, traduz – como sendo um nome próprio. Em suas diversas manifestações, os equívocos estão usualmente ligados à tradução, à leitura das informações colocadas pelas novas situações. São interpretações erradas, geralmente contornadas por EV pelo recurso ao humor, quando identificadas, o que não é o caso aqui.

Outra interpretação equivocada de EV se segue no fragmento Tommy (GP:132-33). Ao interpelar um menino, de aproximadamente 12 anos, de bicicleta com jornais, EV se oferece para comprar um, ao que o menino esclarece que não são para venda avulsa, mas sim para entrega domiciliar. EV então pergunta se ele faz a entrega das assinaturas para ajudar os pais, numa tradução que é um claro ajuste da situação à realidade brasileira do trabalho infantil a que está acostumado. Tommy, o menino, então pergunta de onde é EV – numa identificação imediata do estrangeiro – e, à resposta EV lhe pergunta se ele conhece o Brasil. De pronto, o menino faz a associação: “o país de onde vem o café.” A reação de EV é paradigmática da nova imagem que o Brasil moderno pretende divulgar – interna e externamente –, para além do modelo agroexportador que nos passara do comércio da cana-de-açúcar ao de café: “(...) toma nota do que te digo. Um dia ainda hão de falar muito do Brasil. Todo o mundo.”

Outra criança o criva de perguntas sobre o Brasil durante uma visita a uma casa de família a quem EV leva notícias de um parente do Brasil que não vêem há mais de 30 anos: “os brasileiros moram em casas como as nossas?”, “tomam sorvete?”, “usam

roupas como as de papai?”. Como EV logo identifica, a idéia equivocada – e muito difundida pelos filmes da época – é que a América do Sul seria um todo homogêneo, onde todos andam de *sombrero*, ou dançam rumba e moram em Buenos Aires. Ao verificar que o chapéu de EV é um chapéu de feltro igual ao de seu pai, e inclusive comprado em Nova York, a criança demonstra sua decepção com a falta de exotismo a cercar aquele ser de terra estranha. De fato, essa expectativa do exótico revela o quanto essa imagem estava arraigada na visão norte-americana do Brasil.

De volta a “Nova York” agora para uma permanência maior, com hospedagem na International House, que, como o nome indica, garante o encontro de EV com estudantes “japoneses, negros, filipinos e americanos”, além de chineses e nórdicos, entre outros. A comprovar o cosmopolitismo da cidade, EV narra suas compras na loja de um armênio, tem a barba feita por um italiano e os sapatos engraxados por um irlandês.

O fragmento “A cidade imperial” (GP:143-147) descreve os cinco *boroughs* que formaram a cidade de Nova York – Manhattan, Brooklyn, Queens, Bronx e Richmond –, além de fornecer as informações históricas de praxe. Para EV, se Washington é um microcosmo dos EUA, Nova York é um microcosmo do mundo, com “mais italianos que Roma, mais irlandeses que Dublin e terceira cidade alemã do globo”, e se os milionários alinham-se nos flancos do Central Park, “o East Side é a zona das pobres casas de residência coletiva, de velhos pardieiros onde formigam russos, polacos, armênios, gregos, alemães, judeus, italianos, tchecoslovacos, portugueses, boêmios e chineses”. A observação de EV sobre o *melting pot* americano denuncia o fato de a sociedade norte-americana reservar lugares determinados para quem não é *wasp* – White Anglo-Saxon Protestant.

EV nos fala em vários fragmentos de alguns aspectos que até hoje reconhecemos como características da cidade: a psicanálise (GP:153), a revista *The New Yorker* (GP:154), o bairro negro do Harlem (GP:166), a zona de boêmia do Greenwich Village (GP:183), o Museu de História Natural (GP:193), o teatro e a Broadway (GP:198; GP:215), Wall Street (GP:150), o mundo editorial (GP:206).

É ainda em Nova York que EV recebe convite para visitar o prolífico escritor de origem holandesa e radicado nos EUA Hendrik van Loon, mais conhecido por sua obra *The Story of mankind* (1921), que narra a história do mundo para crianças, com ilustrações de próprio punho. Impossível não lembrar, numa associação imediata, de *Viagem à aurora do mundo* (1939), livro infanto-juvenil de EV sobre a pré-história, afinal ambos se dirigem ao público juvenil e narram os primórdios da história dos homens. O fragmento “O mago de Old Greenwich” (GP:173-179) é pura diversão, e denota algum conhecimento de van Loon do Brasil. O humor dos dois escritores casa maravilhosamente, e torna fácil acreditar por que EV o admira, apesar de reconhecer que não seja um grande escritor. Mas ele logo relativiza a crítica, dizendo que “não se pode estar exigindo genialidade de cada criatura que resolve dar forma gráfica às suas idiossincrasias, pensamentos, sonhos, memórias”. O encontro rende boas tiradas sobre a política de boa vizinhança, sobre hábitos de cada país, sobre o contexto da guerra. Quase ao final do encontro, ao entardecer, EV observa que na sua terra os crepúsculos são demorados e van Loon retruca que até nisso os sul-americanos são lentos. EV então questiona de que tem servido a pressa dos americanos do norte. Van Loon o fita por sobre os óculos e responde: “Você tem razão. Não serviu de nada.” O insólito do diálogo está no fato de EV, ao comparar EUA e Brasil, inclinar-se quase sempre em favor do progresso americano, feito à custa da racionalização do uso do tempo. Mas é verdade que a percepção do tempo, da velocidade do tempo, da busca constante pelo

uso eficaz e otimizado do tempo, sempre intrigou EV⁶², e o clima do encontro é de confraternização.

De volta à cidade, EV se encontra com a escritora americana, criada na China, Pearl Buck, ganhadora do Nobel de Literatura de 1938, e considerada por muitos a responsável pela compreensão da China moderna por parte dos ocidentais. Durante o encontro, Buck pergunta qual a impressão de EV sobre Nova York. A resposta expressa todo o encantamento de EV com a metrópole cosmopolita:

Penso que é a mais fascinante experiência humana de nosso tempo (...) Refiro-me a esse aglomerado de gentes de dezenas de raças diferentes a viver na maior ordem e a repetir slogans que foram criados há três séculos por pioneiros puritanos, quáqueres e católicos, a assimilar americanidade através da coca-cola, do chiclete, do culto aos heróis nacionais e de uma série de outros produtos que contribuem para a unidade deste país.(GP:188)

A resposta é eloquente. Primeiro porque revela a crença na mistura, nos encontros culturais que constroem pontes, ao invés de muros. Nesse sentido, a modernidade interessa a EV muito mais do que a tradição e daí sua inclinação pelo ambiente urbano, historicamente mais propício ao acomodamento das diferenças, que podem melhor se manifestar no ambiente anônimo de uma cidade grande. Ao mesmo tempo, EV revela perceber a importância do pensamento religioso na fundação e desenvolvimentos dos EUA. Mas, sem dúvida, o mais interessante é sua percepção de que nos EUA a unificação da nação, que se realiza através da noção de identidade nacional – da americanidade, no caso – é garantida pela indústria cultural. Não bastam a coca-cola e o chiclete como produtos em si, mas sim como produtos propagadores do *American way of life*, tão bem divulgado nela indústria cinematográfica de Hollywood.

⁶² Cabe lembrar do que EV sente falta quando decide sair de férias rumo ao México: “Sinto saudade (...) de nosso mundinho em que o relógio é apenas um elemento decorativo e o tempo, assunto de poesia (MEX:13).

Mas nem tudo encanta em Nova York. EV segue a sua máxima e mantém os olhos abertos também para o que a cidade tem de ruim. A leveza turística e o humor desaparecem durante a visita ao quarteirão judeu do East Side. EV reconhece estar diante de uma das zonas mais pobre de Manhattan: “os pátios, quando os há, são escuros, úmidos e sujos. As casas, mal-aquecidas, sem conforto e superlotadas” (GP:192). É o bairro dos “judeus sem dinheiro” que, no entanto, vivem próximos aos judeus ricos do Central Park. A visão do gueto lembra EV de que este “pode ser muito pitoresco nas páginas dos romances. Na realidade, porém, desgosta, entristece, enregela a alma.” (ibidem).

O fragmento “A esposa de Lincoln” (GP: 219-220) traz a informação de que o escritor Thornton Wilder fará o equivalente inverso de EV e visitará a Colômbia, o Equador e o Peru em missão de boa vizinhança. Mais uma vez, os processos de identificação dão margem a equívocos e deparar-se com um modo lânguido e arrastado de falar de uma atriz remete EV às “gentes do Sul” e ele arrisca: “Alabama?”. Ao que ela responde “Não. Massachusetts”, estado situado na região conhecida como Nova Inglaterra, no nordeste dos EUA. EV confunde a languidez, com propósitos sensuais, da atriz com o sotaque característico dos estados do sul dos EUA. Só que desta vez, o episódio que se traveste de equívoco parece mais um exemplo da ironia às vezes cáustica de EV, que desfaz a confusão com um mero “sorry.”

A nova seção, como o título “Os Wilder de New Haven” (GP. 224-231) adianta, está mais centrada na figura do escritor Thornton Wilder e sua família do que na cidade de New Haven, no estado de Connecticut, e sede da Universidade de Yale, que EV visita em companhia de Wilder. A universidade não impressiona EV. O que é digno de nota ali é o seu encontro com Stefan Zweig, que lhe “fala com muito carinho do Brasil”.

O famoso livro de Zweig, *Brasil, o país do futuro* data justamente de 1941 e provavelmente ainda não fora lançado quando do encontro entre os dois autores.

A temporada com os Wilder é marcada por discussões sobre literatura e cinema e mais um equívoco, desta vez por parte da Sra. Wilder, que lamenta não saber espanhol para se dirigir a EV em sua língua. O dramaturgo e romancista americano desculpa-se com um olhar e EV polidamente ignora o equívoco. No jantar oferecido pela família Wilder, EV encontra um interlocutor interessado no Brasil. EV reconhece que a saudade atua sobre si como “uma espécie de vidro de aumento” que o faz descrever seu país “em termos ora heróicos, ora líricos. O papel da saudade como amplificador de qualidades não passa despercebido ao autor, e essa observação serve como quase que como uma advertência ao leitor sobre o que pode vir a encontrar nos relatos, especialmente conforme o país de origem vai se afastando no tempo.

A seção seguinte é “Boston”, capital e maior cidade do estado de Massachusetts. EV revela que vê as cidades como pessoas, buscando enxergar além das construções, do trânsito, de meros aspectos ligados a sua urbanização. Ele procura lhes descobrir a alma, imagina que lhe falam como são e como foram e sente que elas o acolhem, repelem ou tratam com indiferença. Para ele, Boston é polida e fria como um aristocrata e para alcançá-la, vale contemplá-la “também com a memória, através de coisas lidas, ouvidas ou sonhadas”, “com imaginação e fantasia, pela janela de um poema ou através da névoa de uma lembrança (GP: 233). O interessante aqui é a noção de que a literatura tem influência direta na forma de o autor se relacionar com o mundo. Outras passagens evocam trechos de poemas, autores, o conjunto de obras ou uma obra específica. Para EV, a literatura se equipara à vida vivida em sua capacidade de influenciar o olhar que se debruça sobre a nova realidade que vai descobrindo. Não se trata de mero

preconceito, mas de uma espécie de memória afetiva construída quando o que havia era ainda somente o desejo de viagem. Já dissemos que EV remonta esse desejo à infância, e sua obra infantil *As aventuras do avião vermelho* é um belíssimo exemplo do fascínio que o ato de viajar exerce sobre aqueles que têm curiosidade por ver o mundo, como ele próprio.

Boston é a cidade das “famílias tradicionais que desprezam o espírito de Nova York – a cidade e os homens – e tudo quanto ele representa de vulgaridade arrivista, de novo-riquismo e superficialidade” (GP: 234). Para EV, essas famílias com gerações graduadas em Harvard, que não conhecem o inglês regional ou das classes populares, são como fantasmas que o guiam pela cidade no curto período de três dias que é a duração da sua visita. Num primeiro instante, a tradição não impressiona EV, que reserva seu fascínio para as manifestações do mundo moderno.

Ao visitar o Museu Infantil da cidade, EV se depara com uma instituição que pretende oferecer às crianças um panorama da história natural do mundo, com coleções de pássaros empalhados e insetos, assim como apresenta uma coleção de bonecas em “costumes nativos de quase todos os países do mundo”. Se sua viagem é de divulgação do Brasil, é natural que procure o que a instituição oferece sobre o país. Enquanto o México parece ser privilegiado por sua proximidade geográfica com os EUA – contando com “dois bonecos em lindas vestimentas típicas, utensílios domésticos, objetos de cerâmica, a miniatura duma casa de estilo mexicano, flores secas, galhos de árvores, mapas...” – , tudo o que se tem sobre o Brasil é “apenas um melancólico ramo de café” (GP, 239). Novamente, a identidade do Brasil se faz pelo viés do mundo agrário, pelo qual fica mais difícil se desvencilhar do arcaísmo das relações sociais que o país pretendia superar.

Se Yale não impressionou EV, Harvard também não parece despertar grandes paixões. O olhar de EV se detém com mais interesse no Massachusetts Institute of Technology, “talvez a mais notável instituição que o mundo conhece nesse gênero” (GP: 243). Mais uma vez, o progresso que advém da aplicação da ciência e do desenvolvimento da técnica exerce fascínio sobre ele.

Entretanto, EV logo abre espaço para o elogio à tradição, quando defende a idéia de Boston resistiria melhor que Nova York a um hipotético bombardeio, sem dúvida inspirado pelo contexto da guerra. Para EV, Nova York não resistiria a duas semanas em decorrência do fato de ter sido “construída por gentes que apenas quiseram prosperar materialmente sem voltar os olhos para trás. Porque é habitada por criaturas que vieram de vários pontos da Terra e ainda não têm raízes profundas em solo americano.” (GP:247). Em contrapartida, Boston seria capaz de resistir tanto quanto Londres porque seus habitantes estão amparados numa tradição: “quando tiverem de lutar, saberão por que estão lutando. Não estarão defendendo apenas casas, bancos e jardins”, mas sim “idéias, sentimentos, sonhos”. Aos olhos de EV, não se pode comparar a destruição do Empire State, construído “com alguns milhões de dólares em alguns meses” à de “um campanário como o da Old North Church, feito duma argamassa de tempo, sofrimento, sacrifício e sonhos” (ibidem). Veríssimo, em sua passagem por Boston, oscila entre dois pólos caros ao pensamento social brasileiro, perdido no velho conflito entre modernidade e tradição. Essa idéia ganha força com a intervenção irônica de Malasartes a respeito desse elogio à tradição: “Estás fazendo literatura. Isso deve ser fome.” (ibidem). Mas o conflito entre tradição e modernidade, entre o peso do velho e a leveza do novo, que tanto podem se configurar como aspectos positivos ou negativos, não é suficiente para causar desconforto a EV. Ele continua se

sentindo nos EUA como em sua casa (GP:248), sem experimentar o desconforto do deslocamento que incomoda tantos viajantes.

Uma passagem interessante do ponto de vista da ‘etiqueta’ que cerca os encontros culturais é “Fiesta” (GP:259-261.) EV nota que “quando querem ser gentis para com os estrangeiros, os americanos procuram dizer aqui e ali, durante a conversação, uma ou outra palavra na língua do visitante. Por isso – e em decorrência do total equívoco de julgar que toda a América não saxônica é de origem hispânica, e portanto hispanófono, ou da impossibilidade de distinguir Portugal e Espanha – freqüentemente falam com EV em *sombreros*, perguntam-lhe se tem o hábito da *siesta*, despedem-se dele com um *adiós* e acabam por convidá-lo para uma *fiesta*. É curioso que a gentileza americana quase nunca se traduza nem mesmo num pequeno esforço de busca por informações fidedignas sobre o país de origem do interlocutor. Ao contrário, geralmente parecem baseadas num mero *hear say* de origem duvidosa.

O fragmento “Maxwell Street” (GP:261-264) retrata a feira livre do bairro judeu de Chicago. Para o escritor, “o espetáculo tem uma arrasadora força humana”. EV não acredita poder “dar em palavras” uma idéia daquilo que vê, e justifica dizendo que “descrição exige método, lógica, clareza, disposição harmoniosa dos períodos.” Mas o que ele vê é “um espetáculo de luta e miséria, dum pitoresco quase trágico”. Se “o escritor de ficção se alvoroça diante do material vivo que se lhe oferece tão fácil e abundante (...), a criatura humana reage contra esse alvoroço. E dessa luta confusa fica apenas uma sensação de mal-estar, constrangimento e tristeza. Temos mais uma vez a suspensão do “tom de leveza turística” e a revolta do humanista, atento ao sofrimento dos indivíduos onde quer que ele se apresente.

O fragmento seguinte, “Antídoto” serve para chamar a atenção para como as idéias pré-concebidas se instalam, sem que se saiba como se formam, e desta maneira podem vir a comprometer a verossimilhança do relato. Assim, mesmo caminhando pelas galerias de mármore de um rico museu de arte, por entre coleções de obras originais e cópias que valem fortunas, EV não consegue pensar em Chicago sem associar a cidade à imagem de “um homem gordo que enriqueceu vendendo porcos (...) (que) masca com maus dentes um charuto caro, enquanto seus sapatos chapinham numa lama de chiqueiro.” Idéias que “ficam; solidificam-se, tomam corpo e vida” (GP:265), mas que ao serem confrontadas com a realidade (no caso, o museu) exigem uma reordenação do quadro geral, obrigando o escritor a proceder a ajustes na sua concepção original, de forma a dar conta de uma realidade mais complexa do que sua idéia inicial. EV parece se utilizar dessa passagem para alertar o leitor de que a experiência pode ser transformadora, alertando contra a redução levada a efeito pelo uso de estereótipos.

O fragmento que narra o encontro com Somerset Maugham é mais um dos que registra a incredulidade de EV frente ao fato de estar travando conhecimento com nomes de destaque da literatura mundial, autores que ele admira duplamente, tanto como leitor quanto como companheiro de ofício: “Sempre desejei mas nunca esperei vê-lo, porque entre a Riviera e Porto Alegre havia uma distância enorme” (GP:269). Em todas as entrevistas e aos olhos daqueles que o descreveram, EV aparece como uma pessoa modesta, sóbria. Mas a distância contada a partir de Porto Alegre certamente indica uma impossibilidade de ver a si próprio no cenário internacional. Cabe pensar o quanto dessa limitação é fruto de mera modéstia e o quanto essa modéstia não seria reflexo de um certo sentimento de inferioridade ligado à condição de escritor de um país colonizado que o impedisse de ver um autor nacional ombro a ombro com grandes nomes da literatura mundial.

Maugham o recebe pronunciando corretamente o seu nome e deixa EV à vontade, sem cair na “cordialidade esportiva e sem cerimônia tão comum entre professores e escritores norte-americanos” ou mostrar-se “britânica e superiormente protetor” (GP:269), como EV revela ter sido seu temor. As idéias de superioridade, proteção e temor associadas ao autor britânico parecem confirmar o sentimento de inferioridade do colonizado se manifestando de forma insidiosa no espírito do escritor brasileiro. O diálogo entre os dois escritores se estende por algumas páginas a mais do que o usual. Falam da guerra; da visita de Maugham à Guiana Francesa – que EV logo identifica como matriz de *Férias de Natal*, obra de 1939, o que indica o quanto EV estava atualizado em relação à obra de Maugham, em particular, e à literatura internacional como um todo –; de Portugal; do conhecimento de línguas; de questões de estilo; da “velha questão da correção gramatical”; da crítica literária; do método de trabalho; da carreira literária; do sucesso; do quanto há de autobiográfico na ficção de um autor; de planos literários (GP:276).

“Good luck” (GP:276-77) aborda a palestra que EV ministra sobre as *Impressões da América por um Novelista Brasileiro*. Há um auditório atento para ouvi-lo falar sobre o que pensa dos americanos e de sua vida e EV tem o cuidado de frisar que está “se referindo apenas aos habitantes e à vida de metrópoles como Nova York e Chicago, pois a grande América – a do Middle West, a do Sul”... – ainda lhe são desconhecidas. Esse cuidado revela que EV está ciente de que a identidade nacional americana também não é um todo homogêneo, mas sim uma construção eivada por regionalismos, numa situação similar à do Brasil e, sem dúvida, amplificada pelas dimensões continentais dos dois países. EV escolhe falar da relação do americano urbano com o tempo, escolhendo analisar expressões como *Time is Money* (tempo é dinheiro), *To save time* (poupar tempo) ou *To have a good time* (divertir-se). Para EV, os americanos, em especial

aqueles das grandes cidades, vivem de acordo com fórmulas destinadas a lhes poupar tempo e que lhes ditam como comer, vestir-se, ler, descansar, ser gentil (por exemplo, o uso de palavras no idioma do visitante) e até mesmo para *acreditar* (grifo do autor). EV dá exemplos tirados do dia-a-dia e, animado com a receptividade da platéia, chega a “extremos de franqueza que fazem o cônsul brasileiro (que está lá a um canto do salão) levar às mãos à cabeça horrorizado” (GP:277). A presença do cônsul e, mais, sua atitude, sugerem a importância de tal palestra no âmbito das relações internacionais entre EUA e Brasil. Por isso não se pode perder de vista que as viagens de EV aos EUA são decorrência direta de um convite governamental cuja agenda era reconhecida por ambas as partes – a saber, o país anfitrião e o intelectual ou artista convidado. E no âmbito geral dos relatos de viagens resultantes de convites governamentais, torna-se imprescindível reconhecer que os convites seguem a lógica de uma política de estado que abrange outras ações com as quais o relato pode vir a se relacionar, direta ou indiretamente – seja pelo encontro do autor com outros convidados ou agentes governamentais, seja pelo contato do autor com obras ou relatos dos demais convidados.

A noção atual de viagem como forma de fuga, autorrealização e lazer (SCHWEISER, 2009:19) é uma construção relativamente recente e que não pode obliterar o reconhecimento da importância de determinados relatos de viagem que se engajam nas realidades históricas e sociopolíticas de seus locais de origem ou destino. Depois dos trabalhos de Edward Said e Mary Louise Pratt⁶³ é impossível que a análise de um relato de viagem ignore sua importância na criação, difusão e perpetuação de discursos de alteridade que acabaram por desempenhar significativo papel na forma como diferentes culturas se relacionam (BRISSON, 2009:4). No episódio aqui descrito,

⁶³ Respectivamente *Orientalismo* (1978) e *Os olhos do império* (1992) - datas das edições originais

apesar da preocupação do cônsul brasileiro, EV conta com a tolerância da platéia e termina a palestra aplaudido e bombardeado de perguntas sobre o Brasil formuladas por jovens, idosos, homens e mulheres. Os temas abrangem política, artes (literatura, música, artes plásticas), esportes, alimentação. Ao saírem, o cônsul toma EV pelo braço e, “com seu jeito especial de pronunciar as palavras quadradamente, à maneira das gentes da fronteira do Rio Grande”, faz uma observação acerca da tolerância dos americanos e dos demais povos e governos sul-americanos: “Se você fizesse uma conferência assim, em qualquer país sul-americano, usando dessa mesma franqueza, a esta hora você estaria na Assistência [hospital] ou na cadeia”. O aparte do cônsul deixa entrever que a extensão de um bom padrão de vida a toda a população, advogada por EV como uma das condições necessárias para a democracia, não bastaria para seu florescimento nas sociedades latino-americanas.

Toda a seção dedicada a Chicago é marcada pelas ressalvas de EV em relação à “Cidade dos ventos” (GP:283) ou a “A cidade fênix” (GP:277), dependendo de que qualidade a alcunha queira destacar. EV ainda escreve os fragmentos “A cidade do vício” (GP:280) e “A cidade jardim” (GP:282). Procura descrever a cidade em todos os seus aspectos, falar das qualidades e defeitos. Os vícios da cidade são descritos em detalhes e nenhum parece ser deixado de fora – a prostituição, o jogo ilegal, a violência das lutas trabalhistas, o contrabando e o comércio ilegal de bebidas durante a Lei Seca, o crime organizado e os gângsteres, a poluição das fábricas. E se o dístico escolhido pelos fundadores da cidade – *Urbs in horto* – pode ser realizado em seu “admirável sistema de parques” que “abrange sete mil acres de terra”, nada disso esconde que a cidade “cresceu demais e em desordem”, como “um menino pobre que cresceu ao abandono, sem governantas nem professores, sem atenção às vitaminas e às boas maneiras”, mas cujos pais enriqueceram e “puderam pagar o luxo de dar-lhe uma

preceptora, de comprar-lhe boas roupas e bons modos”, tudo para verificarem “que já não lhes era possível modificar o que a natureza e o tempo haviam feito”. Cabe perguntar se EV não teme que o Brasil seja como o menino pobre que descreve.

Os ventos gelados dos Grandes Lagos, durante o inverno – estação em que EV visita a cidade – só servem para aumentar a sensação de desconforto inerente à estação. À partida de EV, uma súbita nevasca cai sobre Chicago, e mais uma vez EV diz que “parece uma cidade de pesadelo”. Sente-a “fria, brutal, suja, mas inexplicavelmente simpática, irremediavelmente fascinante”. Conclui que gosta da cidade. A impressão que fica é a de que a simpatia de EV pela urbanidade não lhe permite desgostar de uma cidade grande e poderosa como Chicago.

EV parte então “Rumo ao Sul”, em direção a St. Louis. No trem, divaga sobre a literatura americana. A simpatia de EV pela cidade é admitida por Malasartes, que diz “que sua curiosidade em torno da metrópole do estado de Missouri vem desde os tempos em que, menino, ele lia em latas de conserva, por baixo das medalhas de ouro e prata (...): *Premiado na Grande Exposição de St. Louis*” (GP:286). Lá EV vai à Universidade de Washington fazer uma palestra para os alunos. Mais uma vez a simpatia do autor faz com que conquiste os jovens da platéia. Como a palestra é durante uma aula de línguas românicas e muitos falam espanhol, EV conta uma história em português, procurando utilizar palavras próximas do espanhol, para provar que mesmo sem saber português eles são capazes de entender o que ele diz. A estratégia de EV consegue mais do que simplesmente aproximar as Américas hispânica e portuguesa por meio da linguagem. O sucesso da estratégia novamente aproxima a platéia norte-americana. EV é ovacionado. Obrigam-no a continuar. EV consulta os professores da universidade porque o horário estipulado já acabou. Recebe sinais para que prossiga e

responde a centenas de perguntas sobre a realidade brasileira, as mais prosaicas: como são os estudantes brasileiros? como se vestem? de que gostam? E, claro, como não podia deixar de ser, querem saber qual a sua impressão dos EUA.

De St. Louis, a Nashville, EV afirma perceber nitidamente a diferença entre o Norte e o Sul: “o ritmo da vida nos estados meridionais é mais lento, quente e amável”. Outra mudança perceptível é na feição da população: “não é que haja apenas quantidade maior de pretos. É que existem tipos morenos (...) de cabelos castanho-escuros, pele (...) dum suave trigueiro”. Tudo indica que EV, que se define como “um sujeito moreno”, vai ser capaz de se misturar melhor à população local, mas “os locais já olham com curiosidade para o forasteiro, já dão pela presença de *estranhos* (grifo do autor). Se a pele e os cabelos, associados a um tuxedo, fizeram com que EV fosse confundido com um garçom em Washington, o que denunciaria EV como estranho e forasteiro no Tennessee? Moreno demais ao norte, mas não o suficiente ao sul? Não parece. O ambiente mais rural é que parece ser menos propício ao anonimato. Sem dúvida é o *background* cultural diferente que encontra maior dificuldade em passar despercebido que no cosmopolitismo das metrópoles, ainda que em termos de *background* o Brasil esteja mais próximo do Sul dos EUA que da Nova Inglaterra. As diferenças culturais saltam mais aos olhos da população local, ainda que EV creia que “um sul-americano se adaptaria mais rapidamente a esta vida que à de Baltimore, Filadélfia ou Nova York”. Mas ele mesmo, já “habitado ao inglês da Nova Inglaterra” – não apenas pelo pouco tempo que passou lá, mas ajudado pelo cinema de Hollywood, que acompanha desde garoto em Cruz Alta – tem “de fazer agora grandes e especiais esforços para entender estes criados pretos que falam num tom de quem chora ou de quem está morrendo de preguiça ou sono.” (GP:289). Impossível não notar a reprodução de certo padrão na

forma dos brancos verem os negros na escolha dos termos e imagens que EV utiliza nessa passagem.

A visita de EV ao Sul dos EUA é anterior a Martin Luther King e a conquista dos direito civis pelos negros: “a separação entre brancos e pretos é nítida e absoluta. Nos ônibus, os negros (...) só podem sentar nos últimos bancos. Nas estações, há salas de espera para *coloured people*. Nos restaurantes, cinemas, teatros e barbearias de brancos, as gentes escuras não podem entrar. EV constata. Mas não demonstra choque ou constrangimento. O relato não julga.

“Nova Orleans” (GP:293) se apresenta como uma cidade versátil. Para EV, dependendo do que o olhar do viajante abarca, pode-se ter a impressão de estar em Santos, uma cidade da África do Sul, São Salvador da Bahia, uma cidade da América espanhola, Marselha, ou mesmo nos Estados Unidos. Todas as influências culturais que se cruzam ali se manifestam ao ponto de serem percebidas pelo mais imediato dos sentidos, o olhar. A história da cidade é evidente. A colonização espanhola e francesa fica a olhos vistos e remete a outras colônias da América espanhola ou diretamente à França. A presença negra remete à África de origem ou ao Brasil, que também tem palmeiras, conheceu a escravidão negra e onde a tradição das religiões africanas se faz sentir forte. Os EUA se fazem sentir pelos arranha-céus, cafeterias e *drugstores* de Canal Street. Para EV, fica logo claro que se trata de uma cidade latina, “pelas caras que passam na rua, pela fachada das casas, pelo ar (...) cheio de mornos perfumes tropicais e duma envolvente e agradável preguiça” (GP:295). E ressalta: “Estas criaturas não conhecem a pressa”. Diversas vezes ao longo do relato EV se mostra um admirador da eficiência e do progresso americanos. Entretanto, a pressa, a velocidade, a relação com

o tempo sempre reaparecem como algo digno de crítica. Nessa mesma chave, diversas vezes há o elogio à languidez e a preguiça que aparecem neste trecho.

Ao passear pelo “Vieux Carré” (GP:296), EV novamente se rende ao lastro da tradição. Nem os bondes, *cabs* e ônibus ou os cartazes de produtos modernos, “nada disso consegue quebrar o encanto. A atmosfera de passado resiste”. O Vieux Carré é “uma ilha exótica feita de casas antigas, recantos históricos, monumentos e memórias”. O fascínio de EV pela civilização urbana e moderna se rende ao lastro da história, à sedução da memória, e tudo parece sugerir “uma época de esplendor, aventura e romance”. Mas se para EV a França representava o passado, não há contradição no ato de render-se ao Vieux Carré. O bairro o fazia reviver seu fascínio pela literatura de sua juventude, era o local “onde, numa atmosfera de romance”, encontraria “casas centenárias que nos evocam senhores de engenho e escravos, espadachins e mercadores, heróis e bandidos, santos e flibusteiros”. Todos os fragmentos sobre Nova Orleans narram a história da cidade. Cada edifício ou monumento, os cemitérios, “cada pedra destas ruas narra uma história, prende-se a uma lenda” (GP:298). E para o romancista, o fascínio independe de sua veracidade. História ou lenda, tudo é matéria para o escritor.

É notável que seja a religião que vá provocar em EV a manifestação de sua repulsa ao racismo do *apartheid* sulista. EV pergunta ao sacristão da catedral de St. Louis se os negros católicos têm igrejas separadas dos brancos. À resposta afirmativa, insiste: “Mas podem os negros católicos entrar nos templos dos brancos?” À segunda afirmativa, reincide: “E sentam-se em qualquer lugar?”. A resposta desta vez é negativa e esclarece que eles “têm de ficar nos bancos bem de trás.” EV faz uma pausa eloquente e lança a última pergunta: “Não sabe me dizer se no céu haverá separação de lugares?” O sacristão simplesmente se afasta sem responder à impertinência do escritor.

Mas é em Nova Orleans que EV tem a “maior decepção (...) desde que desembarquei em Nova York” (GP:306). É o passeio num autêntico *showboat* do século XIX, mas que descortina frente a EV um Mississipi que é “um feio rio de águas pardas (...) o famoso cais (...) velho e pobre”. Malasartes ri de sua decepção, o que parece indicar que as expectativas de EV em relação ao Mississipi não sejam fruto da sua juventude, que Malasartes representa, e sim de uma admiração posterior, nascida, mais provavelmente, da literatura vigorosa de Faulkner.

EV acaba convidado por uma senhora que é uma digna representante do “velho e aristocrático Sul” para falar sobre o Brasil para um “Clube feminino” (GP:307), um clube literário que reúne cerca de oitenta mulheres, em sua maioria entre 35 e sessenta anos, que se reúnem “todas as segundas-feiras para discutir livros”. O notável nessa passagem é que EV, ao descrever o país, fala do “perigo de ver homens e nações através de uma fórmula”. Mas a verdade é que o relato como um todo mostra o quanto isso é difícil, mesmo para um escritor atento a essa armadilha. Como descrever aquilo que se convencionou chamar “o caráter de um povo”, sem cair nas fórmulas já prontas do “brasileiro alegre” ou do “americano empreendedor”? Impossível. Sabemos que as identidades nacionais são construídas, e muito dessa construção passa pela definição do “caráter do povo”. Mas como Benedict Anderson frisa, o sentimento de identidade que cimenta as nações não é elaborado a partir de invenções, mas sim de escolhas. Ou seja, a alegria e o empreendedorismo de fato estão lá, entre os brasileiros e os americanos, respectivamente, mas são qualidades que foram escolhidas para serem incorporadas no processo de construção nacional, enquanto outras características indesejadas foram deixadas de fora. Algumas vezes EV parece cair na armadilha da definição dos países, dos povos, das cidades que visita, pelo uso da fórmula pronta, do estereótipo. Mas, se numa análise mais superficial, as frases usadas por EV ao longo do livro nos levam a

pensar que o escritor cai nessa armadilha, sua reflexão nos mostra ele ultrapassa essa dificuldade com talento. O uso do estereótipo por parte de EV parece atender às necessidades de identificação mais imediatas, sem que seu uso se estenda na mera reprodução de preconceitos.

Assim, “Comidas e restaurantes” (GP:309) se constitui num elogio à miscigenação. Nova Orleans é, para EV, “a cidade onde melhor se come em todo o território norte-americano”. Se em Nova York ou Chicago ingere-se comida sem pensar, quando muito com a escolha pautada por tabelas de vitaminas ou calorias, Nova Orleans é a cidade que “tem tempo para comer refletidamente, com um requinte francês, com uma violência espanhola e, paradoxalmente, com uma simplicidade africana”. EV identifica a mistura de influências como responsável pela qualidade da comida e pela manutenção dos “prazeres epicuristas” Importa aqui o reconhecimento por parte de EV de que a mistura pode somar mais do que diminuir. Ainda que ele esteja se referindo exclusivamente à gastronomia, sem dúvida o reconhecimento de que a mistura pode ser positiva, e de que é algo que pode somar mais do que diminuir é algo significativo no contexto de construção da nacionalidade que EV vivia no Brasil, e em contraponto àquilo que percebia em sua viagem pelos EUA.

Num encontro com escritores e artistas, EV conhece “James Feibleman” (GP: 314), cujo livro recém-lançado, *Em louvor da comédia*, fora dado a EV dois dias antes. O episódio comprova que em toda parte EV tem encontros agendados com escritores e artistas locais. Quando se trata de encontros nas universidades, EV geralmente está acompanhado do cônsul brasileiro local, o que talvez indique que os consulados se envolvessem na agenda do autor. Mas há encontros com grandes nomes ou grupos que mais parecem indicar a mão direta do Department of State, pois dificilmente EV

sozinho ou o consulado brasileiro teriam tanta influência. Outro fato que chama atenção é o fato do livro de Feibleman ter sido dado a EV para que lesse antes do encontro, como que para se preparar para o encontro. A conversa entre ambos apresenta aspectos interessantes. Primeiro, Feibleman defende a idéia de que “nesse afã de boa vizinhança em que nosso governo está empenhado (...), a principal coisa a fazer seja promover a tradução” dos melhores escritores e pensadores dos EUA para o português. No tocante à guerra, pensa que não bastam tanques, canhões ou soldados para combater “as forças da agressão e do obscurantismo”. Para ele, “precisamos também de livros”. A discussão prossegue com Feibleman defendendo a idéia de que “os ingleses podem não ser civilizados individualmente, mas o são em alto grau como nação”. EV replica crer “que exatamente o contrário se passa com os alemães e a Alemanha”, ao que Feibleman concorda. A concepção de povo, portanto, não se confunde com a mera soma dos indivíduos, estando mais ligada ao que Calligaris chamou de *prêt-à-porter* das identidades nacionais, uma roupa que se veste e que permite a integração imediata num grupo, sem comprometer as características individuais.

A seção que se segue abrange Texas, Novo México, Oklahoma, Kansas e Colorado. Estados que EV experimenta como os “Horizontes efêmeros” de seu título.

EV sai à rua e diz que “no Texas é bem sensível a influência mexicana – no nome e na decoração dos cafés e um pouco no estilo das casas”. Mas se “Houston não lembra nenhuma das outras cidades” que visitou, ainda assim apresenta “os mesmos cartazes e anúncios” que ele encontra em todos os lugares dos EUA, “o mesmo sistema de cafeterias, hotéis, bares, etc.” Também chama atenção a presença de “muitos negros e mulatos que – como nas outras cidades sulinas – vivem segregados”. Também são dignos de nota os chapéus de caubói e as “criaturas morenas, falando espanhol”. Apesar

da homogeneização do capitalismo, EV parece perceber alguns aspectos da híbridos da sociedade texana, fortemente marcada pela presença espanhola.

“A vaca e o hotel” (GP:323) descreve uma vaca que “pasta placidamente contra um fundo em que se destaca o arranha-céu do Hotel Plaza”. EV filma a cena com sua Kodak. Para ele, “o quadro tem uma significação simbólica (...). As duas tendências em que o Sul se debate. As coisas naturais e as artificiais”: “a granja e o poço de petróleo”; “o automóvel e o cavalo”. EV tem a impressão de que “o povo norte-americano está começando a cansar-se das coisas que o progresso mecânico lhe deu”:

O weekend é a saudade da vaca e de tudo quanto ela representa: a terra com sua paz, as suas árvores, as suas sombras, os seus pássaros, as suas flores e principalmente a sua boa e simples tranqüilidade. A ansiedade com que o público procura os livros com histórias de pioneiros, homens que viviam na terra, pela terra e às vezes contra a terra, também nos dá uma idéia dessa volta, rumo da vaca. (GP:324)

Sem dúvida, o próprio EV começa a relativizar seu próprio encantamento pelo progresso. O desejo é movido pela falta. O progresso que o fascina no Brasil já começa a despertar a visão crítica que só o convívio proporciona. O deslocamento do viajante é capaz de mudar idéias de lugar, rearranjar o mundo a partir de um novo ponto de observação.

“Os índios de Albuquerque” (GP: 324) perdem a visita à reserva que o Department of State arranjava para EV, em decorrência de um engano na hora de retirar as passagens. EV lhes presta uma homenagem e assim revela a impressão que tinha do encontro *a priori*, o que muito revela de sua forma de ver a cultura indígena em sua relação com o homem branco, marcada pelo viés eurocêntrico, colonizador:

Meus tristes, pitorescos e carrancudos índios de Albuquerque, não posso ver as vossas danças, as vossas aldeias, os vossos tapetes, os vossos objetos de

*cerâmica e as vossas habilidades. (...) Fecho os olhos e **imagino o que faríeis para me divertir**. Vejo as vossas mulheres de rosto de pedra envoltas em xales coloridos, pulando suas danças seculares (GP: 324– grifos meus).*

“Oklahoma” (GP:325), como o Novo México, passa somente pela janela do trem, mas merece um texto no qual EV narra a expropriação dos índios de sua terra pelos brancos. O texto tem um leve tom de denúncia da situação dos índios, “atualmente (...) confinados a um *reservation* de sessenta milhas quadradas”, quando há cem anos “os cherokees e seminoles, expulsos do Sul, estabeleceram-se em Oklahoma, que passou a ser considerado território indiano, o país das Cinco Tribos Civilizadas”, donas de “milhões de acres de terra”, comprados “aos peles-vermelhas ao preço de quinze centavos o acre”. Os termos ‘confinados’ e ‘expulsos’ denota a simpatia de EV pela causa indígena, apenas uma página após seus comentários preconceituosos sobre os índios de Albuquerque. A contradição entre as duas passagens mostra que a reprodução do discurso do colonizador pode aparecer, insidiosamente, mesmo em meio à consciência humanista, revelando sua persistência mesmo quando ingenuamente o julgamos superado.

Kansas se faz presente através de uma parada do trem na cidadezinha de Newton, que “não deve ter mais de dez mil habitantes” (GP:326). Caminhar pela rua principal revela uma cidade de casas baixas, “em sua maioria de um único andar. As vitrines, pobres”. A farmácia, a agência do correio, a igreja, o “mulatinho magro” caçando passarinhos de espingarda, duas raparigas de bicicleta, o silêncio, o ar tépido, o “cheiro agridoce de ramos secos queimados”, “uma paz triste e provinciana”, tudo lembra “uma outra cidade remota no tempo e no espaço”, lembrança que deixa Malasartes lírico. Entra num café cujo nome espanhol “faz um apelo à fantasia”, talvez por conta das lembranças de fronteira do Rio Grande do Sul. A garçonete pergunta-lhe

se é mexicano. A identificação de EV como brasileiro faz com que ela murmure o nome do país com olhos que “fulguram” com “visões encantadas – palmeiras, verdes mares, sonhos de moça, muita leitura de novela e muito cinema”, numa duplicação do que se passava com EV em Cruz Alta, quando os EUA eram ainda só uma fantasia, fruto de Hollywood e da literatura. EV parte melancólico, anunciando que não se pode mais esquecer que há uma cidadezinha chamada Newton, como se lembrasse a si mesmo de que Cruz Alta também não deve, e não pode, ser esquecida.

Em “Denver” (GP:327-329), ao visitar a universidade, conhecer pessoas, a simplicidade e gentileza cativante da cidade e seus habitantes vão dando a EV a “agradável sensação” de estar em seu próprio país. Parece que o deslocamento contínuo, quase sem paradas, aliado ao fato de estar passando pelos estados do sul e meio-oeste, menos desenvolvidos que o nordeste dos EUA, despertam em EV uma nostalgia da terra natal. Talvez porque perceber a semelhança seja mais imediato que identificar as diferenças, especialmente frente à velocidade do mundo moderno de cidades como Nova York, e EV, ao longo de todo o relato, demonstra cuidado ao tratar da diferença, parecendo tentar evitar o preconceito e o erro de uma análise mais superficial. Para EV, dois dias em Denver, “à sombra das montanhas Rochosas” – não por acaso EV atenta para a presença da cadeia de montanhas que é um marco da expansão para o oeste, e portanto do pioneirismo e empreendedorismo americanos – bastam para lhe “fazer compreender que no fim das contas a América do Norte não é Nova York nem Chicago, mas cidades como esta, como St. Louis e Houston”, onde se pode “melhor sentir e observar a vida americana porque seu ritmo é mais lento e seus tipos, menos artificializados pelo progresso mecânico”.

Ainda em Denver EV vai a uma conferência do escritor alemão Thomas Mann – que perdera a chance de ver ainda em Nova York –, e que não lhe desperta grande interesse. Mas a ida ao Auditorium serve para que EV registre a passagem da pianista brasileira Guiomar Novais pela cidade, onde na véspera dera um “triumfante concerto” como mais uma artista convidada no contexto política de boa vizinhança do governo Roosevelt. A palestra versa sobre “Esta guerra e a democracia”, e o fato de Mann estar percorrendo os EUA mostra o interesse que o governo americano tinha em ter um alemão se pronunciando a favor da Grã-Bretanha. Mann inclusive gravava discursos antinazistas que os EUA manda para serem transmitidos pela BBC para a Europa. Assim, a guerra e a política de boa vizinhança estão presentes em todo o lugar que EV vá, não permitindo que o papel que ele tem a desempenhar como convidado do Department of State seja esquecido. No entanto, o relato abre espaço para ressalvas de EV em relação ao interesse oportunista dos EUA pela América do Sul, especialmente quando o autor tem a oportunidade de encontrar eco na opinião de intelectuais estrangeiros ou, especialmente, americanos. Como se o fato de concordar com o anfitrião desse ao convidado a liberdade de expressar sua opinião sem incorrer numa indelicadeza.

A seção seguinte trata daquilo que EV mal divisa “Pela janela do trem”. O primeiro texto (GP:338) é o que dá título à obra, no qual EV, do trem que o leva à Califórnia, contempla os “campos tapetados de neve” até que, “de súbito, um gato preto atravessa correndo um tabuleiro de neve de uma brancura imaculada”. Se o quadro é “fugidio” devido à velocidade do trem, ainda assim não impede a “fascinação” que desperta em EV, que sente “que esse momento de fria e silenciosa beleza não é gratuito”. Antes, deve ter um significado, um motivo, uma razão, como de “um misterioso alguém” procurasse dizer-lhe algo “por meio dessas imagens em negro e branco. Mas quem? Quê?” A passagem confirma e reforça a contradição com o *post-*

scriptum do bilhete que abre a obra, onde EV garante que ela “não tem nenhum sentido secreto ou simbólico” (GP:15). O contraste das cores simboliza todos os contrastes que o autor identifica ao longo da viagem: entre o norte-americano e o sul-americano; entre negros e brancos; entre protestantes e católicos; entre a modernidade dos EUA e o arcaísmo do Brasil, entre o arranha-céu e o casebre, o automóvel e a carroça, a avenida asfaltada e o caminho de terra batida; entre o Norte e o Sul; entre o temperado e o trópico; entre ideais de separação e miscigenação; entre a eficiência e o ócio; entre democracia e ditadura; entre potência e vontade; enfim nos contrastes em jogo no conflito aparentemente insuperável entre tradição e modernidade.

O relato acompanha a trajetória de EV e seu encontro com uma América mais próxima de seu país de origem. Ao se afastar da Costa Leste, EV encontra também uma América atrasada, rural, mais lenta e resistente à standardização da modernização. EV descobre que a simultaneidade de tempos da modernidade se dá também dentro das fronteiras de um país modernizado, industrial e urbano. Os contrastes tão gritantes no Brasil também são visíveis nos EUA e não ocorrem somente entre os dois países, mas no interior de suas fronteiras. Ao deixar para trás a Costa Leste, a linguagem se reveste de lirismo e nostalgia, as cores retornam, após os matizes de cinza de cidades como Nova York ou Chicago. A correria desaparece e o relato fica mais lento, mesmo com o tempo de passagem por cada uma das etapas da viagem diminuído. A visualidade característica de EV se reafirma. A paisagem de “Utah” (GP:338-339) é de um “amarelo queimado”, com o Salt Lake “dum verde tão transparente, que se podem ver os seixos avermelhados no fundo”, as montanhas “escarpadas, nuas, áridas” parecem “eternas”, o trem se desloca em “marcha lenta”, “rola, enquanto “o horizonte se tinge de rosa” e “o sol chispa no areião esbranquiçado das margens do lago. Toda a paisagem é uma “suave aquarela”, o vagão de EV “está quase vazio” e “o *porter* cochila” enquanto “a noite vai

pouco e pouco caindo sobre as montanhas, sobre o lago, sobre as planícies desertas de Utah”.

As comparações são um recurso utilizado, remetendo sempre a algo previamente conhecido ou sabido. Assim, Salt Lake “é o mar Morto da América”, “Nevada” (GP:339) “é bem maior que nosso Pernambuco”, mas “tem uma população menor que a da cidade paulista de Campinas”. EV parece até incorporar o regionalismo nordestino. Pernambuco é “nosso”, é típico do Brasil, enquanto Campinas é simplesmente “paulista”. Ainda que Utah e Nevada sejam vistos só pela janela do trem ou pelos passeios na plataforma das estações, em uma parada ou outra, o relato não deixa de incorporar informações históricas, geográficas e econômicas sobre ambos os estados. Como não há paradas, passeios pelas cidades, conversas com pessoas, toda a impressão é visual e assim as cores continuam centrais nas descrições. A paisagem de Nevada, por exemplo, é de “campos cobertos de arbustos dum verde-mate e semeados de árvores duma vegetação fosca”.

EV finalmente chega à Costa Oeste na seção “San Francisco”. A Califórnia, para ele, é “uma palavra que (...) tem sol” e “sugere casas brancas em estilo de missão espanhola, arcadas frescas por entre plátanos, ciprestes e flores rútilas” (GP:342), garantindo assim o uso de cores e características de luz na sua descrição. A cidade apresenta-se como fascinante e o “trata com natural intimidade de velha amiga”, novamente antropomorfizada, no velho recurso de EV de tratá-las como personagens, com características humanas. Mas se na chegada a Nova York (GP:49), a cidade tinha por medida de comparação outras cidades brasileiras (São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre), agora a medida está naquilo que foi visto durante a viagem. Assim, San Francisco não é “nem orgulhosamente tradicionalista como Boston; nem sensualmente

boêmia como Nova Orleans; tão industrial como Chicago ou tão cosmopolita como Nova York” (GP:342). Trata-se de uma cidade “moderada nos defeitos e nas qualidades (...), agradável, limpa, aberta e alegre”. Ainda comparando, se “Baltimore é parda: San Francisco é branca”; se “Boston é uma lição de história: San Francisco é um feriado”. Se Nova York tem “verdadeiros continentes etnológicos: San Francisco tem apenas ilhas e ilhotas pitorescas”; se “Chicago é uma dura semana de trabalho”, “San Francisco, um luminoso *weekend*”. EV revela que se tivesse que escolher uma cidade dos EUA para morar, escolheria a cidade do “Portão dourado”, antecipando qual seria sua escolha ao ser novamente convidado para ir aos EUA para lecionar em uma universidade americana de sua escolha. EV justifica sua escolha reconhecendo que a cidade tem uma atração particular para os latino-americanos, e usa a língua para ilustrar o porquê desta atração. Lá, “as praças não são só *squares*, mas também *plazas* sombreadas de palmeiras, salgueiros e acácias”. EV reconhece que a tradução não é meramente uma questão linguística, mas cultural. A presença da vegetação se mostra importante, especialmente em se tratando de árvores presentes no hemisfério sul. A atração, então, se dá por proximidade e não por distanciamento. O que é distante, diferente, o que não é usual e costumeiro, não é capaz de acolher. E morar, portanto, implica necessariamente em acolhimento. Se a presença de palavras em espanhol pode ser prazerosa também para os brasileiros falantes de português pela proximidade entre os dois idiomas, o que dizer então de alguém originário do fronteiro Rio Grande, onde o contato entre as duas línguas é mais constante? Para EV, topônimos como *Camino del Mar*, *Contra Costa*, *Bodega*, *Laguna*, *Miramontes*, *Palomar* e *Embarcadero* são uma fonte de prazer, ainda que a pronúncia destes nomes seja aproximada do inglês, bem diferente da pronúncia castelhana a que seus ouvidos estavam habituados no estado fronteiro do Rio Grande do Sul.

“Semelhanças” (GP:343) retorna às comparações com o Brasil, certamente por conta do sentimento de proximidade e identificação do país com esta região dos EUA. A travessia da baía de San Francisco é feita “numa velha barca semelhante às que vão do Rio à Niterói. E – coisa curiosa – tudo me lembrava a baía de Guanabara, mas uma Guanabara, é claro, de onde tivessem eliminado o Pão de Açúcar, o Corcovado, a Gávea e outras elevações de terra maiores.” Então, a semelhança não estava, logicamente, na paisagem natural, mas sim na “atmosfera luminosa (...), tocada de tênue bruma azulada, no “ar cheirando a maresia e a folhagens úmidas”, na “fisionomia das casas”. Mais tarde, ao olhar da Market Street em direção à ladeira da California Street, lembra-se da Avenida São João, em São Paulo: “A própria Market lembra certas ruas da capital paulista no desenho das casas, na cara das gentes, no ritmo da vida.” Já no dia seguinte, ao avistar San Francisco da Golden Gate, “como um promontório a avançar nas águas da baía”, EV pensa “imediatamente em Porto Alegre”. Ao tentar reconhecer semelhanças, ao buscar remeter-se de volta ao conhecido – talvez a viagem já tenha se estendido demais –, EV encontra em San Francisco as mesmas cidades que encontrara em Nova York, confirmando o papel dos afetos na memória de quem está deslocado e se sente – ainda que difusamente – estrangeiro.

O longo fragmento “Dez centavos de história” (GP:343-346) narra a tumultuada história de San Francisco desde sua fundação por dois franciscanos espanhóis, e a anexação da Califórnia pelos EUA em 1846, pouco antes da corrida do ouro. Passa pelo avanço da criminalidade, pelos incêndios entre 1849 e 50, até o grande terremoto, seguido da destruição por um incêndio que durou três dias e três noites, em 1906, e literalmente transformou a cidade em um monte de ruínas. Quinhentas e doze quadras inteiras, com mais de vinte e oito mil prédios viraram cinzas. EV visita a cidade totalmente reconstruída pouco mais de trinta e quatro anos depois. Para ele, tal poder de

regeneração “é de pasmar”. Falando da cidade como se falasse de uma pessoa, EV diz que “San Francisco às vezes (...) parece uma velha cortesã que se regenerou e que não gosta falar do passado”. Mas para EV merece destaque o fato da cidade “olhar para as fraquezas alheias com um sorriso de indulgência” e também o fato de que a cidade “não conhece o jacobinismo e não cerra suas portas às gentes de outras raças”, fato comprovado por uma estatística de 1910, que “anunciava que a proporção de estrangeiros na população branca de San Francisco era quase de cinquenta por cento”. Além disso, contava com um bairro latino e sua Chinatown era o segundo conglomerado chinês fora da China. A proximidade no texto torna difícil não associar a ausência de jacobinismo – isto é, de um “sentimento de hostilidade contra estrangeiros ou contra o que é estrangeiro; xenofobia” (HOUAISS, 2001) –, ao “sorriso de indulgência” frente às “fraquezas alheias”. Alheio é justamente o que é estranho, que é de outrem, estrangeiro. Mais uma vez, a tensão entre o colonizador anglo-saxão e os demais imigrantes parece se infiltrar no discurso, comprovando que mesmo a visão humanista de EV não estava a salvo da manifestação de preconceitos tão eficazmente inculcados nas sociedades e indivíduos. A mesma mistura que o encanta pode também assumir um caráter negativo. Outro aspecto interessante é que, aos olhos de EV, os habitantes de San Francisco representavam o meio termo equilibrado entre aqueles “apressados como os das cidades industriais da costa do nordeste” e os “languidamente descansados como os dos estados do Sul. Nem puritanos como os habitantes da Nova Inglaterra nem tão indulgentes para com o vício como os boêmios do Vieux Carré”. Ou seja, neste ponto da viagem, EV parecia ter encontrado um equilíbrio ideal entre as virtudes e defeitos dos EUA e do Brasil. A partir da experiência da viagem, tanto a eficiência e o progresso norte-americanos quanto sua visão do atraso brasileiro podiam ser relativizados.

EV prossegue sua descrição de San Francisco, seus monumentos, habitantes e costumes pelos fragmentos “Aspectos” (GP:346) e “Roteiros” (GP:346-48) e “Gentes” (GP:348-49), “Um dia em San Francisco” (GP:349-351).

No primeiro, destaca “a lei do respeito mútuo”, que, “como em outras partes do país, faz as vezes de muro, e sem a rigidez da pedra e da argamassa”, e dá voz ao funcionário do consulado brasileiro, que conta: “os meus filhos deixam os brinquedos na rua durante a noite. No outro dia está tudo aí. Ninguém toca neles.” (GP:348). EV valoriza o que o Brasil desconhece, chama atenção para uma qualidade que reconhece faltar ao povo brasileiro. Talvez, numa passagem como essa, possamos perceber um resquício da dimensão utilitária das narrativas arcaicas, segundo Benjamin, presente em “muitos narradores natos”, e que pode consistir “num ensinamento moral (...) ou numa norma de vida” (BENJAMIN, 1986:200) a ser seguida. Na maior parte das vezes, o destaque de EV a costumes norte-americanos não praticados por nós se reveste de um ar de advertência contra a falta de um aspecto positivo que poderia vir a melhorar a sociedade brasileira se adotado, e que pode, inclusive, vir a integrar uma possível resposta à questão “por que eles e não nós?” que perpassa ambos os relatos do gato preto.

Em “Gentes”, novamente encontramos o elogio da miscigenação. As mulheres que EV encontra nas ruas de San Francisco não desmentem a máxima que diz que “as mulheres da Califórnia são as mais belas dos Estados Unidos” (GP: 348). São “louras e morenas, ruivas e castanhas”, fruto da “cruza do sangue espanhol com o americano”. O americano típico, portanto, não é nascido do *melting pot*, e sim o *wasp* branco, anglo-saxão e protestante da Costa Leste, mais precisamente a região da Nova Inglaterra, no nordeste do país, e seu núcleo colonizador inicial. Há também o tipo “não menos belo, esportivo e hígido (...) resultante da mistura de sangue americano com italiano”. A

profusão de “homens e mulheres morenos” pode levar um visitante recém-chegado, que “atravessasse (...) a Market Street sem ouvir vozes nem ler cartazes”, ser “capaz de jurar que estava numa grande cidade brasileira”. O *melting pot* também se faz notar nos restaurantes das mais diversas cozinhas: italiana, francesa, alemã, espanhola, mexicana ou as “exóticas” chinesa, árabe, armênia ou basca (GP:350). Ou ainda nos nomes dos *nightclubs* “de todos os estilos”: La Conga, La Fiesta, Bal Tabarin, Sinaloa, South Seas, Lido, Royal Hawaiian, Forbidden City ou Shangai Club (GP:351).

Os habitantes da “Golden Gate City” orgulham-se da baía “mais bela do mundo... *depois da Guanabara* (GP:349 – grifo do autor), ressalva que “acrescentam às vezes, polidos, quando falam a um brasileiro *e quando acontece terem notícia da baía do Rio de Janeiro*” (ibidem – grifo meu). Mais uma vez EV aponta a ignorância dos EUA em relação ao Brasil, e que se estende à América do Sul de uma forma geral. Tanto que encontrar quem de fato conheça o Brasil para além dos cartões-postais é fonte da mais legítima surpresa. EV visita os B., “gente extremamente simpática e acolhedora”, e em meio à visita, “o dono da casa – que é diretor duma importante companhia de navegação, um senhor de sessenta anos e cabeça branca – toma duma guitarra e (...) começa a cantar com ar de malandro da favela: *Mamãe eu quero! Mamãe eu quero!*” (GP:349). Quando menos se espera, o Brasil aparece, malandro, faceiro e ambíguo, como a letra da marchinha carnavalesca. Outro indício de Brasil registrado por EV aparece no palco de um cinema, onde “Carmen Miranda acompanhada e o Bando da Lua está fazendo furor num ato variado” (GP:351).

“Adeus, Mr. Hilton” indica, pela brincadeira no título, que tratará de um encontro com o escritor inglês James Hilton, autor de *Não estamos sós* e *Adeus, Mr. Chips*, então percorrendo a costa do Pacífico dos EUA numa série de conferências. O

encontro gira em torno da literatura, da carreira de escritor – empregado nos estúdios de Hollywood –, do método de trabalho, da adaptação de *Mr. Chips* para as telas. A guerra retorna no reconhecimento por parte de Hilton, ao explicar seu personagem, de que “o mundo depende muito dos professores... hoje mais do que nunca”. Ao falarem de *Horizonte perdido*, EV pergunta qual a origem do nome Shangri-lá, o paraíso daquela obra de Hilton. Este explica que o nome é uma invenção, pois não conseguia situar seu paraíso em nenhum lugar conhecido – a Arábia era arenosa demais, o Brasil “tinha muitas tarântulas”. Parece improvável que o sempre gentil EV interpelasse seu ilustre interlocutor por “encontrá-lo também influenciado pelas ‘fórmulas’ segundo as quais o Brasil é um país de palmeiras, índios, florestas e tarântulas”. Talvez a narrativa tenha incorporado a advertência para registrar a indignação de EV com repetidas manifestações de ignorância em relação ao Brasil. Talvez o fato de se tratar de um escritor inglês tenha levado EV a não tolerar a ignorância e desconhecimento que tolerava no americano médio. Mas EV narra o pedido de desculpas de Hilton, o que dificilmente permite colocar sua impertinência no plano da ficção. Hilton lamenta o muito que ignora e dá o troco classificando a crítica de EV como “susceptibilidade”, melindre. E conta, “a propósito de susceptibilidades (...) uma dificuldade de Hollywood. Por causa da política de boa vizinhança os ‘homens maus’ dos filmes não podem nunca ser brasileiros, peruanos, mexicanos, argentinos”. Dizer que é “uma dificuldade” não poder retratar os bandidos como sul-americanos parece uma descortesia intencional, como resposta malcriada à crítica que recebera. O curioso é que, como os EUA ainda não haviam entrado na guerra, os bandidos ainda não eram alemães, mas teriam “que ser necessariamente norte-americanos... ou ingleses” (GP:354).

Chinatown é descrita “à luz do sol” (GP:355-357) e “à luz das estrelas” (GP:357-358). Proporcionalmente ao caráter de novidade do bairro aos olhos de EV –

afinal, trata-se de uma oportunidade de ver o distante e exótico Oriente presentificar-se a sua frente –, Chinatown merece poucas páginas e nenhum espanto. Nada parece inédito ou estranho. Ao que parece, a literatura preparara EV para esse encontro, pois nada era inteiramente novo ou surpreendente. Cita *American sketches*, de Rudyard Kipling para fornecer uma perspectiva histórica do bairro. Mas é em Chinatown que EV finalmente faz uma compra típica de turista: uma imagem do deus da felicidade Pou-Tai esculpida em nó de bambu, que provavelmente irá adornar a “sala cheia de objetos que lembram viagens”, em sua casa em Porto Alegre⁶⁴. À luz das estrelas nada muda e segue uma descrição sem surpresas ou sobressaltos. Ao contrário, em ambas as passagens EV descreve uma Chinatown que parece descaracterizada pela presença de americanos, mexicanos e mestiços, onde se dança num cabaré ao som do *blues* do Mississippi ou se ouve o *boogie-woogie* tocado num bar por um “chim com cara de jade”.

“O bairro latino” (GP:358-59) é caracterizado por suas “casas *alegres*” (grifo meu) logo à segunda linha do texto. Seus moradores são “italianos, sul-americanos, espanhóis e vascos”, com a expressão *sul-americanos* englobando todo o continente, sem distinção de nacionalidades, todos de “caras morenas”. Aí as conversas são “aos berros”, de janela à janela, por cima das ruas, as “crianças barulhentas” e “se gesticula com mais riqueza e calor do que em qualquer parte da cidade”. Mas se as conversas são aos gritos e as crianças ruidosas, isso acaba compensado pelo fato dos latinos terem “vozes musicais”, isto é, à esta altura da viagem a desordem já pode ter uma qualidade positiva que é tipicamente latina. EV identifica entre os mexicanos uma apropriação em proveito próprio da “febre pan-americanista” pela qual “a América do Norte está tomada” e “que a leva a procurar palmeiras verdes, *muchachos*, *señoritas*, rumbas e

⁶⁴ Descrita pelo dramaturgo Jorge Andrade em “O galho da nespereira”, in CHAVES, 1972:11.

congas. Para EV, os mexicanos “organizam-se para explorar esses sentimentos” e “abrem bazares em que vendem objetos de cerâmica dos índios do México, *sombreros*, e cestas de palha trançada, amuletos e estranhas imagens incas (sic) e maias”. Além do artesanato, dedicam-se também a cabarés de nomes pitorescos como La Fiesta, Xochimilco ou Sinaloa, todos com pátios e decoração, orquestras, danças e comidas típicas mexicanas.

EV descreve sua visita ao “Cais dos pescadores” (GP:359-360), aonde vai com amigos brasileiros para um almoço. Nota que a grande enseada, capaz de receber seiscentas embarcações, é artificial, lembrando “uma grande piscina”, além do fato de que parece haver uma divisão do trabalho por nacionalidade entre as “mais de cinquenta mil pessoas que em San Francisco tiram direta ou indiretamente o seu sustento do mar.” Assim, os pescadores de caranguejo são sicilianos, os de sardinha noruegueses, escravos ou portugueses, certamente com a especialização da pesca determinada pela pesca que os imigrantes já conheciam em seus países de origem. Ao partirem, debaixo de chuva, EV vê ao longe a ilha de Alcatraz, e a imagem do presídio traz-lhe à mente o nome de George Raft⁶⁵, lembrança que serve de pretexto para anunciar a nova seção, dedicada a sua visita aos estúdios cinematográficos de “Hollywood”.

Em “A luz do dia” (GP:362-63), EV descreve a viagem de trem entre San Francisco e Los Angeles, rumo a Hollywood. Como não podia deixar de ser para quem passara a juventude numa cidade pequena, onde a literatura e o cinema eram suas maiores diversões e campos de interesse, seu alterego, o jovem Malasartes, está comovido: “é que ele vai ao encontro de velhos sonhos (...) quer ver de perto os seus heróis, sentir o clima dessa cidade mágica que fala à fantasia de milhões de criaturas

⁶⁵ *The house across the bay*, 1940

através do mundo.” O escritor não está livre da *magia* e da *fantasia* que encantam espectadores de todo o mundo. Mas diz, como já disse antes e repetirá ao longo de toda sua carreira de escritor, que o que lhe interessa – e não seria diferente em Hollywood – “é a sua expressão humana”, sua função ligada à reprodução de “emoções”, “o seu tumultuoso e vário conteúdo de vida”

Para EV, Hollywood está longe de ser um tema fútil, pois “esse subúrbio de Los Angeles exerce hoje em dia uma influência profunda e poderosa sobre mais da metade do mundo” (GP:363). Naqueles dias de “grandes perturbações, conflitos de idéias”, Hollywood começava a tomar o “rumo da propaganda” e o cinema sai em auxílio à defesa nacional, com a vantagem de ter uma “força de penetração e sugestão (...) impressionante”. Afinal, “oferece a Itioca os mesmos grandes espetáculos que divertem Nova York”. EV dedica várias páginas a uma investigação sobre o poder do cinema. Discute a relação artista e público, assim como a relação cinema e literatura. Conta um pouco da história da fundação e desenvolvimento de Hollywood, descreve seus bairros. Mas confessa ter “razões para supor que os leitores estão interessados em conhecer os *fatos* de Hollywood” (GP:375 – grifo do autor). Por isso, “para evitar palavras inúteis, divagações inconsistentes”, decide ampliar suas notas num diário em que registrava apressadamente suas andanças. Assim, ficamos sabendo então da existência de anotações sistemáticas sobre a viagem, o que revela sua intenção de escrever seu relato. Mas agora EV, em nome do interesse do seu leitor pelo mundo quase encantado de Hollywood, muda o tom de sua prosa e confessa: “A prosa que segue não tem nenhum predicado literário, mas estou certo de que não será destituída de valor informativo.” E vai além: “Amanhã talvez não valha mais nada, nem como uma coisa nem como outra.” O autor, portanto, reconhece para seu texto o estatuto de literatura, eliminando totalmente a idéia do relato de viagem como um mero desfiar de fatos acontecidos. De

fato, os textos que se seguem têm um outro tom, são mera reportagem a dar conta dos fatos e hoje talvez interesse apenas a estudiosos e amantes do cinema por seu valor documental como testemunho de uma época. Raramente a ironia e o humor se manifestam. Desaparece qualquer traço de lirismo e mesmo o interesse pelas figuras humanas fica obliterado, transformado em mera informação sobre astros, estrelas e figurões de Hollywood. EV visita os principais estúdios, numa clara demonstração da atuação do Department of State no sentido de aproximar o escritor da indústria do cinema. Como nesse momento os estúdios estavam se dedicando a filmes baseados em obras literárias, talvez a idéia fosse abrir espaço para uma possível colaboração de um autor de enorme sucesso em seu país na realização de filmes voltados para o público latino-americano. Em todos os estúdios EV é recebido por membros dos Story Departments e dos departamentos do estrangeiro. No estúdio Paramount, almoça com “o homem sem cujo *okay* não sai nenhuma produção para os países latino-americanos” (GP:383), fatos indicadores da atuação do braço da política de boa vizinhança dentro dos estúdios. Outra indicação do possível interesse nas histórias de EV como argumentos para filmes é a palestra que ele assiste na RKO Radio sobre histórias para o cinema. O interesse de EV pela “expressão da vida” se traduz no seu interesse assumidamente maior pela vida dos extras do que pela vida de atores e atrizes de renome, portanto “Os Extras” (GP:391) merecem um fragmento dedicado exclusivamente a suas vidas anônimas em luta por espaço no mundo glamourizado de Hollywood.

No encontro com os astros e figurões, os equívocos se repetem, numa clara confirmação de que a política de boa vizinhança, apesar de ter sua agenda cumprida, não conseguia despertar um interesse real entre os norte-americanos pelo restante da América. São inúmeros os episódios em que EV se depara com um interlocutor – como

Bette Davies, por exemplo – que pensa que a língua falada no Brasil é o espanhol (GP:420). Quando ela se retira, ele comenta com seu acompanhante seu espanto com tal ignorância numa atriz do porte de Davies. E obtém a seguinte resposta de seu interlocutor surpreso: “Mas que diabo de língua falam então vocês?” Para EV a cena é a mais pura *gag* cinematográfica, típica do diretor Ernst Lubitsch. Mais uma vez, EV contorna o equívoco explorando seu humor. Se, por um lado, tal estratégia ridiculariza a ignorância dos americanos em relação à América Latina – e assim reenquadra a política de boa vizinhança numa moldura crítica –, por outro lado, ela também acaba por minimizar a gafe, destituí-la de qualquer caráter ofensivo, o que não deixa de atuar no sentido de aproximar os povos. Tal postura parece estar em total consonância com a visão de EV: os EUA são seus vizinhos de escolha para o Brasil, mas isso de forma alguma exige uma adoração acrítica por parte dos brasileiros.

Outra oportunidade de observação do olhar norte-americano sobre o Brasil se manifesta na visita ao *Mocambo*, um café “em estilo brasileiro”, cujo *décor* é um verdadeiro estereótipo de um ambiente tropical onde se agitam araras, periquitos e outras aves de penas coloridas, onde se apresenta uma orquestra “brasileira” composta de *muchachos* centro-americanos (GP:404).

EV descobre dois brasileiros que foram tentar a vida em Hollywood. Nenhum dos dois conseguiu ver “seu nome com relevo no *cast* de nenhum filme”, mas segundo EV não fracassaram. Salvador Yaconelli tornou-se consultor, chamado sempre que os filmes têm alguma ação no Brasil, e professor de inglês de Carmen Miranda. O paulista Banzatto procura escrever argumentos para o cinema e “tem uma fé inabalável no próprio esforço”. O que faz EV acrescentar, em seguida, entre parênteses: “Eu não disse que ele era paulista?”. O empreendedorismo louvável dos americanos encontra eco nos

paulistas incansáveis que tentam vencer em Hollywood. São Paulo, para EV, tinha justificativa para ser a locomotiva da nação, pois espelhava uma qualidade dos norte-americanos que parecia ser um dos fatores responsáveis pelo maior desenvolvimento dos EUA, uma das respostas à pergunta “por que não nós?”

Antes de partir de volta ao Brasil, EV tem a chance de se encontrar com Aldous Huxley, de quem é profundo admirador e tradutor. Tanto que confessa ter hesitado, desde sua chegada “entre o grande desejo de ver Aldous Huxley e o escrúpulo de quebrar, mesmo que seja por alguns instantes, a paz de seu isolamento” (GP:428). Huxley vivia há quatro anos com a mulher numa casa em Santa Monica, mas quase não era visto na vida social de Hollywood. Toda a descrição que faz para apresentar Huxley é baseada nos livros deste autor. EV identifica o autor a seus personagens e apresenta ao seu leitor a visão de mundo do autor que admira. É digna de nota a admiração que Huxley revela ter pelo México, pois talvez esteja aí o interesse posterior de EV por aquele país. Inclusive, Huxley diz nunca ter imaginado uma percentagem tão grande de sangue índio entre a população mexicana, questão que se torna central na abordagem de EV àquele país em seu livro *México*. A relação dos povos com o tempo reaparece no encontro de ambos e Huxley revela achar ridícula “esta civilização em que os homens procuram imitar as máquinas”. Para ele, nada mais ridículo do que um trem que sai às 12h57. EV confessa ter chegado cheio de perguntas que nem chegou a formular: “um invencível pudor” o tolhe. Sente-se, na presença de Huxley, “como um homem diante de um santuário que receia violar”. Frente a Huxley, o escritor de sucesso no Brasil é só um leitor e admirador acanhado.

Na noite antes de partir EV vai assistir a uma conferência promovida pelo dono das importantes revistas norte-americanas *Life*, *Time* e *Fortune* sobre a resistência da

China ao Japão no contexto da guerra. Lá, tem a oportunidade de encontrar uma constelação de astros e estrelas, antes de partir para o aeroporto, numa viagem de volta que irá durar 26 dias, entre navios, aviões e trens até Porto Alegre. Malasartes reaparece no aeroporto, pela última vez, para convenientemente assumir, no lugar de EV, o medo de viajar de avião. Ele lembra uma cartomante do Vieux Carré que previra um desastre em sua vida nos próximos meses, recomendando que evitasse aviões. EV então lhe pergunta: “Você tem certeza que está vivo?”

O livro termina com um suposto diálogo entre um leitor e o autor, numa estratégia que confunde o fim da viagem com o fim da leitura do relato. O diálogo se estende por 37 páginas e faz um verdadeiro balanço da sociedade americana. O leitor quer saber quais as conclusões do autor sobre os EUA. EV diz não ter a pretensão de ter compreendido o país ou de ser capaz de chegar a uma definição sobre o mesmo. Ressalva feita, EV retoma a conquista e a colonização americana, seu perfil populacional, a idéia do *melting pot*. Para EV não importa a origem dos imigrantes ou sua mistura no seio da sociedade. O que define os EUA é o “sonho americano” (GP:442), capaz de unificar sob sua égide todas as diferenças existentes numa sociedade com tanta “diversidade de raças” e proporções continentais. EV também reconhece o poder integrador do capitalismo, com a standardização de produtos, os livros de história, a publicidade, os meios de comunicação e transporte, na unificação da nação. Lembra as guerras da Independência e da Secessão, a expansão para o oeste. Identifica uma série de “costumes, gostos e preceitos de acordo com os quais eles [os norte-americanos] pautam sua vida” (GP:444). Contrasta a espontaneidade norte-americana ao “espírito crítico e o horror ao ridículo” (GP:445) que tiram dos latinos qualquer espontaneidade. Elogia a prática do *mind your own business*, mas critica a “monotonia da paisagem humana”, decorrente da “standardização nascida duma necessidade

imposta pela complexidade da vida moderna, do desejo de aproveitar o tempo” (GP:447). Inclusive, verifica nesse processo a origem de fórmulas para viver a vida que parecem de fato reger o cotidiano dos moradores dos grandes centros urbanos, sempre em busca de melhorar seu aproveitamento do tempo. Porém, o ritmo acelerado cansa e o americano acaba por sonhar com uma nova vida, o que descamba na busca incessante por heróis – na história, no cinema, no teatro, na literatura, nos esportes, no cotidiano. Seria esse cansaço também a origem da idealização do trópico, “terra do pitoresco e do romance”, que, por conta do pouco conhecimento de geografia dos americanos, acaba definida também por meio de uma fórmula que pinta o Brasil como “um céu azul, algumas palmeiras, uma cobra no chão, um negro carregando às costas um saco de café, um *muchacho* dançando a rumba e talvez uma borboleta ou duas” (GP:453).

Dentre os aspectos que “não o impressionaram bem”, destaca o preconceito racial, o segregacionismo da sociedade e sua aversão à idéia de miscigenação (GP:450).

Debruça-se sobre aspectos econômicos, a vida cultural, as artes e as universidades americanas. Faz um balanço da posição da mulher, da situação da família. Confessa ter se tornado um admirador do *little man*, “atencioso e duma gentileza natural, sem teatralidade (...) amigo da ordem e (...) com uma boa vontade comovedora” (GP:466). Fala da religião, do sexo, da mulher, e da relação do americano com a idéia da morte. Cobre praticamente todos os aspectos da sociedade que visita.

Finalmente, chega a o que os americanos pensam dos brasileiros. E a conclusão é contundente: “Em sua maioria, ignoram-nos.” Mas destaca atuação de alguns brasileiros que chamaram a atenção dos americanos em sua passagem pelo país: Oswaldo Aranha como embaixador do Brasil em Washington, a pianista Guiomar

Novaes, a cantora Bidu Sayão e o compositor Villa-Lobos, além do pintor Portinari e de intelectuais como Gilberto Freyre, Arthur Ramos e Sergio Buarque de Hollanda.

EV critica a “febre de pan-americanismo” e as missões de boa vizinhança que os EUA enviam para o Brasil e os demais países da América Latina. Mas acha que o interesse daquele país pelo Brasil pode ser benéfico para todos. Se eles procuram mercado, também eles são mercado para os produtos brasileiros, demonstrando que o que é bom para os EUA pode se bom para o Brasil, basta o Brasil saber usar a pauta americana em proveito próprio. Se por um lado essa visão renega qualquer subserviência do Brasil frente aos EUA, não deixa também de revelar uma dose de ingenuidade e otimismo frente a relações travadas em condições de desequilíbrio econômico. EV chega a listar uma série de ações que poderiam melhorar as relações EUA/Brasil se fossem adotadas pelos EUA. No caso do Brasil, tudo o que os brasileiros precisam fazer é não se deixarem levar por estereótipos, ou seja, não incorrer no mesmo erro que eles cometeram em relação ao Brasil. E despreza ingenuamente o poder de propaganda dos livros e filmes, por acreditar que o brasileiro não seria influenciável.

Para EV, fica claro que a aproximação entre os EUA e o Brasil não exige nem que eles se abrasileirem nem que os brasileiros se americanizem. Na visão otimista do autor, um mundo novo está prestes a surgir depois da guerra, para cuja construção “os homens das Américas” serão “fatalmente chamados”. Ele não deixa de ter acertado, ainda que parcialmente...

4.2. Outros relatos americanos

A leitura de *Gato preto em campo de neve* acabou sendo complementada pela leitura dos outros dois relatos sobre as viagens americanas de EV – *A volta do gato preto*, também pelos EUA na década de 40 e *México*, na década seguinte –, que, ao recuperarem questões identitárias no confronto entre diferentes culturas, muito tem a revelar sobre as relações entre Brasil, EUA e América Latina, e sobre como a experiência de viagem e de narrar a viagem influenciou EV.

Se é a primeira viagem do gato preto que descortina o que era, é, e pode ser, tanto o sonho americano quanto o projeto de Brasil – e uso aqui as palavras ‘sonho’ e ‘projeto’ como emblemáticas das formas como cada um desses países vivencia seu processo de construção nacional –, os relatos posteriores das viagens de EV pelo continente americano ampliam sua compreensão. *A volta do gato preto* e *México* atuam no sentido de reforçar algumas percepções de EV em relação aos encontros culturais e os confrontos identitários, ao mesmo tempo em que ilustram as transformações que as narrativas de viagem de EV vão sofrendo quanto à forma e também quanto ao tratamento dos temas. A visão de conjunto das três narrativas americanas de EV ajuda a perceber permanências e mudanças quanto à forma e conteúdo na obra de EV, tanto biográfica quanto ficcional.

4.2.1. A volta do gato preto

A segunda narrativa de viagem de EV confirma em seu título que o gato preto era mais do que uma “sugestão puramente pictórica”. Mas diz que se o gato pode ser confundido com o próprio autor, “um sujeito de tez morena a caminhar por entre gente

clara e paisagens hibernais” (VGP:5), foi porque tal idéia se generalizou independente da vontade do autor que, na procura de um título para seu segundo relato de viagem pelos EUA, não hesita em assumir o retorno do gato preto.

A obra também se constitui de seções nas quais diversos fragmentos se agrupam, mas o eixo não é mais dado pelas cidades. A estrutura se modifica na medida em que a própria estrutura da viagem é diferente. EV agora não é mais um viajante solitário em constante deslocamento entre uma cidade e outra. Ele está acompanhado pela família⁶⁶ e irá instalar-se na Califórnia.

A primeira seção é “Os argonautas” (VGP:11), numa referência direta aos lendários heróis gregos que viajaram na mitológica nau Argo em busca do velocino de ouro. O primeiro fragmento narra um fantasioso desastre com o avião que leva a família para os EUA, inspirado por uma tempestade enfrentada durante a viagem. Não só é uma forma de EV admitir e exorcizar seu medo de viagens aéreas – que já aparece no primeiro relato –, como remete à idéia do perigo da travessia que tanto marcou os relatos quinhentistas. Mas se os adultos têm seus medos exacerbados pela tempestade – como será viver “em terra estranha onde não existem criadas”; onde irão morar; como irão se virar num país onde só EV domina o idioma; farão amigos? –, as crianças estão ocupadas em suas fantasias. O filho Luís, por exemplo, derruba Zeros japoneses, na primeira alusão à guerra, que a esta altura de 1943 não é mais apenas a ameaça no horizonte dos EUA, que era durante a viagem de 1941.

O fragmento seguinte ainda gira em torno do medo de avião e narra um encontro de EV com dona Eufrásia – sua professora em Cruz Alta, quando ainda menino – no

⁶⁶ Curiosamente, o nome do filho é mantido no relato, ainda que seja usado somente o primeiro nome – Luís, no lugar de Luís Fernando –, enquanto os nomes da mulher e da filha são respectivamente modificados: a mulher Mafalda é chamada Mariana e a filha Clarissa aparece como Clara, ambos mantendo de alguma forma algum vínculo com o nome original, nem que só pela inicial.

céu, ambos mortos. De novo EV deixa claro para o leitor que o livro não será mero relato de fatos acontecidos, mas permeado da fantasia do romancista que lançará mão de todos os recursos a seu alcance para, da melhor forma, contar aquela história para o leitor.

A seção continua narrando a passagem de EV e sua família por Miami, até embarcarem de trem rumo à Califórnia. E traz mais um típico engano quanto à identidade do grupo brasileiro (VGP:24)⁶⁷, como EV tantas vezes vivenciara na sua primeira viagem.

Em *A volta do gato preto*, fragmentos típicos dos textos presentes em guias turísticos informativos também se repetem. “Boom” abre com uma explicação sobre o significado da palavra e sua pronúncia – o que indica que esta talvez ainda não tivesse sido incorporada ao cotidiano brasileiro letrado – e segue com dados estatísticos sobre o mercado imobiliário e investimento de infraestrutura na Flórida:

O boom (pronuncia-se bum) é o crescimento rápido, um súbito bafejo de prosperidade. Uma boom town é uma cidade cujo ritmo de progresso se acelera, cujas propriedades se valorizam e cuja população aumenta – tudo isso de uma maneira espetacular. Os mais famosos booms da história norte-americana foram causados pelo descobrimento de minas de ouro ou jazidas de petróleo.

Flórida teve também o seu boom. Não foi originado por nenhuma riqueza de seu subsolo, mas sim pelo seu clima e principalmente pela habilidade e audácia dum grupo de proprietários de imóveis [...]

Espertalhões compraram por baixo preço grandes tratos de terra e dividiram-nos em lotes. Só em Miami havia em 1925 – a ano áureo do boom – 2 000 escritórios imobiliários e cerca de 25 000 agentes [...]

As construções foram tão numerosas durante esse ano da “corrida” que se calcula seu custo em cerca de 400 milhões de dólares. O Estado de Flórida despendeu 8 milhões com estradas de rodagem e 50 milhões em melhoramentos ferroviários. (VGP:31-32)

⁶⁷ Episódio aqui reproduzido nas páginas 82-83.

A seção “Os argonautas” narra a viagem de trem até a costa do Pacífico, até a instalação definitiva da família numa casa em San Francisco. É permeada pelos equívocos decorrentes dos encontros entre as duas culturas, especialmente pelo fato de somente EV falar inglês, dos anseios típicos de uma família que se muda para o estrangeiro, da surpresa dos americanos frente a uma família brasileira.

A guerra se faz presente de várias maneiras: na presença dos botes lançador-torpedos na praia da Flórida; nas noites – durante a passagem pela Flórida ou na temporada na Califórnia – de bares cheios de soldados e moças uniformizados, gozando os dias que ainda têm pela frente antes de embarcarem para a guerra ou os dias de licença; nas brincadeiras do menino Fernando, distraído a caçar nazis e japs pelas ruas durante os passeios; na menor eficiência dos serviços e no racionamento de alimentos. Ainda assim Mariana/Mafalda, a mulher de EV, revela-se admirada por não descobrir “nestas caras nenhum vestígio da guerra (...) como se nada estivesse acontecendo...” (VGP:46). A explicação, para EV, está na maneira de cada povo encarar a vida. Em franco contraste com os norte-americanos, os latino-americanos são “povos dramáticos” que cultivam “com carinho mórbido as nossas dores e desgraças” e têm “um prazer pervertido em escarafunchar nas próprias feridas” (VGP:46-47).

“Porta dos fundos” (VGP:54) narra a passagem da família por Jacksonville, terceira cidade da Flórida e um dos portos mais importantes do sudeste dos EUA. Enquanto aguardam a troca do trem, perambulam pelos arredores da estação, comprovando a regra “tão conhecida no Brasil (...) segundo a qual os ‘lados da estação’ são sempre o distrito mais pobre e sujo da área urbana”. A família está decepcionada com essa impressão inicial dos EUA, mas EV pede que esperem até chegarem à Califórnia e adverte a mulher: “não te esqueças de que estás entrando na casa de Tio

Sam pela porta dos fundos...” (VGP:55). A Jacksonville portuária do entorno da estação, pobre e suja, não pode ser representativa dos EUA. A família Verissimo espera encontrar a modernidade, a tecnologia, a eficiência e a riqueza do capitalismo americano e, a partir dessa expectativa, reproduz o preconceito em relação ao sul dos EUA.

No fragmento “Os canibais”, as crianças demonstram ainda estarem “psicologicamente no Brasil” (VGP:57), operando com desenvoltura traduções culturais que as mantenham dentro de um universo de referências conhecido. Assim, coca-cola é designada como guaraná e toda revista em quadrinho é gibi. O desconhecimento da língua atrela a família a EV. Quando saem da cabine do trem procuram jamais se afastar de EV, “no imenso horror de que alguém lhes dirija a palavra nessa língua barbaramente complicada...” (VGP:58). Enquanto o trem cruza o Alabama, EV fornece ao leitor suas usuais informações sobre a economia e a toponímia local. Em conversa com o *porter*, esse estranha o fato de a família não se dirigir ao carro-restaurante no horário das refeições – medida de economia, pois apesar de EV viajar a convite do governo, as expensas do transporte da família são por conta do escritor. Assim, devido ao calor, decidem viajar numa cabine refrigerada, “instalados como milionários, mas comendo como imigrantes” (VGP:50), levando provisões. A vergonha com a situação desencadeada pela curiosidade do *porter* faz EV recorrer ao humor: responde que não vão ao restaurante porque são brasileiros e duvidam de que lá sirvam seu prato predileto, carne humana. São canibais. À resposta, “o rosto do negrão conserva-se grave por um instante. Mas aos poucos a boca vai se abrindo num arreganhar de dentes muito brancos e regulares”, e rebate “pilhéria com pilhéria, fingindo seriedade” e respondendo: “Sinto muito patrão. Mas comer carne humana é contra a Constituição dos Estados Unidos” (VGP:60). EV conclui a passagem pensando que se tal diálogo tivesse

ocorrido com um repórter americano, seu próximo artigo diria que “os brasileiros são um povo exótico que ainda se entrega ao estranho hábito da antropofagia”, numa clara percepção de que são os aspectos exóticos que despertam o interesse dos americanos para o restante dos países do continente.

Como *A volta do gato preto* narra os dois anos passados na Califórnia em família, o relato se reveste de mais aspectos autobiográficos, amplificando a perspectiva subjetiva que perpassa os dois livros. Manter a estrutura de um diário no segundo relato – especificamente nas partes 2, “Diário de San Francisco” (24 de outubro de 1943 a 28 de junho de 1944) e 4, “Diário de Hollywood” (de 10 de agosto de 1944 a 28 de junho de 1945), atrelando a narrativa ao transcorrer do tempo por meio da datação, é uma opção para os períodos de rotina da família instalada em San Francisco e Los Angeles por períodos mais longos. Datas importantes, como as eleições presidenciais americanas (7 de novembro de 1944, Dewey vs. Roosevelt) são assinaladas, mas é curioso como datas importantes da guerra não são mencionadas, como o VE Day (Victory in Europe Day, 8 de maio de 1945), talvez por EV já estar imerso no contexto americano, no qual a guerra no Pacífico ganhava proeminência.

Outro aspecto interessante a ser ressaltado quanto à estrutura de *A volta do gato preto* é a incorporação ao relato das cartas de EV para Fernanda e Vasco Bruno, seus personagens de diferentes romances, dando conta de aspectos específicos da sociedade americana. A primeira carta, endereçada a Vasco Bruno, aparece já começada, dispensando as aberturas epistolares tradicionais para entrar diretamente no tema da guerra. O fragmento é chamado “Desabafo” (VGP:154) e é uma oportunidade para EV expressar sua opinião sobre o conflito. A segunda carta é destinada a Fernanda e encerra a passagem de cinco semanas de EV pelo Mills College. Dá conta dos últimos

acontecimentos e fala da colaboração de EV com o Office War of Information, fazendo transmissões para a Europa, “o mínimo que um cidadão 4-A” como ele poderia fazer em contribuição ao esforço de guerra. “Quanto ao resto”, diz não querer mais do que “viver, olhar, escutar, indagar, conversar, observar, numa tentativa de compreender este povo, esta terra, esta hora, dando ao mesmo tempo um balanço mental na própria vida” (VGP:291). EV compartilha com o leitor, por meio da carta a Fernanda, sua angústia com o fato de estar há um ano e meio sem escrever ficção e revela sua esperança na “cura pelo silêncio” que a experiência de deslocamento lhe proporciona. Mas seus “demônios interiores lançam protestos” contra o silêncio, e entre eles aparece Dona Eufrásia, a professora primária de EV, numa mistura de personagens dos seus livros e da memória, confusão que revela como memória e fantasia se conjugam na figura do romancista.

Outro aspecto estrutural que merece ser abordado é o fato de que *A volta do gato preto* faz muito mais uso do diálogo direto que o relato anterior. O diálogo é um recurso amplamente usado na ficção de EV e veremos como ele continua a se desenvolver com a experiência da viagem e da literatura de viagem, a despeito de não ser um recurso usual ao gênero.

A seção “Diário de Hollywood” é marcada pela reflexão, expressa nas diversas cartas. A primeira, para Vasco Bruno, esclarece que a função das cartas dirigidas a ele e Fernanda é expressar sua opinião sobre “as gentes e os costumes dos Estados Unidos, tentando às vezes traçar paralelos entre brasileiros e americanos” e fala da juventude e da guerra. Afinal, naquele momento, parece impossível falar dos jovens sem falar da guerra para a qual são convocados. Fala também das relações dos americanos com a técnica, outro fator que a guerra coloca em realce. A carta seguinte, para Fernanda, trata

das relações dos americanos com a religião. Nela aparece um novo interlocutor fictício, um novo alterego, Tobias. Seu aparecimento se dá por EV recorrer à forma do diálogo, lançando mão da alternância entre perguntas e respostas, mais direta que a forma epistolar. Novo diálogo com Tobias é apresentado para discutir as semelhanças e diferenças entre americanos e sul-americanos. A passagem parte do estereótipo físico para discutir as diferenças de temperamento entre os dois grupos (VGP:361). A terceira carta trata de Hollywood e da valorização do glamour (VGP:382), que EV identifica estender-se por vários aspectos da vida dos americanos.

A questão seguinte a ser abordada é a questão racial (VGP:395). EV aproveita para dar espaço ao elogio à miscigenação do pensamento de Gilberto Freyre, o que também faz em sua obra *Breve história da literatura brasileira*, escrita originalmente em inglês, para o público americano⁶⁸. EV acha que o problema do negro nos EUA “não se resolverá nem em cem anos”. Mas também reconhece a difícil situação do negro brasileiro. Para ele, a vantagem dos negros brasileiros está no fato de não enfrentarem uma discriminação “organizada, reconhecida, oficial” (VGP:401) como os negros americanos. Mas a situação brasileira é piorada por uma discriminação de classe que hierarquiza o mundo do trabalho, tornando algumas profissões menos dignas que outras.

As cartas recebem uma diagramação diferenciada, com corpo de letra menor que os demais fragmentos. Ficam, portanto, graficamente separadas do relato da viagem, das observações dos acontecimentos. Esse formato fica reservado para as impressões e reflexões acerca da sociedade americana, sempre a partir da comparação com a sociedade brasileira. O formato é usado também para inserir algumas notas que tomou sobre o Middle West e o *middlewestern man*, “que não é brilhante (...), mas é dotado de

⁶⁸ New York: Macmillan, 1945.

apreciáveis qualidades morais e tem os pés solidamente plantados na terra” (VGP:414) Nessa parte narra a morte do presidente Roosevelt e o temor de que Harry Truman, seu sucessor não estivesse à altura do momento histórico que enfrentavam. A garantia de que tudo estará bem aparece no fato de Truman ser do Missouri, um homem do Middle West que “tem o bom senso de um vendedor de cavalos”. EV nitidamente compra a idéia cara aos americanos de que o Middle West significa “equilíbrio, chão firme e raízes fundas” (VGP:412).

Em seguida, EV reproduz para Vasco a discussão que teve com Tobias sobre sexo e o papel da mulher na sociedade americana (VGP:416-427). O diálogo vai reforçando seu papel de apresentar diferentes pontos de vista. Perguntado por Tobias se acha que o sexo é um problema nos EUA, EV responde: “Onde não será?” Mas defende a idéia de que os brasileiros ainda têm que lutar contra seu temperamento e os resultados de uma educação defeituosa. O sexo é um assunto fértil para a abordagem dos equívocos culturais, nos quais as traduções necessárias para interpretação das experiências compartilhadas por latinos e americanos narradas por EV são invariavelmente malsucedidas.

A carta seguinte revela uma visão interessante de EV sobre o processo de colonização (VGP:433). Tobias quer saber como “os europeus que colonizaram os Estados unidos tiveram [ali] seus costumes, mentalidade e, digamos, ‘táticas de vida’, *transformados* ou *modificados* a ponto de dar origem ao que hoje chamamos de ‘caráter e modo de vida americanos”” (VGP:433 – grifos meus). Fica claro que para EV a colonização não é mera transposição do modo de vida, mas implica em que esse, transplantado, se modifique e transforme, adapte-se à nova realidade com a qual se depara. Esse fragmento recebe o nome de “Fronteira” pois para EV a formação da

sociedade americana se inicia de fato com a conquista do Oeste. É “no estudo da expansão das fronteiras ocidentais que encontramos a explicação do caráter e da civilização americanos” (ibidem). Esse fragmento se transforma numa imensa digressão sobre a história dos EUA, de “Lincoln a Roosevelt” (VGP:444-460).

A carta que recebe o título de “Paralelo” (VGP:490) traz a questão central que se coloca para EV a partir da comparação entre as sociedades americanas e brasileiras. Tobias é deixado de lado e Fernanda chama para si a responsabilidade de fazer “a pergunta embaraçosa”: “Por que razão chegaram os Estados Unidos – cujo povoamento é mais recente que o do Brasil – ao presente estágio de civilização, ao passo que nós ficamos tão para trás?” EV diz que é preciso ser mais que um mero contador de histórias para arriscar-se a responder, mas tentará “um rápido paralelo”. Para EV a diferença entre ambos os países não pode mais estar no “temperamento dos povos”. Se o primeiro relato apresenta diferenças de comportamento que parecem justificar aos olhos de EV a origem do atraso brasileiro, o segundo relato parece trabalhar mais na chave da comparação, encontrando vantagens e desvantagens que não são capazes de hierarquizar os dois países. A diferença então é explicada em termos naturais – geográficos, climáticos, geológicos. Para EV, o discurso ufanista da natureza brasileira mascara uma realidade diferente. Os EUA são mais ricos, estão mais bem situados no hemisfério com seu clima temperado. E se a colonização teve importância nesse processo, não foi pelo fato de portugueses serem colonizadores de segunda categoria, mas sim por terem isolado sua colônia do resto do mundo, com medidas protecionistas em relação ao comércio, à entrada de estrangeiros, ao desenvolvimento da indústria e da imprensa locais. EV aproveita para criticar os governantes brasileiros, o excesso de burocracia, a malversação das verbas públicas.

O fragmento seguinte é dirigido a Vasco, que ficou “deprimido e desesperançado” ao ler a carta anterior destinada a Fernanda. Em “Fazer e ser”, EV usa os dois verbos para explicar porque os brasileiros não devem “alimentar nenhum complexo de inferioridade diante dos norte-americanos e de sua civilização” (VGP:499). Se até aquele momento os americanos foram o povo da ação, agora se deparavam com questões como “quem somos nós?” ou “que rumo dar a nossas relações com os outros povos do mundo?” EV se equivoca em suas previsões. Para ele, o mundo não teria razão para temer os EUA porque “este povo jamais se atirá a uma guerra de conquista”. De fato, nenhuma das guerras posteriores nas quais os EUA se envolveram era assumidamente de conquista, sendo sempre mascaradas por outras questões.

O relato termina com duas cartas suscitadas pela bomba atômica. No calor da hora, no país que exigia de seus jovens enormes sacrifícios nas batalhas do Pacífico, EV não consegue condenar totalmente o uso da bomba. Mas está atento a seu significado. Para ele, a bomba mostrou que era hora de se colocar um c minúsculo na ciência e um H maiúsculo em Humanidade.

Os diálogos com Tobias reproduzidos para Fernanda e Vasco marcam o relato por seu viés comparativo. Cada uma delas compara diferentes aspectos da cultura norte-americana com a cultura brasileira. Como bem apontado por Clifford (1997:11), o uso da comparação indica consciência dos limites, dos significados sedimentados, das tendências à supressão de diferenças significativas. Sem dúvida EV é um observador cuidadoso, e esse cuidado se estende a seus esforços de tradução de uma realidade cultural à outra.

Cabe ressaltar que os conflitos inerentes aos encontros culturais encontram no diálogo uma forma privilegiada para serem expressos que EV parece não ter tido problema em reconhecer e incorporar ao relato.

4.2.2. México

Em 1952, EV retorna aos EUA para dirigir o Departamento de Assuntos Culturais da União Pan-Americana. No desempenho de suas funções conheceu vários países americanos, como México, Equador, Venezuela, Panamá, Peru, Porto Rico, e procurou, nos três anos e meio que permaneceu no cargo, “expressar e praticar sua concepção democrática de vida política e militância em favor da superação das desigualdades sociais, econômicas e culturais” (ZILBERMAN, 2008:20) no continente. Lidera uma campanha contra o analfabetismo nas Américas, discursa contra a ditadura e a miséria latino-americanas nas conferências realizadas pela União Pan-Americana, cruza o continente trabalhando em favor da solução dos problemas políticos e culturais que afetam as diferentes nações latino-americanas.

É nesse período que realiza a viagem ao México que dará origem ao livro homônimo, lançado em 1957, e surgido ao acaso, quando o autor pretendia, na verdade, levar a cabo sua trilogia gaúcha e escrever a parte final que viria a ser *O arquipélago*. Durante seus anos diplomáticos em Washington, EV praticamente abandona a ficção. Ao tentar retomá-la, se pega desenhando pequenas figuras mexicanas no papel. Dedicava então todo o verão e parte do outono a escrever seu terceiro relato de viagem, “com

enorme gosto e ímpeto” (SCII:7) o que levará EV a admitir que fora “a luz e o calor desse país mágico que tiveram o dom de acelerar o processo de descongelamento da cidade de Santa Fé e das personagens de *O arquipélago*.” (ibidem:7). O relato é dividido em 14 capítulos, sendo um prólogo e um epílogo. Todo o livro é muito mais descritivo que os anteriores. Na verdade, ele parece menos um relato de viagem e mais um longo tratado sobre a sociedade mexicana – sua história, formação, a influência asteca. A narrativa da viagem parece perder importância frente à tarefa que se impõe. A profunda investigação da sociedade mexicana que se configura no relato *México* parece ser a busca por uma resposta sobre o que seria uma identidade latino-americana. O trabalho na União Pan-Americana colocava essa questão de forma contundente para EV, especialmente porque EV começava a perceber o desequilíbrio das relações entre centro e periferia, que colocavam os EUA no centro e alinhavam o Brasil ao restante do continente americano.

A parte central do livro se afasta totalmente da narrativa de viagem para narrar uma série de colóquios mantidos com o intelectual mexicano José Vasconcellos (1882-1959). A apresentação de Vasconcellos ao leitor se faz através de seu contraste com Alfonso Reyes, o renomado intelectual que servira na Argentina (1927-30) e no Brasil (1930-35) como embaixador mexicano. Enquanto Reyes é definido como “um humanista puro”, com “cautelos e dúvidas de *scholar*” (MEX:169), Vasconcellos é o homem de ação, que “se compromete, salta da biblioteca ou da tribuna para a barricada, da sala de aula para a ação nas ruas” (ibidem:169).

Os colóquios abrangem toda a história do México até a década de 1940 e oferecem ao leitor diferentes perspectivas além da histórica – antropológica, geográficas, turísticas e culturais. Ao mesmo tempo, o olhar de EV é duplamente

externo: trata-se de um brasileiro que, naquele momento, reside nos EUA, e ainda aparece contraposto ao de um “historiador com notável conhecimento do passado de sua pátria”. Se a EV compete o olhar entusiasmado “de quem se deslumbra diante da tradição asteca, da paisagem desafiadora”, da história sangrenta, a Vasconcellos, por sua vez, cabe uma perspectiva mais crítica (ZILBERMAN, 2008:30).

A dualidade de perspectivas inicialmente explorada pela presença de Malasartes em *Gato preto em campo de neve* é ampliada nos diálogos com Tobias narrados a Vasco Bruno e Fernanda em *A volta do gato preto*, e atingem o auge em *México*, onde a partir das diferentes visões que EV e Vasconcellos têm da sociedade mexicana, o leitor pode tomar partido e escolher a interpretação que lhe parece mais convincente. A experiência dialógica que se vinha ensaiando com Malasartes e Tobias – e mesmo Fernanda e Vasco Bruno, ainda que mais timidamente – nos relatos do gato preto, se radicaliza em México. Na verdade, a obra de ficção de EV já apresentava diversas ocasiões onde o diálogo é escolhido como forma de apresentar idéias opostas, perspectivas divergentes. Ocorre que o ápice do emprego desta técnica se dá em *O arquipélago*, onde de fato se torna estratégia fundamental para o desenvolvimento da narrativa. Os romances que se seguem – *Senhor embaixador* (1965), *O prisioneiro* (1967) e *Incidente em Antares* (1971), que seria seu último romance –, também posteriores a México, continuam empregando esse recurso de forma significativa.

No que diz respeito à narrativa da viagem propriamente dita, EV narra suas impressões sobre várias cidades e *pueblos*, como Oaxaca, Puebla e Cholula, Taxco, Cuernavaca e Querétaro, entre outros. Fala também da capital e da marcante influência asteca, assim como do clima, da arquitetura e da organização das cidades, das artes (pintura, teatro, música), de costumes (culinária, mercados, lojas, festas e *pulquerias*).

Comprovando o caráter de ensaio sobre a civilização mexicana, EV revela suas leituras sobre o tema, que vão de obras clássicas do período colonial mexicano à produção de historiadores, ensaístas e intelectuais mexicanos contemporâneos, até americanos e britânicos que escreveram sobre o México, cabendo destacar a obra de Aldous Huxley, um de seus autores favoritos, com quem tivera a oportunidade de conversar sobre o país quando de seu encontro durante a primeira viagem para os EUA (GP:430).

Cabe destacar que EV, também no México, valoriza a pluralidade da sociedade que visita. Para ele, o país era simultaneamente indígena, barroco e moderno e o processo de afirmação de identidade nacional em curso deveria reconhecer estas simultaneidades e buscar seus pontos positivos. EV tinha a percepção de que as culturas espanhola e indígena em confronto no México influenciavam-se mutuamente:

*(...) no momento em que os Conquistadores erguiam suas casas e palácios à imagem e semelhança dos que tinham deixado em sua pátria, do outro lado do mar, já começavam a sofrer a influência do povo que haviam submetido. Não era apenas o fato de estarem usando o material e até certo ponto a técnica de construção dos nativos. **Era mais que isso. Misteriosa e imponderavelmente mais que isso.** (MEX: 43-44 – grifo meu).*

Fica claro nessa passagem que EV reconhece o caráter de mão dupla dos encontros culturais, ultrapassando a visão tradicional que vê os processos de colonização como mera imposição de uma cultura à outra, o que explica sua crença na capacidade de afirmação de contrafluxos capazes de subverter a imposição do *American way of life* aos demais países do continente.

Para EV, o caráter mestiço da população mexicana é o que de fato melhor representa o país. Segundo sua visão,

(...) o mestiço foi mesmo, desde os tempos da Colônia, o elemento mais importante da população mexicana, talvez o único a ter realmente uma idéia, ou melhor, um desejo de nação (MEX:257 – grifo do autor).

Assim, será em torno do mestiço que a nação mexicana irá se afirmar, pois é nele que o desejo de nação se concretiza. E se é justamente o mestiço que garante os traços mágicos que EV identifica na sociedade mexicana, fica claro porque esse traço é visto por EV como uma marca de todas as sociedades da América hispânica. México, portanto, é visto como uma antítese da tese americana, caracterizada pela afirmação da racionalidade ocidental e do pragmatismo, encarados como motores do progresso conquistado pelos EUA e almejado por EV para o Brasil. Para EV, a conclusão final do livro não poderia ser mesmo feliz, já que permanece “condenado a oscilar o resto da vida entre esses dois amores, sem saber o que [deseja] mais, se o mundo mágico ou o mundo lógico” (MEX:299). A única “esperança de salvação (...) é a de que, entre a tese americana e a antítese mexicana, o Brasil possa vir a ser um dia a desejada síntese.” (ibidem:299).

Parece que, para EV, ao final da década de 1950, o processo de formação de uma identidade nacional brasileira ainda estava inacabado. Ou ainda, talvez EV percebesse a identidade nacional como uma construção, um processo nunca acabado e, portanto, constantemente submetido à rasura, à reescritura, à mudança de curso. O que fica claro é que as três viagens promoveram constantes revisões nas leituras realizadas por EV das diferentes culturas colocadas em confronto. Sua perspectiva do que deve ser valorizado em cada uma é transformada pela experiência das viagens, configurando a viagem como uma forma legítima de conhecer a diferença e enriquecer a visão do mundo.

4.3. Coda interamericana

Do entrecruzamento da leitura dos três relatos americanos de EV, algumas questões ganham realce. O escritor percebia claramente os problemas acerca do pan-americanismo, assim como enxergava uma possibilidade alternativa ao projeto modernizador norte-americano. Em suas próprias palavras: “*Não devemos imitar os Estados Unidos; não precisamos nos transformar em fanáticos da coca-cola, do jazz (...) Não será por nos mandarem penicilina, máquinas, técnicos; não será por nos transmitirem seus conhecimentos científicos e industriais que os americanos vão mudar nossa maneira de ser, sentir, de viver*” (VGP:503). Para EV, o caminho a ser trilhado pelos “homens das Américas” (GP:477) na construção do novo mundo que surgiria ao fim da guerra não era único, e sim plural. As relações entre EUA e Brasil não seriam ditadas exclusivamente pelos interesses norte-americanos. A aproximação entre os países da América de forma alguma poderia implicar no apagamento de suas diferenças ou no nivelamento de suas identidades culturais: “Não há razão para que nos americanizemos nem para que eles se abrasileirizem. O caráter de cada nação deverá ser respeitado” (GP:476). Já em *México*, escrito quinze anos mais tarde, EV já reconhece que o México se americaniza, mas ainda relativiza essa influência para o restante da América Latina, onde não crê que seja de fato profunda: “Eu creio que *ainda* não é. Espero sinceramente que não seja” (MEX: 285 – grifo do autor). O uso do advérbio, reforçado pelo grifo, parece indicar o contrário da afirmação, assim como o fato de empregar o modo subjuntivo, cuja função é expressar uma ação ou estado distinguidos pelo verbo como um fato possível ou desejado, ou emitir sobre o fato real um julgamento, uma opinião pessoal.

Durante sua viagem, EV é constantemente interpelado pelos americanos sobre o que os brasileiros pensam dos EUA. No balanço final de *Gato preto em campo de neve* reconhece, sem hesitar, que os americanos, em sua maioria, ignoram o Brasil (GP:473). Na aproximação almejada pela política de boa vizinhança, o esforço maior parece caber aos brasileiros – esforço que se traduz na extenuante viagem de EV, que cruza o imenso país de trem, para cumprir, em relativamente pouco tempo, uma agenda lotada de compromissos.

EV acreditava, no entanto, que a aproximação entre os dois países poderia ser benéfica para o Brasil. Para ele, era “um fato indiscutível” (GP:474), mas reconhecendo “a necessidade de fazer que entre nosso país e os Estados Unidos se processe uma aproximação de caráter mais humano, uma amizade mais compreensiva e assentada em bases mais sólidas” (ibidem). É provavelmente por acreditar nessa possibilidade que EV aceita o convite de voltar por dois anos. E é também provável que seja por perceber que o desequilíbrio só faz crescer, que tenha aceitado o cargo na União Pan-Americana, onde, no desempenho de suas funções, fica patente sua defesa dos países latino-americanos, já em situação de dependência periférica.

É fato que as viagens e narrativas americanas proporcionam a EV uma reflexão aprofundada sobre as relações entre centro e periferia e potência imperialista e nações dependentes. Seus últimos romances são também devedores da experiência de EV no exterior quanto a seus temas e posicionamentos. *Senhor embaixador* é escrito em decorrência da decepção de EV em relação à política externa dos EUA, que se delineia a partir de sua experiência nos anos que morou nos EUA (1943-45) e de sua atuação junto à União Pan-Americana. Já *O prisioneiro* reflete suas posições frente à Guerra do Vietnã, também influenciadas pela revolta dos jovens americanos com o conflito, que

EV presencia durante visita à filha, genro e netos em 1966. Ambos os romances revelam um olhar sobre os EUA menos ingênuo do que aquele que guiou sua primeira viagem.

Já as diferenças de estrutura entre as três narrativas americanas são um importante indicativo de que o conteúdo de cada obra determina diretamente sua forma. *Gato preto em campo de neve* é praticamente uma viagem *non-stop*, cuja grande marca é o constante deslocamento do viajante. A narrativa, por sua vez, é caleidoscópica, formada por cacos de impressão que se ajustam a cada novo movimento. Os textos são fragmentos sem continuidade, não lineares, que podem ser lidos de acordo com a vontade do leitor, sem que saltos ou supressões comprometam a compreensão ou a fruição da obra. Já *A volta do gato preto*, ao narrar uma temporada marcada pela fixação da família Verissimo na Califórnia, incorpora a forma do diário, com duas seções seguindo a ordem cronológica e devidamente datadas, ainda que muitas vezes isso não comprometa a independência dos fragmentos, exatamente como ocorre no relato de viagem anterior. Já *México* tem sua parte central baseada nos colóquios e mostra o avanço de EV no uso da forma do diálogo como recurso para apresentação de opiniões divergentes, deixando ao leitor a liberdade de escolher com qual concorda. Por se configurar como uma grande investigação de EV sobre a condição latino-americana, adquire mais uma feição de ensaio, no qual o relato da viagem propriamente dita perde importância.

No entanto, mais importante, mas talvez de percepção não tão transparente, seja a contribuição do confronto entre identidade e alteridade proporcionado pelo encontro intercultural que vivenciou, no desenvolvimento de sua obra ficcional posterior. No primeiro volume de suas memórias, essa contribuição transparece quando EV narra um encontro com o tio materno, homem rude, prosaico, singelo, representante da vida rural

gaúcha. Seu contraste com os pendores de EV pela música erudita e a literatura levaram o autor a sentir que “jamais poderia escrever o que quer que fosse sobre a gente da campanha. Faltava aos nossos ‘guascas’ densidade psicológica, esse tipo de conflito capaz de produzir drama. Sobre homens assim vazios (...) era impossível escrever um romance que tivesse caráter e nervo” (SCI:290). A experiência das viagens pelos EUA, permitem a EV reexaminar o episódio sob uma nova ótica, comprovando o realinhamento identitário que a experiência da alteridade proporciona àqueles que não se furtam a ela. EV, depois de suas andanças pela América, vê-se retrospectivamente como um “moço de faz-de-conta, alimentado por livros, discos, revistas, pinturas e fantasias”, enquanto seu tio se apresenta como “um gaúcho de pés plantados na terra (...) um ser humano que tinha a sua integridade, o seu código de honra, que convivia não só com os seus semelhantes, mas também com os bichos, as plantas, a terra... Sabia fazer coisas com as mãos rudes, afeitas a geadas e soalheiras” (SCI:291). Essa mudança de opinião revela a EV que cabe ao romancista que era “descobrir como eram ‘por dentro’ os homens da campanha do Rio Grande”. Era com “aquela humanidade batida pela intempérie, suada, sofrida, embarrada, terra-a-terra” que ele teria que lidar quando escrevesse o romance do antigo Continente. EV revela que foi só depois de compreender isso que as personagens para “o projetado e sonhado romance” foram saindo-lhe da memória, qual “coelhos duma cartola de mágico”. EV finalmente descobrira o seu povo, o seu sangue, as suas “vivências, diretas ou indiretas, que por tanto tempo renegara”. Foi assim que o romancista “abriu a porta do Sobrado dos Terra-Cambará”... (SCI:292) e escreveu aquela que ficou reconhecida como sua maior obra.

É importante lembrar que a obra de ficção de EV incorpora a questão da identidade de diferentes maneiras, seja a partir de um viés de classe, regional, nacional ou estrangeiro. Obras como *Clarissa* e *Caminhos cruzados*, por exemplo, marcam a

configuração da classe média urbana no romance brasileiro. Já *O tempo e o vento* configura o gaúcho, o brasileiro da fronteira, traçando a saga da formação do Rio Grande, do século XVIII até 1946. Nas palavras de Flávio Loureiro Chaves, “adquirindo função tão proeminente no conjunto da obra do romancista, a investigação acerca do problema da identidade” perpassa praticamente toda sua obra (CHAVES, 2001:126), mas parece ser especialmente em sua última fase que ela se manifesta com maior vigor.

CONCLUSÃO

Mementos: o que é trazido na bagagem

Toda viagem nasce do desejo do encontro com o país sonhado. E toda narrativa de viagem fala do encontro do narrador com sua identidade reconfigurada pelo embate com a identidade cultural do outro. O confronto entre identidades diferenciadas, o reconhecimento da alteridade leva ao realinhamento dos elementos reconhecidos como constituintes da própria identidade e mesmo à incorporação de novos elementos nessa construção. A viagem representa mais que simplesmente o desejo de romper fronteiras ou limites geográficos. Ela traz em si a vontade do viajante de, através do conhecimento de novos povos e culturas, repensar sua própria identidade. E Erico é um viajante especial, que em nenhum momento se esquece de si mesmo, um escritor mergulhado em indagações – de ordem política, social, cultural, literária – que o acompanham por toda parte.

Toda (re)leitura traz consigo novas questões e novas respostas. A questão da identidade nacional volta à pauta do dia e se coloca no centro do debate cultural pós/neocolonial e multi/intercultural dos dias de hoje. Os relatos dos anos 40 e 50 de EV, ao colocarem em contato as três Américas – temos um escritor da América portuguesa que viaja pelas Américas saxônica e hispânica –, oferecem um vasto campo para as discussões que integram esse debate, especialmente ao envolverem a América Latina, esse lugar muitas vezes surpreendentemente excluído do “Ocidente” – especialmente pelos norte-americanos, a partir do momento em que estes se configuram como novo eixo colonizador, numa reviravolta hegemônica que atingiu todo o mundo e hoje, dentro do contexto da globalização, mais que nunca suscita questionamentos e reflexões.

Ainda que sua avaliação revele certa ingenuidade política, EV, aceitou o convite e a pauta do diálogo interamericano, e, ao aceitá-los, apresentou uma explicação do Brasil que evidencia e valoriza nossas características plurais. Ao mesmo tempo, com muito tato, EV procura indicar para os americanos que a valorização da pluralidade e a aceitação da mestiçagem e do hibridismo também podem ser uma chave importante para a construção da identidade nacional nos EUA.

Gato preto em campo de neve narra o primeiro encontro de EV com os americanos. Essa primeira experiência de alteridade possibilita a EV perceber a forma como brasileiros e norte-americanos pensam a si mesmos e aos outros, e como estabelecem relações identitárias cambiantes, ao sabor das situações enfrentadas. Os confrontos identitários narrados por EV nessa obra indicam a percepção de que as identidades não são um lugar fixo, mas relacional. Não só a forma como são vivenciadas e manifestadas muda contingencialmente, como as relações de poder que se estabelecem no confronto são colocadas em xeque. O recurso ao humor e à ironia tem a clara função de contornar os desencontros em que podem se transformar os encontros culturais, seja em função de equívocos nas práticas de tradução cultural que se fazem necessárias, seja por conta do desequilíbrio nas relações de poder que transparecem nesses confrontos. O falso interesse dos americanos pelo Brasil e pelo restante da América – explicitado nas inúmeras situações em que denotam seu total desconhecimento dos países vizinhos – deixa claro para EV e seu leitor que o encontro entre esses países ocorre em condições muito diferentes para cada um.

Os três relatos de EV dedicados ao continente americano são riquíssimos para a investigação das relações entre identidades americanas e de como EV percebe suas mudanças, determinadas historicamente. Além disso, a visão de EV parece valorizar a criação de contrafluxos para fazerem frente ao processo de americanização da América

Latina e – por que não? – do mundo. Em EV, o reconhecimento da diferença abre espaço para reflexões críticas acerca de questões ligadas à diversidade cultural, suas tensões, interações e mesclagens. Especialmente em *A volta do gato preto* e em *México*, é possível identificar a visão que EV tem dos encontros culturais como processos de mão dupla, nos quais as diferentes culturas em confronto têm condições de se manifestarem e exercerem sua influência, não obstante ocorrerem em condições de desequilíbrio de forças. Reconhecer o tráfego das trocas culturais nos dois sentidos permite enxergar a riqueza da mesclagem, do hibridismo de que se revestem as zonas de contato intercultural. Não por acaso estamos falando da América, que nas palavras do escritor cubano Alejo Carpentier foi “palco do mais extraordinário encontro étnico registrado nos anais do nosso planeta: o encontro do índio, do negro e do europeu de pele mais ou menos clara, destinados, dali em diante, a se misturarem, entremisturarem, a estabelecerem simbioses de culturas, de crenças, (...) na maior mestiçagem já vista” (apud JOBIM, 2008:100).

A investigação sobre as identidades em jogo nos relatos americanos é uma ferramenta importante para fundamentar sua emergência, continuidade e mudanças sofridas por estas identidades da década de 1940 até hoje. Investigar essas representações coletivas no passado contribui para a compreensão do presente, já que as questões evocadas, seja como herança manifesta ou como memória latente, são aquelas que julgamos ainda relevantes no momento presente.

Assim, os relatos americanos merecem um estudo comparativo aprofundado, que dê conta de toda sua complexidade como conjunto, tanto em termos das relações culturais que retratam quanto das questões formais que colocam. Outro aspecto que merece ser abordado em detalhe são as questões concernentes à literatura, especialmente em *Gato*

preto em campo de neve, onde vários encontros de EV com escritores americanos e ingleses são registrados, assim como suas discussões acerca das obras de outros autores, suas próprias, seus métodos de escrita e temas centrais de suas obras. Seria interessante incorporar a essa investigação a análise da obra de EV, *Brazilian Literature - an Outline*⁶⁹, escrita por ocasião dos cursos sobre literatura brasileira que ministrou durante sua segunda temporada nos EUA. Da mesma forma, *México* merece uma análise mais detalhada da questão latino-americana, que ali aparece com mais força.

Mas o fundamental é assinalar que é sobre o caráter literário que repousa o valor de *Gato preto em campo de neve*. São as impressões subjetivas; a tipificação das personagens; as técnicas extremamente visuais de descrição das paisagens; as *gags* literárias onde o elemento surpresa subverte a narrativa garantindo-lhe comicidade que garantem o prazer da leitura e a permanência dessa obras para além de seu mero caráter documental. O desinteresse que envolve a maior parte do relato sobre Hollywood talvez comprove essa idéia. EV mesmo anuncia que serão páginas meramente informativas, sem caráter literário (GP:375). Cabe reconhecer que a subjetividade do olhar que EV logra expressar em seus relatos – manifesta por meio de recursos de linguagem que vão da escolha do vocabulário às construções de sintaxe; do recurso ao humor e à ironia como forma de contornar as dificuldades da viagem, dos encontros interculturais, dos embates identitários; até a inserção de passagens ficcionais em meio aos fatos vividos – é que acaba por realizar de modo mais eficaz a tradução dos elementos da cultura estrangeira em termos da própria cultura. O que aparece nas narrativas americanas é a forma como a cultura é vivida na prática pelas pessoas, em circunstâncias específicas, formada em campos de disputa específicos. Não se pode perder de vista que as diferentes culturas são sistemas de comunicação que produzem e reproduzem

⁶⁹ A edição brasileira é muito posterior: *Breve História da Literatura Brasileira*. São Paulo: Globo, 1995.

determinados significados capazes de influenciar a vida das pessoas porque implicados em práticas de dominação nem sempre fáceis de serem identificadas e que, por isso, exigem atenção e cuidado ao serem abordadas. Atenção e cuidado que não faltaram às narrativas de viagem de EV, sempre preocupado em compreender o outro para além dos estereótipos, das convenções e das conveniências ditadas pelas circunstâncias que determinavam suas viagens.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

1. Obras de Erico Verissimo

- VERISSIMO, Erico (1941). *Gato preto em campo de neve*. 21ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- _____. (1946). *A volta do gato preto*. 13ª edição, Porto Alegre: Globo, 1984.
- _____. (1957). *México*. 11ª edição, Porto Alegre: Globo, 1996.
- _____. (1975). *Solo de Clarineta: memórias*. 21ª edição, Porto Alegre: Globo, 1997. 2 vols.
- _____. (1995). *Breve História da Literatura Brasileira*. 4ª edição, São Paulo: Globo, 1995.
- _____. (1966) “O escritor diante do espelho”. in: Idem. *Solo de Clarineta: memórias*. 21ª edição, Porto Alegre: Globo, 1997. vol. II.

2. Bibliografia crítica Erico Verissimo

- Erico Verissimo - Cadernos de Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles-IMS, 2003.
- AMADO, Jorge. “Erico Verissimo pelo mundo afora”. in: CHAVES, Flávio Loureiro (1972) *O contador de histórias: Os 40 anos da vida literária de Erico Verissimo*. Porto Alegre: Editora Globo, 1981. pp.29-34.
- ANDRADE, Jorge. “O galho da nespereira” in: CHAVES, Flávio Loureiro (1972) *O contador de histórias: Os 40 anos da vida literária de Erico Verissimo*. Porto Alegre: Editora Globo, 1981. pp.1-15.
- BAGGIO, Kátia G. “Magia e paixão: o México sob o olhar de Erico Verissimo”. In: *Projeto História*. São Paulo: PUCSP, v. 32, p. 79-95, 2007.
- BONFIM, Maria Aracy. “As viagens de Érico Veríssimo”. *Anais X Congresso Internacional ABRALIC*, 2006. disponível em <http://www.abralic.org/htm/congressos/anais-eventos.htm>
- BORDINI, Maria da Glória (1990). *Erico Verissimo: O escritor no tempo - Homenagem aos 85 anos de nascimento*. Porto Alegre: Sulina.
- _____. (1995). *Criação literária em Erico Verissimo*. Porto Alegre: L&PM, 1995
- _____. (1997). (org.) *A Liberdade de Escrever: entrevistas de Erico Verissimo sobre literatura e política*. Porto Alegre: EDUFRGS/EDIPUCRS/PMPA.
- CARVALHO, Enildo de Moura. *Estados Unidos - espelho do Brasil em Érico Veríssimo e Vianna Moog: um olhar comparativo entre a formação cultural brasileira e norte-americana, segunda as perspectivas do ensaio, da literatura e das ciências sociais*. Santa Cruz do Sul: EDUNIC, 2007.
- CARPEAUX, Otto Maria. “Erico Verissimo e o público” in: CHAVES, Flávio Loureiro (1972) *O contador de histórias: Os 40 anos da vida literária de Erico Verissimo*. Porto Alegre: Editora Globo, 1981. pp. 35-39.
- CHAVES, Flávio Loureiro (1972) *O contador de histórias: Os 40 anos da vida literária de Erico Verissimo*. Porto Alegre: Editora Globo, 1981.
- _____. (2001). *Erico Verissimo: O escritor e seu tempo*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2001.
- _____. (1982). *Erico Verissimo: realismo e sociedade*. 2ª ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.
- DEMARCHI, Ademir. *Erico Verissimo – do mundo ordenado dos EUA à vertigem do México*. 12/12/2005. in: <http://www.cronopios.com.br/site/ensaios.asp?id=819>. acesso em 22/10/2006.
- FRESNOT, Daniel (1977). *O pensamento político de Erico Verissimo*. Rio de Janeiro: Graal, 1977.
- GONZAGA, Sergius. *Erico Verissimo*. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1990. Coleção Letras Rio-Grandenses.

- HOHLFELDT, Antonio. *Erico Verissimo*. São Paulo: Moderna, 2005. Coleção Mestres da Literatura.
- _____. “Terra de contrastes” in: *Erico Verissimo - Cadernos de Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles, 2003.
- LUCAS, Fábio. “O discurso avaliativo de Erico Verissimo” in: *Erico Verissimo - Cadernos de Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles, 2003.
- MORAES, Anita de. *Os olhos do gato: o narrador de viagens Erico Verissimo*. dissertação mestrado USP, 2005. orientação de Flávio Wolf de Aguiar.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy et alii. *Érico Veríssimo: o romance da história*. São Paulo: Nova Alexandria, 2001.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy (org.) *Leituras cruzadas: diálogos da história com a literatura*. Porto Alegre: EDUEFRGS, 2000.
- REMÉDIOS, Maria Luíza Ritzel. “México: Literatura de viagem e autobiografismo”. In: BORDINI, Maria da Glória (Org.). *Atas do seminário internacional Erico Verissimo: 90 anos*. Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS. Porto Alegre: Instituto de Letras/ PUCRS, v. 2, n. 3, novembro de 1996.
- SILVA, Mozart Linhares da. “Apresentação” in: CARVALHO, Enildo de Moura. *Estados Unidos - espelho do Brasil em Érico Veríssimo e Vianna Moog: um olhar comparativo entre a formação cultural brasileira e norte-americana, segunda as perspectivas do ensaio, da literatura e das ciências sociais*. Santa Cruz do Sul: EDUNIC, 2007.
- SURO, Joaquim Rodrigues. *Erico Verissimo: História e Literatura*. Porto Alegre: Sagra-Luzzatto, 1985.
- WASSERMAN, Renata. “Ventos alísios: identidade e intercâmbios culturais em Erico Verissimo”. In: BORDINI, Maria da Glória (Org.). *Caderno de pauta simples: Erico Verissimo e a crítica literária*. Porto Alegre: IEL, 2005.
- ZILBERMAN, Regina. “Erico Verissimo, América latina e México” in: JOBIM, José Luís (org.) *Trocas e transferências culturais: escritores e intelectuais nas Américas*. Niterói: Eduff/ Rio de Janeiro: De Letras, 2008.
- _____. “Mulheres: entre o mito e a história” in: *Erico Verissimo - Cadernos de Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles, 2003.

3. Obras teóricas

3.1. História da literatura e do livro no Brasil

- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 40ª edição, São Paulo: Cultrix, 1994.
- BUENO, Luís. *Uma história do romance de 30*. São Paulo: Edusp / Campinas: Unicamp, 2006.
- CASTELLO, José Aderaldo. *A literatura brasileira: origens e unidade*. São Paulo: Edusp, 1999. 2 vols.
- _____. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 8ª edição, São Paulo: T.A. Queiroz, 2000.
- HALLEWELL. *O livro no Brasil – sua história*. São Paulo: T.A. Queiroz Editor/Edusp, 1985.
- PAES, José Paulo & MOISÉS, Massaud. *Pequeno dicionário de literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1969.

3.2. Viagem, literatura de viagem, tradução e literatura

- AGNOLIN, Adone. *O Sonho Indiano: uma metáfora iniciática na literatura de viagem dos séculos XV e XVI*. in: http://www.imaginario.com.br/artigo/a0031_a0060/a0047.shtml - acesso em 10/10/2006.
- AUGUSTIN, Günther. *Viagens pelo mundo - olhar europeu e interculturalidade na literatura de viagem de Eschwege, Spix e Martius*. tese de doutorado. Programa de pós-graduação em Estudos Literários da Faculdade de Letras, UFMG, 2003.

- BENJAMIN, Walter. (1936) “O narrador” in: Idem. *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1985. pp.197-221.
- _____. (1933) “Experiência e pobreza” in: Idem. *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1985. pp.114-119.
- BORM, Jan. “Defining travel: on the travel book, travel writing and terminology” in: HOOPER & YOUNGS (eds.) *Perspectives on travel writing*. Aldershot: Ashgate Publishing, 2004. p.13-26.
- BRISSON, Ulrike. “‘Naked’ politics in Travel Writing” in: BRISSON, Ulrike & SCHWEIZER, Bernard (eds.) *Not so Innocent Abroad: the politics of travel and travel writing*. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing, 2009. pp.1-16.
- CLIFFORD, James. *Routes: Travel and Translation in the Late Twentieth Century*. Cambridge: Harvard University Press, 1997.
- GIUCCI, Guillermo. *Viajantes do maravilhoso*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- LE HUENEN, Roland. “Le récit de voyage: l’entrée en littérature » in: *Études littéraires*, vol. 20, n° 1, 1987, p. 45-61. disponível em <http://id.erudit.org/iderudit/500787ar>
- MERQUIOR, José Guilherme. *De Anchieta a Euclides - breve história da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.
- MINDLIN, José. “Viajantes no Brasil: a viagem nos meus livros” in: *Estudos Históricos, Rio de Janeiro*, vol. 4, n. 7, 1991, p.35-54.
- PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império – relatos de viagem e transculturação*. Bauru: Edusc, 1999.
- RIBEIRO, Roberto Carlos. (2007a) “Literatura de viagem e historiografia literária brasileira “ in: *Letras & Letras*, Uberlândia, 23 (1) 145-159, jan./jun. 2007.
- _____. (2007b) “A literatura de viagem entre o real e o ficcional” in: *Palpitar - Revista de Cultura*, Porto Alegre, 1º ago. 2007. disponível em <http://www.palpitar.com.br/palpites.php>; acesso em 23 de agosto de 2007.
- ROUANET, Sergio Paulo. (1993a). *A razão nômade: Walter Benjamin e outros viajantes*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1993.
- SCHWEIZER, Bernard. “The Politics of Travel Writing in 2006” in: BRISSON, Ulrike & SCHWEIZER, Bernard (eds.) *Not so Innocent Abroad: the politics of travel and travel writing*. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing, 2009. pp.17-37.
- YOUNGS, Tim. “Where Are We Going? Cross-border Approaches to Travel Writing” in: HOOPER, Glenn & YOUNGS, Tim (eds.) *Perspectives on Travel Writing*. Aldershot: Ashgate Publishing, 2004. pp.167-180.

3.3. Identidade; nacionalismo e identidade nacional; cultura e ideologia nas Américas

- ANDERSON, Benedict. (1983). *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- BERABA, Ana Luiza. *América aracnídea: teias culturais interamericanas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- CHIAPPINI, Lígia (2001). “Multiculturalismo e identidade nacional”. *Cult - Revista brasileira de literatura*. São Paulo, ano V, n.46, p. 18-21.
- DAMATTA, Roberto. (1983). *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.
- _____. *O que faz o brasil, Brasil?* 11ª edição. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- GIUCCI, Guillermo. “Uma carta: Império e nação”. in: ROCHA, João Cezar de Castro. *Nenhum Brasil existe: pequena enciclopédia*. Rio de Janeiro: UniverCidade Editora / Topbooks, 2003. pp.49-62.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. “Quem foi Pero Vaz de Caminha?” in: ROCHA, João Cezar de Castro. *Nenhum Brasil existe: pequena enciclopédia*. Rio de Janeiro: UniverCidade Editora / Topbooks, 2003. pp.35-47.

- HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. org. SOVIK, Liv. Belo Horizonte: Editora UFMG / Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.
- _____. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 9ª edição, Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2004.
- HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos: o breve século XX, 1914-1991*. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- _____. (1990). *Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade*. 4ª edição, São Paulo: Paz e Terra, 2004.
- MENDES, José Manuel Oliveira. “O desafio das identidades” in: SOUZA SANTOS, Boaventura de (org.) *A globalização e as ciências sociais*. São Paulo: Cortez, 2002.
- OLIVEIRA, Lúcia Lippi de. “Modernidade e questão nacional”. in: *Lua Nova*, São Paulo, nº 20, 1990. p. 41-68.
- _____. “Cultura e Identidade no Brasil no século XX”. in: GOMES, Angela de Castro; PANDOLFI, Dulce e ALBERTI, Verena. (org.). *A República no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002. v. 1.
- ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. 5ª edição, São Paulo: Brasiliense, 1994a.
- _____. *A moderna tradição brasileira: cultura brasileira e indústria cultural*. 5ª edição, São Paulo: Brasiliense, 1994b.
- PESAVENTO, Sandra Jatáhy; LEENHARDT, Jacques; CHIAPPINI, Ligia e AGUIAR, Flávio. *Érico Veríssimo: o romance da história* (incluindo ensaio e entrevista inéditos de Antonio Candido sobre o autor de *O tempo e o vento*). São Paulo: Nova Alexandria, 2001.
- PESAVENTO, Sandra Jatáhy (org.) *Leituras cruzadas: diálogos da história com a literatura*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2000.
- REIS Filho, Daniel Aarão; FERREIRA, Jorge e ZENHA, Celeste. (org.) *O século XX – o tempo das dúvidas: do declínio das utopias às globalizações*. 3ª edição, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. vol. 3.
- ROCHA, João Cezar de Castro. “Nenhum Brasil existe: poesia como história cultural”. in: Idem. *Nenhum Brasil existe: pequena enciclopédia*. Rio de Janeiro: UniverCidade Editora / Topbooks, 2003.
- TODOROV, Tzvetan. *Nós e os outros: a reflexão francesa sobre a diversidade humana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
- VELLOSO, Mônica Pimenta. “A Literatura como Espelho da Nação” in: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro: FGV vol. 1, n. 2, 1988, p.239-263.
- VELOSO, Mariza e MADEIRA, Angélica. *Leituras brasileiras: itinerários no pensamento social e na literatura*. 2ª edição, São Paulo: Paz e Terra, 2000.

3.4. Relações EUA e América Latina; imperialismo; globalização

- CANCLINI, Néstor García *Culturas híbridas*. 2ª edição, São Paulo: Edusp, 1998.
- JOBIM, José Luís. “Trocas e transferências literárias e culturais: do nacional aos blocos transnacionais” in: Idem (org.) *Trocas e transferências culturais: escritores e intelectuais nas Américas*. Niterói: Eduff/ Rio de Janeiro: De Letras, 2008.
- MOURA, Gerson (1990). *Estados Unidos e América Latina*. São Paulo: Contexto.
- _____. (1984). *Tio Sam chega ao Brasil: a penetração cultural americana*. São Paulo: Brasiliense. Coleção Tudo é história, nº 91.
- SHOHAT, Ella e STAM, Robert. *Crítica da imagem eurocêntrica*. São Paulo: Cosac Naify, 2006.
- TOTA, Antônio Pedro. *O Imperialismo Sedutor: a americanização do Brasil na época da segunda guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

3.5. Outras obras de apoio

- Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa, versão 1.0, 2001.
- AMANCIO, Tunico. *O Brasil dos gringos: imagens no cinema*. Niterói: Intertexto, 2000.
- AMOROSO LIMA, Alceu de. (1951-53) *Pela América do Norte*. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Cultura, 1955. 2 vols.
- _____. (1955) *A realidade americana: ensaio de interpretação dos Estados Unidos*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Editora Agir, 1955.
- BORGES, Ana Isabel & NERCOLINI, Marildo José. “A (im)possibilidade da tradução cultural”. In: *Congresso Brasileiro de Hispanistas*, 2. São Paulo, 2002. Disponível em: http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000012002000300006&lng=en&nrm=abn>. Acesso em: 01/11/2009.
- CALLIGARIS, Contardo. *Terra de ninguém – 101 crônicas*. São Paulo: Publifolha, 2004.
- CASCUDO, Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.
- MARTINS, Milena Ribeiro. *O Brasil na América: imagens do Brasil e dos Estados Unidos na obra de Monteiro Lobato*. Brasil (Porto Alegre), v. 37, p. 59-71, 2008.
- MOOG, Vianna. (1954) *Bandeirantes e pioneiros: paralelo entre duas culturas*. Porto Alegre: Editora Globo.
- MONTEIRO LOBATO. (1932) *América*. 7ª edição. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956.
- NERCOLINI, Marildo José. “A questão da tradução cultural”. in: *Portal Literat*, postado em 18/07/2005, <http://www.portalliterat.com.br/artigos/a-questão-da-traducao-cultural>, acesso em 02/11/2009.
- _____. & BORGES, A.I. “Tradução cultural: transcrição de si e do outro” in: *Terceira Margem*, Ano VII, nº 8, 2003. pp138-154.
- PEIXOTO, Afrânio et alii. (1937) *Aspectos da cultura norte-americana*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- PORTELLA, Eduardo. “O possível acordo das disciplinas” in: JOBIM, José Luís et alii (orgs.) *Lugares dos discursos literários e culturais: o local, o regional, o nacional, o internacional, o planetário*. Niterói: Eduff / Abralic, 2006.
- SAID, Edward. (1993) *Humanismo e crítica democrática*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- SARLO, Beatriz. “A literatura na esfera pública” in: MARQUES, R. e VILELA, H. (orgs.) *Valores: arte, mercado, política*. Belo Horizonte: Editora UFMG/Abralic, 2002.
- TIMÓTHEO DA COSTA, Marcelo. “E pluribus unum: a experiência americana de Alceu Amoroso Lima”. in: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 27, 2001.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)